Mucio Teixeira

Poesias

H. Garnier

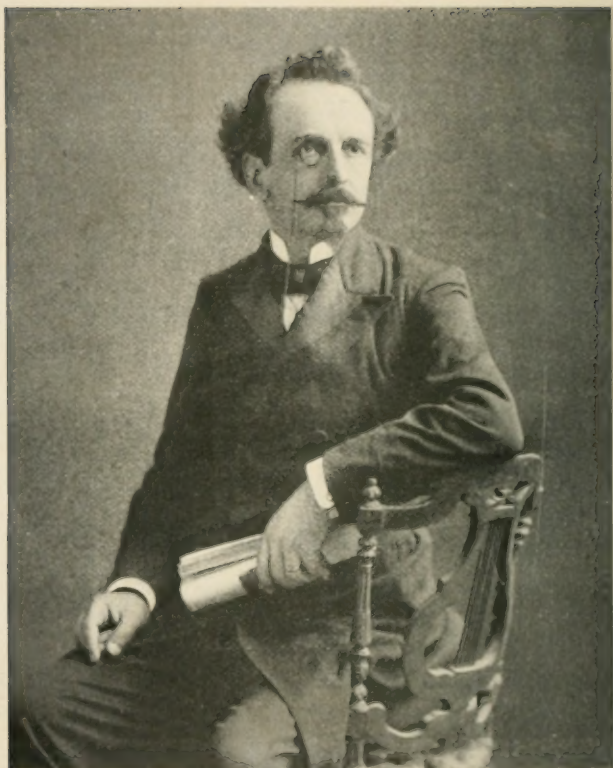
Rio de Janeiro

POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

TOMO I

Mucio Teixeira

POESIAS

DE

MUCIO TEIXEIRA

NOVA EDIÇÃO

Precedida do juizo critico de escriptores nacionaes
e estrangeiros,
de uma Apotheosis poética e de notas

POR

Alvaro de MUCIO TEIXEIRA

TOMO I

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1903

MUCIO TEIXEIRA

Lê-se no *Diccionario Bibliográphico Brasileiro* do Dr. Sacramento Blake, vol. VI, páginas 300 a 302 :

« Mucio Scévola Lopes Teixeira. — Filho legítimo do Tenente-Coronel d'Engenheiros Dr. Manuel Lopes Teixeira e D. Maria José de Sampaio Ribeiro Teixeira, nasceu a 13 de Setembro de 1858 em Porto-Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

« Distincto literato, inspirado poeta e antigo jornalista, bastante tem contribuido Mucio Teixeira para o enriquecimento das letras brasileiras com a publicação de trabalhos de subido valor, muitos dos quaes com tres e quatro edições já esgotadas.

« Algumas de suas obras foram vertidas para o francez, castelhano, inglez e italiano; e actualmente a casa Garnier está fazendo uma edição especial de suas poesias.

« Como funccionario público, Mucio Teixeira foi Secretario da Provincia do Espirito-Santo (1880-1882) e annos depois Consul Geral do Brasil nos Estados Unidos de Venezuela, cargo que abandonou assim que teve noticia da proclamação do actual regimen politico; pois, embora em todos os seus trabalhos literarios tivesse feito propaganda do ideal republicano, era amigo particular do Imperador D. Pedro II, em cujo palacio residira, como hóspede, de 1885 a 1888, querendo por esse modo dar um público testemunho de gratidão ao seu desventurado protector.

« Regressando ao Brasil em 1890, foi eleito presidente do Banco Brasileiro, permaneceu no Rio Grande do Sul durante toda a revolução federalista (1893-1895) transferindo a sua residencia para a Bahia em 1896, de onde regressou ao Rio de Janeiro em 1899, continuando na imprensa desta capital a ser um dos mais esforçados lutadores.

« É condecorado com diversas ordens honorificas, nacionaes e estrangeiras: cavalleiro da Rosa, commendador de Christo e grã-cruz do Libertador Simon Bolivar; membro de varios institutos scientificos e literarios de differentes paizes e socio titular da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes ».

As obras de MUCIO TEIXEIRA, em poesia, intitulam-se: *Vozes trémulas*[1]; *Um Sonhador do Seculo*[2]; *Violetas*[3]; *Ondas e Nuvens*[4]; *Sombras e Clarões*[5]; *Fausto e Margarida*[6]; *A Flor de um dia*[7]; *Contos em Cantos*[8]; *O Inferno Politico*[9]; *Cerebro e Coração*[10]; *Novos Ideaes*[11]; *Prismas e Vibrações*[12]; *A Canôa da Escravidão*[13]; *O Tribuno-Rei*[14]; *Hugonianas*[15]; *Parisina*[16]; *Poesias e Poemas*[17]; *Mulheres do Evangelho*[18]; *O Girafa*[19]; *Rimas de Montalvo*[20]; *Os Pequenos Poemas*[21]; *Caprichos de Mulher*[22]; *Visões e Sonhos*[23], e *Vera Cruz*[24].

Seus livros em prosa são: *O Filho do Banqueiro*; *Alvaro, o Farrapo*; *A Virtude no Crime*; *O que se não pode dizer* e *Montalvo*, dramas[25]; *Historia da Revolução do Rio Grande do Sul*[26]; *Poetas do Brasil*[27]; *A Literatura Brasileira*[28]; *Poetas e Prosadores*[29]; *Perfis Gauchos*[30]; *Tres annos na Bahia*[31]; *Memorias dignas de memoria*[32]; *Relatorio* da Exposição Artistico-Industrial Fluminense[33]; *Biographia de Bethencourt da Silva*[34]; *Vida e Obras de Castro Alves*[35], *Brasil Marcial*[36], e *o Imperador visto de perto*[37].

Durante a sua residencia nos Estados Unidos de Venezuela, publicou MUCIO TEIXEIRA os seguintes livros, em lingua castelhana: *Un año en Venezuela*[38]; *Semblanzas Venezolanas*[39]; *La Administracion del Doctor Rojas Paul*[40]; *Brasileñas y Lusitanas*[41]; *Celajes*[42] e *Poesias de Don Mucio Teixeira*, vertidas al castellano por eminentes Poetas Venezolanos[43].

Mucio Teixeira, prefaciando as *Obras Literarias* de Béthencourt da Silva, diz :

« Quando residimos em Venezuela, estavam muito em voga nas rodas diplomáticas umas interessantes *Confissões de Salão*, cujas perguntas exigiam resposta immediata, para assim melhor se apanhar em flagrante um *documento humano*.

« Em *La América Ilustrada y Pinturesca* de Caracas, de 1888, foram publicadas as respostas que démos ao inquérito que nos foi formulado por uma intelligente e formosa Embaixatriz, etc. » — Taes respostas, bem observadas, dão em resultado, como elle proprio reconhece, uma verdadeira

SYNTHESE AUTO-BIOGRAPHICA

A Embaixatriz. — ¿Qual é a virtude que o Sr. prefere?

Mucio Teixeira. — A Esperança, desde que me disseram que a Fé emigrou deste planeta (uns seis mil annos antes de Christo) e que a Caridade não é mais que *um nome vão*, como disse Brutus da Virtude.

A E. — ¿Que qualidades prefere no homem?

M. T. — Antes de tudo, a independencia; depois, a actividade.

A E. — ¿Que qualidades prefere na mulher?

M. T. — O pudor, sempre; e o carinho, em certas occasiões...

A E. — ¿Qual é a sua occupação preferivel?

M. T. — Ler bons versos (não admitto meio termo em poesia); e fazer caricaturas más... por não saber fazel-as magnificas.

A E. — ¿Qual é o traço principal do seu caracter?

M. T. — Amar muito a poucos, depois de ter amado pouco a muitas...

A E. — ¿Que pensa da felicidade?

M. T. — Que pode ser como o Amor, na phrase de Camões : « um não sei quê, que pode existir, não sei onde... »

A E. — ¿Que pensa da desgraça?

M. T. — Não admittindo a hypóthese da deshonra, ou da cegueira, penso que, perder nossa Mãi quando

temos vinte annos, ou perder-se um filho de qualquer idade ¿não será qualquer destas perdas a maior das desgraças?

A E. — ¿Qual é a sua flor predilecta?

M. P. — A violeta: mas sou um doudo pelas rosas...

A E. — ¿Qual é a cor da sua preferencia?

M. T. — O azul, que me fala do ceu: mas olhe, que o incarnado deve collorir mais vivamente o amor...

A E. — ¿Por quem desejaria trocar a sua existencia?

M. T. — Por qualquer embryão, contanto que nascesse... morto.

A E. — ¿Onde preferiria viver?

M. T. — Em qualquer parte do mundo, desde que pudesse ter a meu lado a Mulher Amada, meus filhos, certas pessoas da minha intimidade... e a vigessima parte dos meus inimigos, para que se esgotassem rápidamente as edições de minhas obras

A E. — ¿Quaes são os seus poetas favoritos?

M. T. — Camões, Byron, Hugo e Campoamor.

A E. — ¿Quaes são os seus autores favoritos em prosa?

M. T. — Cervantes e Edgar Poe.

A E. — ¿Qual é o pintor da sua predilecção?

M. T. — Rafael.

A E. — ¿Qual é o compositor que prefere?

M. T. — Não gosto de música, e muito menos de músicos.

A E. — ¿Quaes são os seus heróes na vida real?

M. T. — Mucio Scevola, o meu homónymo romano; e D. Pedro II, o magnánimō e sabio Imperador do Brasil.

A E. — ¿Quaes são as suas heroinas favoritas na vida real?

M. T. — As donzellas que não lêem Zola, as casadas que não valsam, e as viuvinhas.. de certa idade.

A E. — ¿Quaes são os seus heróes favoritos na novella e na fabula?

M. T. — D. Quixote e Prometheu.

A E. — ¿Quaes as suas heroinas favoritas na novella e na fabula?

M. T. — Julieta e Venus.

A E. — ¿Quaes são os seus alimentos e bebidas preferiveis.

M. T. — Agua e pão... diria eu a meus filhos, si elles me não vissem diariamente comer e beber. Confesso que o meu fraco é ser eu um forte gastrônomo : mas sinto não poder saborear as mais finas iguarias — sinão regadas de vinhos generosos.

A E. — ¿Que nome prefere o Sr.?

M. T. — O que me queiram dar os meus inimigos, contanto que não seja o de nenhum delles.

A E. — ¿Qual é o caracter que mais detesta na historia?

M. T. — HEBERT, o infame detractor de MARIA ANTONIETA.

A E. — ¿Qual é a coisa mais aborrecida para o Sr.?

M. T. — Fazer a barba, ou uma visita de ceremonia.

A E. — ¿Qual é o animal que prefere?

M. T. — Consinta-me reproduzir aqui a phrase do poeta inglez : « quanto mais conheço os homens. mais amo os cães. » Mas... V. Ex. sabe que me préso de ser rio-grandense, — e o gaúcho não esquece o seu cavallo.

A E — ¿Qual é o seu maior defeito?

M. T. — Não saber reprimir os impetos da cólera.

A E. — ¿Qual é a sua melhor qualidade?

M. T. — Saber perdoar.

A E. — ¿Qual é a culpa que o Sr. não desculpa?

M. T. — A falta de senso commum nas pessoas sensatas.

A E. — ¿Em que disposição de espirito se encontra agora?

M. T. — Assim assim...

A E. — ¿Qual é a sua divisa?

M. T. — *Amar e trabalhar.*

A E. — ¿Como desejaria morrer?

M. T. — Fulminado por um raio.

Caracas, 1888.

Mucio Teixeira.

JUIZO CRITICO

CARTA A MUCIO TEIXEIRA

. . . .

As suas *Vozes trémulas* têm para mim o subido mérito de um precioso mosaico, no qual as esmeraldas, os rubis, as saphiras e os diamantes, cravejados em purissima opala, têm valor igual ao trabalho artistico. — Uma catadupa precipitando-se sobre a laça basáltica, espadanando aos reflexos do sol em cada respingo um prisma, eis o que ellas me parecem.

E que eu tenho fé no ideal! E que como CASTELAR penso que « uma sociedade sem ideal vê passar suas idéas como uma procissão de sombras; os espiritos sem ideal desconcertam-se, como se desconcertaria o systema planetario sem a attracção ».

O ideal é o complexo do verdadeiro, do bom e do bello: trilogia da perfectibilidade, de que é apóstolo e martyr o poeta, que, segundo CANTU, é a voz das nações; e como a columna de fogo no deserto, devia marchar á frente dos povos, para lhes indicar a estrada da terra da promissão, da ordem, da moral e da honra.

Isto seria bastante para justificar o enthusiasmo que me despertou o seu livro, si eu não visse sobrenadar na onda amarga da existencia, em que sossobram as illusões e as esperanças, a poesia da alma.

Como nol-o evidencia a divisão do seu livro, tem tres cordas a lyra, que fere com mão, sinão bem firme, com

certeza inspirada. A primeira corda é um *nervo d'alma*, vibrando sentidas dulias ao perpassar das imas impressões.

A segunda é a *corda elástica*, modulando sons harmoniosos á inspiração. É por isso versatil como a phalena, vaporosa como a neblina, indiscreta como a brisa, ephêmera como o pyrilampo, e ao mesmo tempo mystica como o tanger d'Ave-Maria, ardente e magnética como o clarim, e profunda como um gemido athlântico.

A terceira é a *corda bamba*, sobre a qual faz exhibir-se em alta acrobacia o ridiculo sociológico, com os guizos dos seus preconceitos e a gravidade da... maromba.

Dedicando á sua illustre e extremosa Mãi as premissas de seu esperançoso talento, o Sr. Mucio não paga apenas uma dívida de gratidão, o tributo do amor filial, faz mais, — porque lhe promette as glorias que conquistar no futuro.

A sua poesia *A' minha Mãi* é a historia commum, o romance do berço á escola, que quasi todos sabem, porém que bem poucos comprehendem; e que raros podem descrevel-o como o Sr., quando, confessando á autora dos seus dias « que lhe deve mais do que a luz, a felicidade », reconhece que fôra ella quem lhe dera no seio

> Abrigo nessas noites frias, longas,
> Em que o rijo pampeiro nas florestas
> Parece ter a voz das arapongas.

Parece até ser precisa aquella exuberancia de « luz que lhe illumina o espirito », para poder dizer a quem lhe « corrigia os erros com exemplos », que

> Mais que o sêr, minha Mãi, a ti eu devo
> A luz que o meu espírito illumina :
> Foste a Vestal do fogo do meu estro,
> ¡ Era a tua crença a lâmpada divina !

A última quadra, porém, satisfaz a mais exigente critica, e vale, por si só, toda a dedicatoria. O pensamento scintilla na sua expressão e enuncia-se na rapidez e no esplendor do relâmpago :

> A ti, Anjo da Guarda da minh'alma,
> A ti consagro os meus primeiros cantos ;

> Sei que a teus olhos elles valem muito :
> Encerram os meus risos. . . ¡e teus prantos!

O clarão desto relâmpago aureolou o poeta, que cheio de crenças e esperanças atira á luz da publicidade os seus primeiros cantos; e após, como que se arrependendo da acção, accusa-se de desamor para com elles, dizendo-lhes ainda no momento supremo da separação :

> Adeus, pállidos raios do meu estro,
> Adeus, languidas flores da minh'alma...
> ¡Ide buscar-me os louros do triumpho,
> Mesmo trazendo do martyrio a palma!

Pertencem estes versos á poesia *Vozes trêmulas*, que parece envolver uma invocação á sua musa e um adeus aos seus cantos.

O amor é para o poeta o que é o ar para o pulmão, e o mar para o peixe. Temos exemplos em contrário, mas são tão raras essas salamandras da poesia, que só podem ser acceitas para justificar o axioma — não ha regra sem excepção.

Que o meu illustre amigo não pertence á plêyade dos « poetas seccos », dizem e protestam os seus cânticos, todos ungidos desse « nobre sentimento de almas nobres », á *Mercedes*, á sua Mãi e á nossa Patria, onde o amor, em suas tres phases primordiaes, constitue o único assumpto.

Mercedes é o mimoso pseudônymo que, como transparente gaze, nos deixa entrever a meiga e formosa creatura, que descreve

> Pura como essas nuvens d'ouro e púrpura
> Na vastidão da altura,
> Como o sagrado incenso dos thurybulos,
> Mais pura, inda mais pura.

Adorando-a até á idolatria, nega á divindade o raio de luz que o beijou no berço ao fazel-o poeta, atribuindo-o a um olhar do ente querido.

Como o nosso grande e infortunado lyrico *Dirceu*, o meu ardoroso poeta encontra a « doce e cândida origem dos seus hymnos » entre as formosuras da savana gaúcha, que, como revela na poesia *A ti*, o commove e seduz pela flexibilidade e correcção das fórmas, o mimo da

bocca, o moreno da tez, o gracioso das vestes, por tudo emfim quanto tem a innocencia de encantador e attrahente.

Vel-a, admiral-a e amal-a foram actos contínuos. Transição célere e suave que se opera, transformando o espirito humano como o ether condensa os vapores. Os effeitos dessa transição manifestam-se quando ella se tem operado, e é já impossivel destruil-a : é o que ingenuamente exprime na sua poesia *Declaração*.

A virgem dos Pampas, ainda não contaminada pelo scepticismo dourado que denominamos nossa civilisação, ouve pela primeira vez essa linguagem, que nunca ouvira falar, que não comprehende, mas que advinha, pois a extasia e convence : parece-lhe ser a mesma que os pássaros falam, que o arvoredo murmura ; o riacho, que serpeia no valle, tem aquelle rythmo ; e a estrella, em seus lânguidos raios, côa-lhe n'alma aquella doce e suave emoção.

Não define, mas sente ; e desejaria ouvil-a mais perto... Assim, não admira vel-a, em breve, ao lado do poeta á sombra dos jambeiros, « colhendo flores sem temer espinhos ».

. . . .

As *Vozes trémulas* constituem um livro de poesias de alta estimativa : ha ahi, como é natural em um primeiro tentamen, porventura precoce, indecisões, erros e incorrecções que só o tempo, o estudo e a critica, sã e verdadeira, farão desapparecer, em produzindo os seus salutares effeitos.

São, porém, ténues sombras — que se esvaecem ás irradiações da luminosa estemma do predestinado. Garantir-lhe o porvir não é aventurar um prognóstico pedantesco ; mas simplesmente, compulsando provas authênticas, concluir dellas um juizo.

Nasceu poeta o Sr. MUCIO TEIXEIRA ; o seu Anjo da Guarda, beijando-o no berço, incendeu-lhe a fronte com o fogo sagrado. Como ISAAC, prepare a fogueira para o proprio sacrificio ; obedeça ao decreto dessa sublime fatalidade, a vocação, que o attrai ao martyrio da gloria.

Não se deixe, porém, apenas levar pela indolente correnteza do plácido rio ; arme os remos, acurve-se sobre

elles, e vogue... vogue para a foz, para o oceano, para o infinito!...

Como COLOMBO, arroje-se em busca do seu ideal; mas tambem como elle seja previdente, evitando quanto possivel essas fataes nebulosas, que tantas e tão brilhantes esperanças têm abysmado.

Prosiga, pois: e vá tão seguro de si, tão crente no porvir, como fica, pelo Sr., cheio de nobre orgulho patrio, e esperanças, — o seu enthusiasta e dedicado amigo

José Bernardino dos Santos."

Porto-Alegre, 5 de Outubro de 1873.

POLYANTHO

TÓPICOS DE ALGUNS ARTIGOS DE ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS [45]

I

... MUCIO TEIXEIRA, — voilà un poète a qui je dois une si belle et si grande émotion. [46]

Sarah Bernhardt.

Paris, 1886.

II

Triste VIRGILIO coube em sorte a este florentino adolescente, que entra, tão cheio de confiança, num verdadeiro inferno ¡com a alma tão rica de illusões do céu!

Ao mais apedrejado de seus irmãos em utopias cabe a responsabilidade de desviar-lhe os pés das urzes do caminho, antepor-se lhe ao assalto das feras, apontar-lhe o rasto das tribus sanguinarias... e ensinar-lhe a estrada do infortunio, onde o desalento nos espera á porta de um cemiterio de sonhos, emquanto os templarios do ideal repousam, ¡vendo que não passam de miragens as visões da gloria!...

Pouco tenho a dizer ao Sr. Mucio Teixeira, pois seria crueldade apontar as sombras do crepúsculo ao astro que mal desponta entre os esplendores de um róseo amanhecer. Encontramo-nos neste momento em pontos diametralmente oppostos : elle quer tomar o seu logar á vanguarda das legiões que avançam, eu sinto não haver abandonado em tempo a cidadella ameaçada de invasão.

Respeito um poeta como respeito a personalidade, como respeito os segredos, como venero a desgraça ; si alguma corda quebrar da sua harpa, é devido á minha ignorancia, não ao desejo de ostentar, nem querer passar por mestre, nem tudo demolir. Deixo a outros essa dolorosa missão.

Repetirei apenas o que me foi dado dizer a outro poeta, que em melhores tempos me confiou o escrinio de suas fantasias : o livro de um poeta é o livro de sua alma, seus hymnos são manifestações de seu coração, páginas de sua vida.

É preciso, portanto, muito cuidado, muito escrúpulo em abrir essas folhas, doces e perfumadas, sensiveis como a flor do Lothus, frágeis como as rosas de Smyrna, que basta um bafejo para murcharem.

Direi, pois, ao Sr. Mucio Teixeira o que já disse, ha dez annos, ao Sr. Ferreira de Menezes : — aperfeiçõe-se cada vez mais, componha novas obras; e, ou em nossa terra se abafa o talento, ou terá uma bella reputação.[46 bis]

Rio, 1873.

L. N. Fagundes Varella.

III

Tem o meu joven poeta muitos versos bons em seu livro; tem principalmente o Sr. MUCIO TEIXEIRA muita poesia em seus versos, mesmo naquelles que não são completamente irreprehensiveis; quer dizer que é poeta da alma, que tem em sua sensibilidade, em seu espirito, essa harpa eólea das harmonias naturaes, vibrada nos intimos do sêr por um sopro ignoto, por um numen mysterioso — o estro, a inspiração.

Ha em suas estrophes um ressumbrar de melodia natural, dessa melodia que certas imaginações instinctivamente poéticas trescalam, e que bem poderamos chamar os perfumes da intelligencia.

Si ha diamantes que é mister mondar laboriosamente da crosta rude e espessa, para que o iris que ella occultava jorre em luz cambiante, outros ha meio desbravados já pela natureza, que ao primeiro olhar do mineiro respondem com a irradiação de um fulgor bravio; o seu talento poético sahiu da infancia como esses diamantes da jazida, já meio lapidado. [47]

Oliveira Bello.

Porto Alegre, 1875.

IV

MUCIO TEIXEIRA não se contenta com ser um dos mais inspirados, e incontestavelmente o mais fecundo de todos os poetas brasileiros; é tambem um prosador insigne, profundo conhecedor da lingua portu-

gueza, com direito a figurar na galeria dos mais illustres do passado e do presente.

Há na sua poesia o fogo dos trópicos; e a sua prosa lembra as grandes árvores desse maravilhoso paiz, de raizes encravadas na uberdade do solo, ostentando sempre sob uma folhagem verde e opulenta, os mais doces fructos de sabor vernáculo. [48]

M. Pinheiro Chagas.

Lisboa, 1889.

V

Mucio Teixeira é ainda quasi uma criança, pois conta apenas 15 annos de idade, e no entanto já é um dos mais inspirados representantes da poesia rio-grandense.

Castro Alves transpoz os humbraes da posteridade; Fagundes Varella e Carlos Ferreira ainda empunham as lyras vibrantes de suas inspirações; mais um filho dilecto das musas assoma nas flóreas avenidas do Parnaso; peço a estes que lhe estendam mão amiga, conduzindo-o para perto da curul envolta em crepe pelo desapparecimento daquelle.

Não precisa, porém, do auxilio de uma fraca mulher, quem já ostenta em seus hombros dragonas de commando, numa idade em que, entre nós, nenhum outro ainda se atreveu a alistar-se nas fileiras dos combatentes. [49]

Amalia Figueirôa.

Porto Alegre, 1872

VI

Do Rio Grande do Sul voz amiga chama a minha attenção para uma criança de notabilissimo talento, que acaba de dar a lume as suas primeiras producções poéticas.

Chama-se Mucio Scévola Lopes Teixeira, é filho de uma das mais importantes familias de Porto Alegre, e irá muito longe, si o animarem com verdadeiro interesse.

São lindíssimas as suas primeiras poesias ; Mucio é uma pequena ave que começa a ensaiar o vôo aos primeiros symptomas da primavera.

Os jornaes do sul, dando ao público os primeiros cantos do poeta nascente, annunciam com afã um talento de primeira ordem, e parecem querer advinhar o futuro...[50]

Carlos Ferreira.

Rio, 1873.

VII

Tenho agora mesmo entre as mãos um livro de versos. A leitora naturalmente já sorriu, mostrando interesse em conhecer o poeta. Satisfaço com a maior satisfação a sua natural curiosidade — e apresento-lhe o Sr. Mucio Scévola Lopes Teixeira.

É um mancebo de quinze annos, que ama o estudo e tem diante de si um largo e brilhante futuro. Na idade feliz em que tudo é visto por um prisma deslumbrante, em que se vive de sonhos e esperanças,

Mucio, sentindo abrasar-lhe a fronte o fogo da inspiração, ¡trava da lyra e canta!

O seu primeiro hymno é consagrado á sua Mãi. Prova esplêndida de que ha no seu tenro coração nobres sentimentos. Uma mãi é um thesouro inestimavel, porque é triste si a dor nos fere, e é feliz quando a ventura nos sorri. ¿Quem portanto mais competente para merecer o primeiro canto do poeta?

Para a sua idade tem feito muito o Sr. Mucio, pois não é facil em tão verdes annos fazer bons versos, em que a critica justa e sensata não tem muitos senões a notar.[1]

Aurelio de Bittencourt.

Porto Alegre, 1872.

VIII

Paremos um pouco, caminheiro ousado de progresso; estamos na quadra feliz em que a alma se expande aos sonhos e ás illusões, e nesta terra, em que a poesia resurge dos poros da natureza.

¿Vês? além o pampa immenso, que se desenrola em horisontes azulados; essas florestas que sussuram sacudidas pelo vento, e os rios caudaes que em catadupas de escuma rolam bramindo pelo alcantil; e os oceanos que marulham, balançando as suas rêdes de vagas; e além, no ether infinito, em ondas de luz e ouro, o sol, alâmpada fulgente suspensa no tecto do céu.

E os clarões avermelhados do occidente, e as orlas de púrpura do leito da aurora; no céu, o vento que galopa bramindo; e na terra os gemidos das selvas...

De um lado o suspirar queixoso das auras, de outro

o soluçar da araponga nas franças do pinheiral. Tudo isto é um mundo de poesia e amor, porque a natureza borbulha a vida, e o pensamento no meio della despede a lava.

Canta, porque tens nos labios uma harmonia ignota; ¡canta, porque tua alma, illuminada com a luz da poesia, é grande como a immensidade! Lembra o passado como o vate escossez; sonha, como o taciturno allemão sobre as páginas de *Werther* — o livro do coração; delira, como HOFFMANN no *Tanoeiro de Nuremberg*; e canta os heróes de nossa patria como SCHILLER, o immortal, immortalisando o heróe suisso.

Espaço estreito e ingrato para a elevação do teu genio, procuraste no âmbito das paixões politicas alçar o teu vôo arrojado. Ergueste do túmulo os fantasmas augustos dos mártyres da liberdade, aureolando-lhes a fronte com a grinalda dos teus cantos, por isso tiveste de abandonar teus lares (*), mas o anjo da gloria seguiu-te na romagem.

... ¿Quem pode tolher o passo ao rio que se des-

(*) MUCIO TEIXEIRA era então cadete de cavallaria; recitou no theatro S. Pedro uns versos *Aos Inconfidentes*, na presença do general commandante das armas, que o mandou prender e desterrou-o para a campanha, com destino ao 5° regimento de cavallaria, estacionado em Jaguarão.

J. M. BAPTISTA PEREIRA, que tambem era cadete de cavallaria e estudava na Escola Militar de Porto Alegre, ao publicar os artigos de que são extrahidos estes tópicos, foi immediatamente desligado da academia, preso e deportado para Jaguarão.

Os alludidos artigos foram publicados nas *Revistas do Parthenon* (3° anno, ns. de Setembro e Outubro de 1874), com o pseudónymo de *Augusto Luis* (o pseudónymo de MUCIO TEIXEIRA era *Octavio*) e intitulavam-se *Duas palavras sobre literatura*.

Ambos desgostosos abandonaram a carreira das armas.

penha da serra? ¿quem pode suster a subida da aguia quando vôa nos ares? ¡Deus! Assim, genio, tens por mundo a immensidade e por termo o infinito. Poeta, tens a natureza que resplende — e o passado rico de recordações. Homem, tens a liberdade do pensamento, liberdade que emana da vontade immutavel de Deus e da soberania do espirito.

Lembra-te, meu amigo, que o genio não colhe louros, si elles não são orvalhados pelo pranto do martyrio, pois o ideal está muitas vezes no soffrer, e o bello tem o seu cortejo de dores.

É mister, pois, acompanhar o progresso social na sua phase mais brilhante, marchar com o desenvolvimento do espirito na senda luminosa que atravessa neste século o positivismo, porque a poesia está na verdade, e esta é representada pelos magnificos trabalhos da moderna sciencia.

Ao envez dos bardos da antiguidade, que se inspiravam nos deuses do paganismo, evocando as luzes do Olympo para doirar as suas epopéas, que fundavam as suas crenças nas scenas mythológicas e voltavam-se para o idealismo ou a fantasia, a musa do presente século revê-se no sanctuario da verdade.

Ha no imo de nossa alma um sentir que nos eleva aos olhos da nossa propria natureza, que nos fortalece contra os embates da fatalidade, que nos alivia as dores, que nos enxuga as lágrimas da tribulação. É a esperança, no céu nebuloso da vida, esclarecendo-a, como um ponto de luz na escuridão da tempestade.

¿Quantas vezes essa virgem amorosa da mocidade não nos tem acalentado ao som de suavissimas harmonias? E quando o coração, presago de alguma desventura, se entristece por emoções dolorosas, é ella

ainda que nos acaricia a fronte abatida pelos pesares. É no desfazer-se a alva escuma das illusões juvenis, que a virgem compassiva nos embala á noite com os sonhos do porvir.

Avante, pois, meu amigo, e comtigo essa mocidade ébria de aspirações. O templo do saber nos offerece seus altares, sacrifiquemos algumas horas de repouso e desses loucos prazeres que fogem como as nuvens no azul do firmamento.[52]

J. M. Baptista Pereira.

Porto Alegre, 1874.

IX

O talento poético de MUCIO TEIXEIRA revelou-se expléndido no mimoso livrinho das *Violetas*, lindo ramalhete formado das flores mais mimosas, colhidas no jardim de sua rica imaginação.

Naquellas 216 páginas, que formam o volume, soube o poeta derramar tantas pérolas de sentimento e lyrismo de sua alma inspirada, que difficil se torna escolher esta ou aquella poesia.

Pode-se dizer deste seu novo livro de versos : — que se abre com curiosidade, lê-se com prazer e fecha-se com saudade.[53]

Gustavo Vianna.

Porto Alegre, 1875.

X

Contando apenas 17 annos de idade, quando quasi todos mal ensaiam os primeiros passos na senda das

letras, já o bravo poeta dos Pampas prosegue a largos e seguros passos pelos mais altos pincaros do Parnaso, deixando na sua passagem victoriosa um rasto de applausos e admirações.

Mucio Teixeira reuniu hontem á noite, na sua poética e confortavel habitação dos Moinhos de Vento, um grupo de poucos, mas dedicados amigos, lendo-nos o seu ultimo livro (*Ondas e Nuvens*), o que foi para nós uma verdadeira festa do talento.

Mucio Teixeira, que apparentemente é um rapaz arrastado na onda dos prazeres da sua idade, tem consagrado longas vigilias aos livros de sciencia, e a prova desta verdade, que a mais de um leitor poderá causar estranheza, é que em cada um dos seus novos livros accentua a marcha progressiva do seu talento, a transformação completa do seu ideal.[54]

Theodoro de Miranda.

Porto Alegre, 1875.

XI

Mucio Teixeira possue o condão da poesia, a par de uma sympatia irresistivel; as suas phrases fluentes, ricas de inspiração, repletas de bellas imagens, fazem com que as pessoas que gosam da sua convivencia, lhe votem uma amisade fraternal e admiração profunda.[55]

Revocata H. de Mello.

Rio Grande, 1877.

XII

Desde os seus 15 annos MUCIO TEIXEIRA constituiu-se o encanto de todos; vivo, intelligente, bonito, ousado, elle já denunciava o que hoje é.

Menino ainda, quiçá cheio da innocencia e do pundonor natural dos que ainda não penetraram no mundo, ignorando os seus trevosos mysterios, sem ter perdido ainda, em troca duma experiencia cruenta, a candura d'alma; elle brandia as cordas da sua lyra e arrancava do coração canções melodiosas, sem regra talvez e sem arte, mas respirando todas o suave aroma das suas quinze predestinadas primaveras.

Mucio cantava — porque nascera poeta; e quem nasce poeta, quem mereceu do céu ou da natureza esse bemdito presente, quem sente na alma a inspiração, no craneo a febre, não se furtará nunca ao destino fatal de cantar até morrer.

Poderíamos affirmar que esta hypóthese scintífica (a theoria das idéas innatas) se realisava em MUCIO TEIXEIRA, si, tendo acompanhado quasi passo a passo a sua vida literaria, não estivéssemos intimamente convencidos de que o nosso inspirado comprovinciano tem todavia estudado, ao menos tanto quando lhe permitte a versatilidade da sua existencia de poeta.

Memoria felicíssima, em que facilmente se grava tudo quanto lê e ouve, o joven poeta devêra ser um excellente mathemático, si não fosse um desses espiritos enriquecidos pela possessão do talento, que não param, não se fixam, sem constancia, sem decidida applicação.

O seu pensamento único, nobre e generoso, é a acquisição da gloria : para obtel-a, arranca a todos os instantes do craneo anhelante borbotões de inspiração. Nas areas do peito bate-lhe um coração leal, cujas aspirações se reduzem em viver um dia na lembrança da posteridade.

Sêde de popularidade, desejo de firmar-se mais na consideração do público, eis as suas ambições de hoje. A criança despretenciosa de outr'ora tornou-se justamente ambiciosa, porque a sua ambição, o seu interesse de actualidade é todo fundado nos palpites de sua alma de poeta, que o impellem fatalmente á estrada da gloria.

¡E trabalhou a extraordinaria criança ! Cada dia que passava, cada instante que decorria levava comsigo um producto de tão rica imaginação, uma primicia do seu descomunal talento. Incansavel, encerrado no seu gabinete forrado de estantes, curvado sobre a mesa, vasando no papel tudo que a imaginação e o estro lhe ditavam, elle parecia querer voar em busca do seu ideal. [56]

Arthur Rocha.

Porto Alegre, 1877.

XIII

Mucio Teixeira é um joven que ennobrece o torrão que o viu nascer. Infatigavel collaborador do progresso intellectual da sua patria, já tem na sua bagagem literaria os mais invejáveis titulos á benemerencia pública e admiração dos seus contemporaneos.

Mucio Teixeira já tem o seu nome firmado e uma reputação sólida na literatura : é um talento robusto,

comprovado; resta agora que elle não atrophie o seu nobre espirito no borborinho da politica, que mata todas as esperanças elevadas. [57]

Carlos von Koseritz.

Porto Alegre, 1877.

XIV

O nome de Mucio Teixeira, do poeta que ainda na infancia já se fazia admirar, pela delicadeza do seu estro, é hoje um dos mais festejados em todo o Brasil — que se orgulha de o contar no número de seus filhos Illustres. [58]

F. A. de Carvalho Júnior.

Rio, 1877.

XV

Poeta e democrata, Mucio Teixeira fez da liberdade uma de suas musas, sinão a sua principal inspiradora.

Harmonioso sempre, embora algumas vezes descuidado, quer nos impetos da ode, quer nos lamentos da elegia, elle canta com viva paixão, e faz vibrar as cordas da alma.

Na poesia intima, ou na collectiva e social, o autor das *Sombras e Clarões* mostra-se sempre expontaneo, inspirado e musical. Ha nos seus livros a revellação de um engenho de primor. [59]

Joaquim Serra.

Rio de Janeiro, 1877.

XVI

Este joven poeta é um dos mais festejados e distinctos talentos da nova geração. Todos os seus livros fazem conhecer nelle muito fogo e enthusiasmo; o seu verso é facil, as imagens arrojadas, mas sempre poéticas.

Dotado de muita imaginação, de phrase brilhante e conceituosa, o Sr. MUCIO TEIXEIRA recommenda-se tanto pela riqueza das rimas e a belleza do verso como pela elevação com que trata os assumptos. (1)

A. E. Zaluar.

Rio, 1877.

XVII

Um moço corajoso e valente, forte e cheio de talento, riu-se quando lhe segredaram as opiniões... Sentou-se á mesa e escreveu no frontespicio do seu último livro — *Sombras e Clarões*.

MUCIO TEIXEIRA não é nosso amigo e nem siquer o conhecemos. Basta, porém, abrir as primeiras páginas do seu livro para lhe adivinhar a idade.

A primeira parte das *Sombras e Clarões* indica perfeitamente que o *sans-culotte* procura intimidar a realeza, apeial-a do throno...

Feliz ou infelizmente os poderosos, apezar de acharem pesada a cruz da realeza, não se deixam facilmente crucificar; e, quando as ondas da populaça invadem, crescendo, palacios e até cidades, elles

bradam do alto de seus castellos: — *nous ne sortirons que par la force des armes.*

Quanto a mim, nunca me occupei das resoluções que são as mais difficeis, justamente pela sua propria facilidade: *Divina mediocritas!* — No livro do joven poeta ha versos heroicos, verdadeiramente inspirados, perfeitamente escriptos.

No gênero lyrico é que preferimos applaudil-o. O talento e o genio podem expandir-se, abrir as azas, e qual Prometheu investir ao sol. São arrojos de momento, que só acham éco no delirar de um povo.

A poesia verdadeira, que dóe e sensibilisa, é a do gênero lyrico. MUCIO TEIXEIRA escreve com mimo e amor, e, si quizéssemos dar-lhe um conselho, dir-lhe-íamos: neste gênero poderás escrever brilhantes páginas. Não se envergonhe ninguem de ter um coração, quando a moda exige mais cabeça. [61]

Alfredo Bastos.

Rio, 1877.

XVIII

Tenho acompanhado com verdadeiro e grande interesse os passos que tendes dado na florida senda da poesia. Nascestes poeta; aos 15 annos trináveis versos, que podiam invejar-vos poetas de certo renome. Ao 20, tendes dotado a literatura patria com alguns volumes de poesias entre as quaes se encontram verdadeiras pérolas de inspiração.

Ha pouco ainda me mandastes uma traducção de GOETHE, que prova quanto sois mestre da fórma, e como versos irreprehensiveis baixam dos bicos da

vossa inspirada penna, sem constrangimento nem esforço, ainda mesmo em traducção.

Devo entretanto observar-vos que tenho visto, com pesar, como a passo accelerado vos afastais da escola idealista. Tenho sempre lamentado esta pronunciada queda para o espirito byroniano, que se nota nos jovens que ensaiam seus primeiros passos na senda da poesia. Tambem passei pela mesma provação, e sei quanto custa vencer-se tal inclinação.

Entretanto acho isto ainda natural; quero admittir que vós, meu joven amigo, já pela precocidade do vosso talento, já pela vida que tendes tido desde vossos verdes annos, tenhais mais algum direito ao espirito byroniano do que muitos dos vossos collegas. Creio mesmo que a esse espirito devestes algumas de vossas melhores inspirações.

Mas, meu querido poeta, o que realmente me assustou, foi a nova de que estais escrevendo um drama realista. ¿Pois vós, o joven inspirado, quereis tão cedo passar para as fileiras do realismo?

Si BYRON devia formar a ponte que do idealismo vos tem de levar ao realismo, lamento profundamente que o houvésseis conhecido e elle proprio o lamentaria, si vivesse e vos conhecesse. Porque BYRON, não obstante todo o seu scepticismo, não obstante o seu systema pessimista no ajuizar dos homens, das coisas e do Universo, era idealista da mais pura agua.

Ora, um joven poeta, cheio de nobres inspirações como vós, meu amigo, si tiver de escrever dramas, deve filiar-se á escola idealista, nunca, porém, á realista. Deixai esse ramo aos que, gastos pela vida e corrompidos pelos excessos, já não têm inspirações proprias, já não concebem idéas, e, em vez de poetas, se tornam simples copistas da realidade.

Não tenho a filaucia de julgar as minhas singelas palavras assás poderosas para afastar-vos do vosso proposito. Obedeci, porém, á voz da consciencia, manifestando-vos os meus sentimentos. Protesto contra esse desvio em que ides penetrar, porque amo o vosso talento — e entendo que valeis mais do que a maior parte dos que por ahi se intitulam poetas. — Adeus, meu poeta. Vosso bom genio vos inspire.[62]

Carlos von Koseritz.

Porto Alegre, 1878.

XIX

Mucio apparecia em toda parte: nos theatros, nos cafés, nos passeios; emfim, onde cheirava a divertimento, procurassem-no, que o encontrariam, de cigarro á boca, bigode torcido, chapeu desabado, pilheriando á grande... Isto na rua, nos cafés, ou no jardim dos theatros.

Em casa o caso mudava de figura: engolfava-se na leitura e produzia versos, muitos versos, engolfado tambem num chambre furta-cor, fumando sempre. Lia muito, o meu amigo; e escrevia ainda mais.

Veio um dia, porém, em que os companheiros o estranharam: andava taciturno e melancólico, perdera a jovialidade primitiva, e pensava em voltar á patria...

Soffrera o poeta um golpe, desses que ferem tão fundo, que é impossivel mitigar a dor que causam: perdera sua Mãi, ¡o ente querido de sua existencia! Resolveu partir, e partiu.

A demora foi curta, felizmente; está elle agora de novo na Côrte, segundo dizem os jornaes cariocas: e

trouxe desta vez comsigo mais dois livros, o das *Sombras e Clarões* e o poema *Fausto e Margarida*. ¡Que fecundidade, em um espirito tão juvenil ainda!

Tal precocidade espanta, tamanha fecundidade causa admiração; e para mim, se espanta, não deixa de despertar um presentimento triste... Não sou o único a pensar assim, alguem já lhe citou os exemplos que temos tido em ALVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, CASIMIRO DE ABREU e CASTRO ALVES, todos mortos na flor dos annos...

Mas nada de goivos, onde só deve pairar a jovialidade. Além disso, MUCIO não é um tolo, que se lembre de morrer, — quando a sua única preoccupação é vir a ser um immortal. [63]

Oscar Pederneiras.

S. Paulo, 1878.

XX

MUCIO TEIXEIRA, que outr'ora trinava como o sabiá no leque das palmeiras, é actualmente a aguia atrevida que rasga os véus do firmamento, espadanando das azas convulsas estrophes de fogo, que vão dardejando coriscos.

Ha nas suas poesias, não só a suavidade e correcção artistica, mas uns tons voluptuosos de lagos tranquillos, e uns reflexos sinistros de oceanos em tempestades.

Só a América produz destes sêres phenomenaes, que não são lógicos na indole nem submissos nas fórmulas. Ha sempre nelles, mesmo nos espiritos mais disciplinados, uma scentelha de EDGAR PÖE. [64]

Arthur de Oliveira.

Rio, 1878.

XXI

Fragmento da acta da sessão de 12 de agosto de 1879, do *Instituto dos Bachareis em Letras* do Collegio Pedro II :

« O Sr. presidente concede a palavra ao illustre Poeta, que depois lê o seu bem elaborado poema *Cérebro e Coração*, prendendo durante algumas horas a attenção dos socios.

Ao terminar a leitura, que foi vivamente applaudida, o Sr. Presidente (Dr. ANNASTACIO DO BOMSUCCESSO) em nome do *Instituto* sauda o Sr. MUCIO TEIXEIRA, felicitando o pelo trabalho apresentado, asseverando-lhe que, si já não fosse conhecido e devidamente apreciado o seu talento, o *Cérebro e Coração* seria bastante para grangear-lhe posição distincta entre os nossos laureados poetas ». [65]

Dr. Garcez Palha.

XXII

Firmada por mais de uma mimosa producção a sua reputação de bom poeta, deu o Sr. MUCIO TEIXEIRA agora á estampa mais um poema, *Cérebro e Coração*.

A narração e a descripção alternam aqui de fórma talvez irregular, mas de industria calculada para mais funda impressão deixar no ánimo do leitor.

A imaginação, viva e rica de imagens felizes, não é peada pelo verso, sempre fluente e facil. Mesclam-se neste poema varios metros e varios estylos : por vezes entrelaçam-se o trágico e o burlesco, o romanticismo e o realismo.

Nem sempre estes saltos agradarão ao coração e ao espirito, como que forçados a estacar de chofre na vereda por onde eram lançados; mas ha um encanto tal, derramado por todo o poema, que seduz e arrasta.[66]

Dr. Luis de Castro.

Rio, 1880.

XXIII

Largo, brilhante e feliz deve ser o futuro de quem como o Sr. Mucio Teixeira possue um cérebro capaz de produzir as estrophes do canto intitulado *Asa Negra*, e um coração em condições de sentir assim.

A sua *Sulamena* é um typo, embora lançado em moldes um tanto conhecidos, feliz, tanto mais porque o joven poeta soube opulental-o das louçanias de um sentir quasi essencialmente seu.[67]

Victor da Cunha.

Rio, 1380.

XXIV

Tem o Sr. Mucio Teixeira um talento poético muito notavel. Os seus versos são fluentes, a rima facil e muitas vezes nova.[68]

Franklin Távora.

Rio, 1880.

XXV

Mucio. — Li o teu último livro e dou-te um cordeal aperto de mão. Acredita, falo-te com a franqueza de que sou capaz:

O teu *Cérebro e Coração* não é um poema para firmar uma época literaria, nem para deixar uma impressão profunda; mas é um trabalho artístico, delicado, um pouco romântico, é verdade, porém cheio de irradiações que deslumbram.

Não ha no teu poema um verso manco, que nos faça irritar os nervos nem perder o appetite. A tua metrificação é elegante sempre, e ha estrophes no teu livro de tal belleza e naturalidade, que nós repetimos a leitura e acabamos por decoral-as.

És um poeta de quem já se orgulha a nossa Patria; um poeta, como por ahi não se anda encontrando a cada passo... Os órgãos da imprensa, que estão no caso de dirigir a opinião, já te fizeram a devida justiça. E' quanto basta. [69]

Lins de Albuquerque.

Rio, 1880.

XXVI

Joven, cheio dos ardores dos verdes annos, com o espírito formado para os grandes deslumbramentos poéticos e sublimes exaltações das naturezas francas, Mucio Teixeira não podia deixar de tomar parte activa na gloriosa cruzada dos obreiros do progresso.

Grande é a cópia dos livros que já tem publicado.

Temos ouvido falar bem delles; todavia, ainda não nos coube o prazer de ler nenhum, não podendo por isso dizer si são capazes de dar a medida de uma individualidade literaria.

Cérebro e Coração é o primeiro que nos vem ás mãos, merecendo-nos todas as attenções devidas aos filhos de um trabalhador honesto. Este não representa para nós um livro, parece-nos uma página do poema dos vinte annos. E'o joven poeta o proprio que o diz.

O canto V é um dos mais bellos, pela singeleza com que está escripto. Ao lel-o suspira a gente por uma tarde como aquella... Temos ahi umas estrophes singelas como as camponezas, mas cheiras de belleza e sentimento.

As do desenho de *Sulamena* são tambem uma pintura feliz. Ha ainda a scena do *Baile*, que tem umas lindas estrophes, muito verosímeis, e com o seu fundo de crítica. Para recommendar o livro basta o *Diálogo* da velha e do poeta.

É, pois, o *Cérebro e Coração* assim como que o adeus do poeta á idade metaphysica. MUCIO TEIXEIRA possue todos os attributos para que chegue a ser um grande poeta. [70]

Manços d'Asia.

Rio, 1880.

XXVII

... em seu bello livro (*Novos Ideaes*) a primeira parte, sob o titulo *Flores do Pampa*, muito me agradou, porque é *realista*, mau grado a moda, quero dizer, exprime a *verdade* da vida *pampeana* pelo seu lado innocente e serio.

O poeta não teve necessidade de encher aquella parte do seu livro de almas enfermas e de pernas e corpos nús... E elle fez bem.

Mucio Teixeira é homem do seu tempo, e obedece ás inclinações da época; é tambem homem de seu paiz, e não esquece o meio em que ha vivido. Seu livro accusa este dualismo a que obedecem sempre os bons poetas.

Esse moço tem já produzido e publicado muito, e conta apenas 22 annos de idade. Seu espirito é generoso e franco; seu talento aberto a nobres impulsos.

Seu temperamento é e será sempre o de um poeta. Difficilmente tomará outra direcção. Nem elle deve fugir ao seu destino; no meio do nosso pavoroso epygonismo literario, está predestinado a representar um grande papel.

Mucio Teixeira é um cimo, no meio de algumas dezenas de rapazes que por ahi vivem a fazer... alexandrinos cheios de *párias*, de *crimes esverdeados*, de *alcouces e barregãs*... etc.

... teremos muitos fructos a colher, e Mucio Teixeira, si o quizer, ha de ser dos mais avantajados na faina. — Seu último livro é uma realidade; mas seu talento promette ainda mais. [71]

Sylvio Roméro.

Rio, 1879.

XXVIII

Na poesia, o inspirado Sr. Muco Teixeira, rompendo com os prejuizos de escola, tem determinado para si um logar na archibancada dos nossos homens de letras. [72]

Servilio Gonçalves.

XXIX

Não ha muitos dias dávamos noticia de um poema do Sr. Mucio Teixeira, e eis que já temos ahi do mesmo poeta um livro de poesias, *Novos Ideaes*, em 300 páginas.

Aos 22 annos o S. Mucio Teixeira tem publicado oito livros, annunciado-nos já no prelo mais tres e para publicar ainda outros, entre os quaes tres dramas em 5 actos cada um. — ¡ É uma fecundidade rara !

Si o velho Horacio aconselhava que, antes de entregar um livro aos leitores, o autor o manuseasse dia e e noite por espaço de sete annos, são mui diversas as circumstancias de hoje.

Imprime-se rápidamente, e é quasi tão facil entregar cada qual á estampa como ao papel as suas producções quaes lhe brotam do proprio engenho.

Imprime-se; depois, o que tem de viver, vive; o que tem de morrer, morre. O que sobrenada á voragem pode ainda ser apurado em edições futuras.

Vá, pois, o Sr. Mucio Teixeira imprimindo tudo; mais tarde elle mesmo verá o que deve fixar com o seu proprio cunho. O resto servirá para marcar as evoluções porque passou o seu espirito.

Actualmente mesmo o joven poeta está passando evidentemente por uma destas evoluções; oxalá se fixe em bom caminho.

Não se filia elle em nenhuma escola conhecida; de todas tomou um pouco, e poude assim constituir-se uma individualidade propria.

Nunca poderiamos censurar o poeta pelas suas idéas republicanas; parece-nos, porém, que vai elle um

pouco longe no seu ódio contra os tyrannos e na sua apotheose dos *Socialistas*.

Tambem não podemos deixar de lamentar que, tomando VOLTAIRE pelo « apóstolo da Verdade », procure ir « desmoronando a Igreja e esboroando o Throno »...

Fiamos, porém, que momentaneamente arrastado pelo ardor juvenil, pela vivacidade de uma imaginação fogosa, e mesmo, não ha porque negal-o, por uma aspiração generosa, em breve maduro o seu espírito, o levará por outro caminho. [73]

Dr. Luis de Castro.

Rio, 1880.

XXX

Talento espléndido, de posse de um vocabulario riquíssimo e de todos os segredos do verso, e joven ainda, pode o poeta, como é de esperar, levantar-se tanto — que não inveje a nossa patria alheias glorias.

A historia do nosso paiz é fertil em factos grandiosos; é preciso dizel-os ao povo nessa linguagem que grava e encanta. E o Sr. MUCIO TEIXEIRA está no caso de poder fazel-o. [74]

Vasco de Araujo e Silva.

Porto Alegre, 1880.

XXXI

Dos livros de MUCIO TEIXEIRA é este (*Novos Ideaes*) o mais brilhante; ha nelle verdadeiras pérolas de poesia, constituindo uma espléndida manifestação

daquelle precoce talento, que nos promette tão ampla messe de bellos fructos.

Sua individualidade literaria já foi devidamente aquilatada por juiz da mais alta competencia; nosso commum amigo SYLVIO ROMÉRO disse que « MUCIO TEIXEIRA é um cimo no meio de poetas » que se cruzam empavezados na rua do Ouvidor.

Acompanhámos o desenvolvimento do estro de MUCIO TEIXEIRA, desde os seus verdes annos; ouvimos e apreciámos os primeiros harpejos que arrancou á lyra quasi infantil; seguimol-o nas evoluções a que o arrastou a impetuosa paixão da juventude, e admiramos hoje os sasonados fructos do seu talento viril.

MUCIO TEIXEIRA é o primeiro poeta da nossa actualidade, e o seu último livro merece um estudo especial. Promettemos fazel-o, porque acompanhar o joven cantor em sua marcha ascendente é ainda servir ás glorias desta livre terra do Rio Grande do Sul, cujos pampas não acharam para a sua poesia especial, intérprete mais genuino, melhor cantor do que MUCIO TEIXEIRA.

Aproveitamos o ensejo para dizer ao público que o Sr. MUCIO TEIXEIRA, finda a sua actual commissão de Secretario do Governo na provincia do Espirito-Santo, pretende fazer uma viagem a Europa, demorando-se na Hespanha e na Italia.

No paiz de CERVANTES e de ESPRONCEDA, bem como na patria de DANTE e TASSO, MUCIO TEIXEIRA dará sem dúvida novas glorias á sua querida terra rio-grandense.

Carlos von Koseritz.

Porto Alegre, 1880.

XXXII

E uma gloria da literatura patria esse joven, audaz e operoso, que não esmorece um instante, e parece querer devassar caminhos ainda por outros não percorridos em tão curto espaço de tempo.

. . . .

Como se vê, não temos exemplo de maior fecundidade na nossa literatura, nem mesmo em Alvares de Azevedo, que com 18 annos escreveu *A Noite na Taberna*, e morreu com 20 annos, deixando tres grossos tomos de excellentes versos e magnífica prosa.

O que mais nos admira no Sr. Mucio Teixeira é não haver a quantidade sacrificado a qualidade; é de uma fecundidade assombrosa, sem prejuizo do estro, da originalidade e do escrúpulo com que observa as mais rigorosas exigencias da arte, tanto na prosa como no verso.

Accusam-no pela sofreguidão com que produz, quasi vertiginosamente. Um illustre critico, porém, (o Dr. Luis de Castro), encarregou-se de fazer calar esses zoilos. Pensamos exactamente assim. A fecundidade só pode ser censurada quando produz fructos de resultado negativo. Mas, desde que em cada novo livro, mais brilhantes se ostentam as fulgurações de um talento, a crítica só pode applaudir, nunca descer a sophismas indignos de quem escreve para um público illustrado e criterioso.

Felizmente Mucio Teixeira tem por si. além dos competentes, a grande alma popular, que lhe presta

a mais sincera homenagem — esgotando rápidamente as grandes edições de suas successivas obras. [76]

Manhães de Campos.

Campos, 1880

XXXIII

O livro dos *Novos Ideaes* é obra por si só para fazer a reputação de um poeta. Diz o autor que escreveu essas poesias num periodo de transição; acreditamol-o. Mas, embora resinta-se de uns tons de lyrismo, ha no volume páginas soberbas do mais puro realismo.

A propensão *realista* de MUCIO TEIXEIRA vê-se claramente em suas poesias, não pertence á escola « dos alcouces e faces carminadas ». Elle tende a uma escola a que se pode dar o nome de *naturalismo*. Por ahi deixa o poeta conhecer a sua intuição scientifica, isto é, a tendencia do seu espirito para um ideal mais levantando. [77]

Silva Figueiró.

Rio, 1880.

XXXIV

Pedindo-se ao espirituoso compositor do *Barbeiro de Sevilha*, depois da audição da ópera de VERDI — *A Força do Destino*, que desse a sua opinião acerca da composição que acabava de ouvir, respondeu com um sorriso malicioso : — « Ha alguma coisa boa e alguma coisa nova ; somente o que é bom não é novo, e o que é novo... não é bom ».

Mais de uma vez tenho me visto perseguido pela

tentação de valer-me daquelle dito mordaz, quando me cai nas mãos algumas das publicações em que se ostenta a febre do realismo em voga... Como que os nossos poetas e prosadores estão combinados, na faina de reforçar os visos da tal escola, para contorcer a lingua em imitações caricatas, produzindo prantos que fazem rir e pretendendo estatuir criticas salutares, que não passam de phrases desbragadas, sem gosto, que nos obrigam a voltar o rosto, quando não nos impelem a tapar as narinas.

Em compensação, é summamente agradavel a surpresa, quando apparece um livro — no qual encontramos muita coisa boa, e entre o que é bom muita coisa nova. Um destes livros, em que o espirito em cada página encontra motivos para meditação calma, amena, sem sobresaltos, é o formoso volume dos *Novos Ideaes*, com que o Sr. MUCIO TEIXEIRA acaba de enriquecer a literatura nacional.

Não foi este livro para mim uma revelação. Ha muitos annos acompanho, com crescente satisfação, os largos passos do joven e illustre escriptor em sua marcha literaria ascendente. Muito tem produzido MUCIO TEIXEIRA, apesar dos seus verdes annos. Succedem-se rápidamente os seus livros, mas comprehende-se que, longe de obedecer apenas a um prurido de escrever, ao desejo jactancioso de fazer gemer os prelos, o poeta inspirado canta — porque não pode deixar de cantar.

O poeta dos Pampas, que tem no olhar um reflexo das savanas onde galopa o pampeiro, precisa de dar expansão ao que lhe borbulha no peito e no espirito, como o rouxinol em noite de primavera lança as suas notas melodiosas, para não morrer afogado.

... nas *Flores do Pampa* é que se revela todo o

espirito de observação do poeta, tanto mais admiravel, que não soe ser peculiar da juventude. Não ha um matiz que escape; e tão frescas, tão vigorosas são as tintas empregadas, tão harmonioso é o quadro, que fica evidenciado neste livro que se pode ser naturalista sem ser sórdido.

Não posso resistir ao desejo de transcrever o poemeto intitulado CHINÓCA. (*Segue-se a transcripção*). — O romancista e o poeta devem estudar o homem no seu trabalho. MUCIO TEIXEIRA está compenetrado desta verdade, o que dá aos seus versos um cunho de observação e de verdade — que o destacam de todos os outros escriptores actuaes.

Só a poesia citada, si fosse publicada na Allemanha, tornal-o-ia popular da noite para o dia. O mais notavel ainda é que, além da naturalidade e do fundo de observação, ha a maior propriedade na applicação dos termos da giria popular do gaúcho.

Na segunda parte do mesmo livro, intitulada *Vivandeiras*, ha tambem verdadeiros primores de estylo e de inspiração, destacando-se em alto relevo a admiravel poesia ao *General Osorio*, em mais de um ponto superior ás famosas odes de MAGALHÃES a *Napoleão* e do Sr. conselheiro JOSÉ BONIFACIO ao *Redivivo*. [78]

Carlos Jansen.

Rio, 1880.

XXXV

O Sr. MUCIO TEIXEIRA é um dos mais victoriosamente applaudidos poetas contemporaneos. Elle está no caso especialissimo daquelles brotos ou rebentos,

que por effeito de uma temperatura bem oxigenada, crescem a exceder, a opulentar e encher de pompa o tronco co-gênere. ¡ É um joven de hontem, e já tem as glorias de um velho batalhador !

Talento a fazer concurso com os mais espontaneos engenhos ou as mais aformoseadas reputações poéticas de outras nacionalidades, elle fez do Parnaso um throno, e ahi tem tido um culto.

Na sua terra natal, em uma das sessões do *Parthenon Literario*, foi que o Sr. MUCIO TEIXEIRA fez a sua estréa, recitando uma poesia politica, que não agradou por suas idéas revolucionarias a uma autoridade ignorante (o general Barão de S. Borja). Foi preso, pois era cadete de cavallaria, prisão essa que o determinou a abandonar a carreira das armas, onde os seus antepassados chegaram aos mais altos postos.

As opiniões lisongeiras que sobre os seus livros têm dado os competentes são as provas incontestáveis do seu mérito. Nós, o mais humilde dos seus admiradores, que nos orgulhamos de privar na sua intimidade desde a sua risonha juventude, congratulamonos com a província do Espirito-Santo, pela escolha que acaba de fazer o governo imperial, dando a MUCIO TEIXEIRA o logar que occupa, de secretario do governo, em troca do seu talento e da sua dedicação ao trabalho. [79]

Dr. **Alfredo de Paula Freitas.**

Victoria, 1880.

XXXVI

Dizem-nos que a nomeação do Dr. MUCIO TEIXEIRA para o cargo de secretario do governo foi devida

exclusivamente á vontade imperial; e que esse moço, ainda hontem propagandista republicano, não se prestará ás imposições da politica partidaria... Nós, porém, não levamos tão longe o nosso optimismo. O ministro, que lhe confiou tão elevado cargo, havia de dar-lhe naturalmente instrucções reservadas...

O Sr. MUCIO TEIXEIRA é um bom poeta; lá isso, é. Mas, hóspede nas funcções que vai dirigir, vai ser naturalmente o empregado mais joven da sua secretaria. ¡ Mas hoje nasce-se estadista, administrador e até sabio!... SALDANHA MARINHO passa por ser um poço de sabedoria... ¡ SINIMBU é um GLADSTONE ! CHRISTIANO OTTONI uma *grande cabeça*... E assim por diante.

Longe de melindrar o distincto poeta, o que estranhamos é que o governo não saiba aproveitar convenientemente as aptidões de seus representantes. Si não julgamos o Dr. MUCIO TEIXEIRA no caso de poder desempenhar o cargo em que acaba de ser aproveitado, isto não quer dizer que não saibamos apreciar devidamente os seus meritos.

Seriamos os primeiros, tal a nossa sinceridade, em applaudir o governo que o nomeasse para um cargo diplomatico, como MAGALHÃES e PORTO ALEGRE, onde poderia representar o nosso paiz com o brilhantismo daquelles, mas nunca para um emprego onde a sua imaginação não poderá se expandir, presa ás exigencias materiaes da administração e do expediente de uma secretaria.

Parece que ha um firme proposito governamental em desencordoar as mais afinadas lyras dos nossos poetas... [80]

C. Dœmon.

Victoria, 1880.

XXXVII

... ¿ Para que periphrasear mais? ¿ Para que não dizer de uma vez que essa virgem é a divina intérprete da musa inspiradora do meu amigo Mucio Teixeira, o talentoso, inspirado e fecundíssimo poeta rio-grandense?

Já prevejo daqui um sorriso de satisfação assomando aos labios rubros da amavel leitora : é que o nome, sobejamente sympático e presado pelos que admiram as grandes almas raras, acaba de ferir com agradavel suavidade o seu ouvido : — ¡ Mucio Teixeira !

¿ Quem o não conhece ? ¿ Quem não admira a criança que aos 15 annos, com *vozes trémulas*, atira ás multidões ávidas de bons livros um volume de versos com 212 páginas ? — *Violetas*, *Sombras e Clarões*, *Fausto e Margarida*, *A Flor de um dia*, *O Inferno Político*, são outros tantos livros que honram o seu autor [81].

Cérebro e Coração, poema, e os *Novos Ideaes*, poesias, recentemente publicados, são mais dois livros que corroboram de um modo positivo a já firmada reputação literaria de Mucio Teixeira, patenteando claramente as evoluções por que, tão vantajosamente, tem passado seu espírito elevado e grandíloquo. [81]

M. J. Corrêa de Menezes.

Rio, 1880.

XXXVIII

O nosso jornal tem hoje a honra de offerecer ao público o retrato de um dos mais illustres filhos do Pampa, Mucio Teixeira, que apenas conta 23 annos de idade e de quem se póde dizer, sem medo de errar, que sahiu do berço cantando.

Mucio Teixeira, em tão verdes annos, tem já enriquecido a literatura patria com preciosos livros. E a imprensa, não só do nosso paiz como do velho mundo, tem sido unânime em applaudir essas obras. Brevemente a criança-genio conta apresentar ao público os seus *Contos em Cantos*, lendas e poemas. Talento privilegiado, parece que vê novos horisontes se abrirem diante de si, e segue cheio de fé e crença no futuro, que será sem dúvida — esplêndido. Seu nome, já aureolado de gloria, vôa levado pela tuba da fama, e é repetido com enthusiasmo em todos os circulos literarios. [82]

Lobo da Costa.

Rio Grande, 1881.

XXXIX

Temos hoje o prazer de apresentar na página de honra desta folha o retrato de Mucio Teixeira, um dos mais bellos talentos riograndenses. O. Sr. Mucio Scévola Lopes Teixeira, illustre poeta, dramaturgo, jornalista, orador e folhetinista, nasceu na cidade de Porto Alegre aos 13 de Setembro de 1858.

É filho legitimo do coronel de engenheiros Dr Ma-

NUEL LOPES TEIXEIRA JÚNIOR e de D. MARIA JOSÉ DE SAMPAIO RIBEIRO TEXEIRA, ambos já fallecidos. Ainda no verdor dos annos, tem o illustre mancebo enriquecido a literatura de sua patria com bellíssimos livros de sua fecunda e invejavel inspiração.

Dotado de excellentes qualidades moraes, e de um todo sympático e attrahente, é elle querido e desejado, conquistando innúmeros amigos em qualquer parte onde o destino o conduz. Em 1877 transferiu a sua residencia para a côrte do imperio, onde seus méritos foram desde logo devidamente apreciados.

Foi folhetinista do *Jornal do Commercio* do Rio, e nessa grande cidade redigiu, com LOPES TROVÃO, a *Gazeta da Noite,* além de collaborar nas principaes revistas nacionaes e estrangeiras. O illustre escriptor, em companhia da Exm.ª joven com quem ha pouco se ligou na capital do imperio, acaba de visitar a provincia que teve a gloria de lhe servir de berço, seguindo de novo para a côrte a chamado de governo.[83]

Fernando Osorio.

Pelotas, 1881.

XL

Não conhecíamos MUCIO TEIXEIRA, como não conhecemos tantos outros engenhos luminosos com que a opulenta literatura do Brasil justificadamente se ufana. Em tão curtos annos MUCIO TEIXEIRA apresenta já um avultado cathálogo de obras suas publicadas.

Um dos principaes attributos do genio poético é a fertilidade. THEODORO DE BANVILLE, aos dezoito

annos, assombrava o romantismo francez, em plena efflorescencia, com a abundantissima riqueza das suas *Cariátides*, etc.

Este é o condão dos fortes. Attentar nelles é medir a distancia que os separa dos seus pobres imitadores, impotentes e triviaes. Espremem-se, de uma vez, num trecho exiguo de affectada energia, no qual a verdadeira força, ausente, é simulada por uma violencia banal.

Outros burilaram em toda a vida quatro sonetos de uma incomprehensibilidade granitica, e sentaram se diante delles, de pernas cruzadas como bonzos, em muda admiração contemplativa. ¡ Deixemol-os na beatitude feliz !

Não ha verdadeiro talento literario que não seja fertil. BALZAC, que levava as minucias da revisão dos seus trabalhos além dos mais extraordinarios limites, que escrevia quatro vezes, por assim dizer, cada uma das suas obras, deixou publicados oitenta volumes.

MUCIO TEIXEIRA abandona aos caprichos de uma inspiração complacente a cadencia harmoniosa da sua lyra. Não fatiga o estro em busca de rythmos desusados, e preoccupa-o ligeiramente a riqueza da rima. Não sacrifica a esta aspiração suprema da maioria dos versejadores modernos o verso, embora mais pobre de sonoridade, onde a paixão desafogue ou onde a alma se repercuta e vibre.

Antes nos queremos com este pobre, do que com alguns dos outros ricos. A riqueza delles encobre ás vezes uma verdadeira penuria, uma grande miseria ; penuria de invenção poética, miseria extrema no campo da inspiração lyrica. A pobreza apparente deste deixa transparecer thesouros de valia.

Não somos apologistas da incorrecção em materia

métrica, convem dizel-o. Hoje esta arte chegou, mesmo entre nós, a um alto grau de perfeição, onde é necessario, si não eleval-a ainda, pelo menos mantel-a. O que não queremos é que, em nenhum caso, seja a essencia sacrificada á fórma.

A versificação é um acto de exercicio no qual se pode adquerir grande perícia, seguindo bons modelos e praticando-a. É um instrumento que todos podem chegar a tocar igualmente bem. Assim se explica, como conseguem fazer versos igualmente sonoros, igualmente correctos, versejadores de tão diverso talento.

Mucio Teixeira segue, na elegancia e pureza da metrificação, a corrente moderna. Muitas das suas composições são pequenos quadros deliciosamente trabalhados. Têm os novos artistas do verso o quer que seja da arte pacientíssima dos antigos mosaistas. Estas qualidades do talentoso e inspirado poeta brasileiro não esplendem tanto no seu poema *Cérebro e Coração* como nas lyricas soltas dos *Novos Ideaes*.

No poema ha uma certa decisão, um pouco estouvada, mas desembaraçada e viril, que nos encanta. O poeta tem consciencia disto e revela-o quando descreve os protogonistas da sua obra (*Seguem-se muitos versos citados*).

Uma descripção do entardecer, com que abre o canto V, é incontestavelmente uma joia poética de grande valor. É a verdade da natureza surprehendida por uma alma artística, que a comprehende sublimemente e que a reproduz em notas calorosas e enthusiásticas. (*Cita as primeiras estrophes*).

O canto intitulado *Aza Negra* começa por um trecho que faz evocar á reminiscencia dos leitores um não sei quê das meditações fataes de *Hamlet;* sente-se

nelle como que um harpejo vago do hymno da morte no *Diablo Mundo* de ESPRONCEDA. Depois descai, etc.

O que não podia de nenhum modo admittir-se é que MUCIO TEIXEIRA, poeta de tão levantado engenho, deixasse o seu poema findar assim. E não deixou. Vê-se que o artista, dada a última demão ao seu trabalho, deposto o escopro e o cinzel, ficou scismando.

E emquanto se perdiam na sombra da noite os vultos dos fugitivos, a sua phantasia, o seu pensamento foi-os acompanhando. E, então, na mente do poeta vibraram, como um éco do tropel longinquo, ao compasso do galopar infrene, umas estrophes nevoentas como uma ballada de UHLAND, as quaes levantaram, nas azas setineas, ao céu da poesia o grupo dos amantes, que esteve prestes a esvair-se na mais rasteira prosa, de um caso policial com circumstancias aggravantes.

A essas estrophes onomatopaicas, com que o poema definitivamente fecha, chamou o poeta *Canção ao luar*. (Segue-se a transcripção). — Falámos apenas, neste artigo, do poema *Cérebro e Coração*. Será assumpto doutro a apreciação dos *Novos Ideaes*. [84]

Fernandes Costa.

Lisboa, 1880.

XLI

MUCIO TEIXEIRA é no nome do sympático poeta dos *Prismas e Vibrações*. Acompanho-o, com o mais vivo interesse, desde os seus primeiros passos na senda perigosa das letras.

É de uma inspiração encantadora a sua musa, e de uma coragem verdadeiramente spartana esse admi-

ravel rapaz. Tem vinte e quatro annos e já produziu cerca de oito volumes de magníficas poesias, mas desses que revelam o talento, a vocação irresistivel, o genio.

Nem a pouca idade, nem a inexperiencia que d'ahi decorre, nem a falta de uma illustração sólida que só se adquire com o correr dos annos, são capazes de lhe diminuir o valor das melodiosas inspirações. Elle suppre tudo isso com uma refinadissima intuição, e sabe por assim dizer imitar todos os gorgeios, como um pássaro especial que imita ao mesmo tempo o variado trinar de diversos pássaros.

Está nisto, talvez, o seu único defeito : falta-lhe a firmação completa da individualidade literaria.

Dotado de um temperamento nervoso, sôfrego, descompassadamente ambicioso de gloria, essa natureza exquisita, mais de criança que de homem, deixa-se allucinar com os clarões do proprio talento, amando todas as escolas e não se filiando a nenhuma. Ora Castro Alves, ora Casimiro de Abreu, ora Lamartine, ora Byron, porém sempre com sorprendente elegancia e não raras vezes com brilhante vantagem sobre aquelles dois primeiros.

Tem uma grande organisação poética, mas falta-lhe um elemento indispensavel; o discernimento crítico, eis tudo. O seu cunho proprio ainda está por accentuar-se. Actualmente exhibe uma multiplicidade de provas, a ver qual dellas é a mais de molde a produzir effeito.

A sua vocação de poeta é como uma espléndida cythara de vinte e tantas cordas, dando cada uma um som vibrante, por vezes forte, ou doce e terno, por vezes infernal ou plangente, mas sempre de indizivel attractivo, tanto para o ouvido como para o coração.

O livro dos *Prismas e Vibrações* é uma revelação espléndida, e dá-nos o direito de suppôr o seu joven autor um dos primeiros poetas da geração moderna. Do Rio Grande do Sul, com certeza é elle o primeiro; e sel-o-á dentro em pouco do Brasil inteiro, si conseguir opulentar a sua brillante imaginação com o estudo sadio dos grandes principios da moderna philosophia, e dos mestres eméritos da arte.

Quando MUCIO TEIXEIRA imprimir em seu espirito as eternas noções da esthética, firmadas sobre a razão e a moral social; quando se persuadir absolutamente de que, na phrase de THEÓPHILO BRAGA, a literatura de hoje deve ser considerada um dos grandes agentes das transformações sociaes, a sua inspiração, voltada para um horisonte perfeitamente lúcido, produzirá cânticos magistraes, tão notáveis pela fórma como pela originalidade.

Para dar uma idéa do valor real dos *Prismas*, já transcrevemos ha dias uma magnifica poesia, *A Ironia da Estatua*; agora transcrevemos outra, ao acaso, por onde podem os poucos leitores de versos aferir o mérito literario desse notabilissimo poeta. Vejamos: (*Segue-se a poesia de pags.* 107 *a* 110 *da* 1ª *edição do volume* PRISMAS E VIBRAÇÕES).

São simples quadras, uma composição ligeira, mas um mimoso attestado do delicadissimo talento do moço rio-grandense, que escreveu *O Palhaço*, *O Genio e os Séculos*, e outros primores iguaes. — MUCIO TEIXEIRA nasceu poeta; e creio que, dos de fina raça, elle é por ventura o mais fecundo.

Com certeza ha nessa natureza privilegiada a nervose do genio, uma doença lamentavel, si o quizerem, mas indubitavelmente um phenómeno sublime,

cuja solução é uma só : — ¡ o clarão da immortalidade ! [85]

Carlos Ferreira.

S. Paulo, 1882.

XLII

Desde longo tempo consagrávamos a Mucio Teixeira uma admiração incondicional, e não haviamos ainda lido nenhuma de suas obras poéticas, as brilhantes collecções que se intitulam *Novos Ideaes* e *Prismas e Vibrações*. A nossa admiração, justa em verdade, provinha somente da leitura de uma de suas poesias, transcripta por uma folha politica de Lisboa, mas poesia que vale bem milhares e milhares de volumes, que é a revelação de um talento talvez de primeira ordem, de um poeta de superior merecimento.

¡ Que ironia pungente (*A Ironia da Estatua*), mas profundamente bella ! ¡ Que indissoluvel ligação entre o sentimento e a idéa, entre a fórma e o pensamento ! Mucio Teixeira attingiu neste poemeto a nota do sublime.

¿ E, por ventura, ousará alguem contestar que a historia do espirito humano, a evolução da humanidade, a philosophia emfim, são veios auriferos inexgotáveis para os modernos poetas ? *A Ironia da Estatua* é um documento primoroso, debaixo deste ponto de vista.

Pertence áquelle gênero de poesia da historia, inaugurado em França por Victor Hugo, com a *Légende des Siècles*, e que tem em Portugal um representante de primeira grandeza em Theóphilo Braga, com a

ua explêndida epopêa *A Visão dos Tempos*. Mas *A*
ronia da Estatua, filiando-se na mesma escola poé-
ica, tem um cunho especial e distincto, que não pode
er confundido com o sentir e o pensar caracteristicos
laquelles poetas.

É original e grandiosa, sem nos trazer reminiscen-
ias de outros trabalhos não menos originaes, nem
nenos grandiosos. Basta este facto para nos demons-
rar o talento verdadeiro de MUCIO TEIXEIRA, incon-
estavelmente um dos primeiros poetas do Brasil.

Poderiamos encerrar aqui este ligeiro esboço biblio-
gráphico, visto termos avaliado devidamente o mérito
le MUCIO TEIXEIRA pela sua obra prima ; não o
aremos, porém, sem dizer duas palavras das suas
collecções de poesias e do seu poema *Fausto e Marga-*
ida, imitação da monumental tragedia de GOETHE.
Começemos por este.

Si abstrairmos do assumpto colossal, quer na
nimitavel creação do primeiro genio da Allemanha, e
considerarmos apenas, o poema-dramático de MUCIO
TEIXEIRA como uma obra poética deprentenciosa e
igeira, na verdade o julgamos encantadador. Mas —
permitta-nos o poeta a rude franqueza — mas... é
grande a responsabilidade de quem ousa tratar de
novo um assumpto, que, sendo immenso em si, já
encontrou quem o tratasse á sua verdadeira altura.

Uma traducção, comprehende-se e acceita-se ; agora
uma imitação, ou um trabalho novo, exige da parte
le quem toma sobre os hombros semelhante empreza
um sucesso não inferior ao arrojo, isto é, a execução
le uma obra superior á que lhe serve de nome ou
molde. Ora, o *Fausto e Margarida* de MUCIO TEIXEIRA,
não sendo uma traducção do *Fausto* de GOETHE, por
forma alguma poderia tambem hombrear com essa

gigante epopéa da dúvida, que é a maior gloria litteraria da Allemanha.

O distincto autor brasileiro nunca teve tal pensamento, apressamo-nos a fazer-lhe essa justiça, que lhe é devida. Parece-nos apenas que deveria ter escolhido outro assumpto para os seus bellos versos, ou, a preferir esse, interpretal-o de modo differente, dar á lenda um caracter inteiramente diverso do que lhe deu o immortal poeta allemão. É por esse motivo que damos preferencia ás collecções dos seus versos, apesar de não desconhecermos o encanto de algumas páginas do *Fausto e Margarida.*

Ha naquellas collecções excellentes poesias, sobretudo lyricas, que não negam a nacionalidade do autor, e que rescendem fragrancias das regiões americanas, como *O Pampa*, *A Sesta*, *Desejos*, *Na Estancia*, e tantos outros traços da vida real, ou como as delicadas inspirações de CAMPOAMOR, *A Noiva e o Ninho* e *Doces Cadeias*, suavissimos hymnos de amor, e as bellas poesias *Pérolas ideaes* e *Noite Nupcial*, que sobresahem entre as melhores de MUCIO TEIXEIRA.

Das suas poesias sociaes e humanas occupa o primeiro logar, escusado será recordal-o, *A Ironia da Estatua.* Mas tem outras dignas de menção, embora inferiores á sua obra prima, a qual as supplanta e offusca inteiramente, tal é a grandeza da concepção. Não terminaremos, comtudo, sem lembrar aos leitores brasileiros a poesia *Os tres párias*, admiravel synthese, ou melhor, ousada condemnação do militarismo com todas as suas nefandas e horríveis consequencias.

¿Não será MUCIO TEIXEIRA um verdadeiro poeta? — Ninguem o contestará. Cumpra elle a sua promessa, consignada na bella *Dedicatoria* dos *Prismas*

e *Vibrações*, e terá o Brasil um poeta de primeira ordem.

Teixeira Bastos.

Lisboa, 1885.

XLIII

Entre as duas últimas indicações está o retrato em miniatura do autor deste e de mais dez volumes, conhecidos e apreciados, como sejam : *Cerebro e Coração*, *Fausto e Margarida*, *Novos Ideaes*, etc. O retrato, que está fiel, mostra que o cantor das *Vozes trêmulas*, das *Sombras e Clarões* e das *Violetas*, não pode ter, e realmente não tem, mais de 24 annos e que é sympáthico... sem ser feio!

Não é nosso escopo, traçando estas linhas, apresentar na pessoa do joven e talentoso poeta rio-grandense um candidato... a genro. ¡Nem por sombras! Mucio Teixeira é casado com uma senhora de peregrina belleza e notavel distincção de espirito. ¡Elle e a gentilissima consorte formam, sem encarecimento, um lindo par!

Falemos, porém, do livro que acaba de ver a luz da publicidade. Das *vibrações* que por esse volume perpassam ha duas bem diversas, que nas reflexões dos *prismas*, resoam entretanto com igual sonoridade : uma, finamente satyrica, denomina-se *A Ironia da Estatua* ; a outra, maviosamente lyrica, *Doces Cadeias*.

Aquelle « soberbo prodigio de esculptura » destinado a apresentar « á geração futura » o « vulto solitario » do « frio propheta da ironia, o tremendo e sar-

cástico VOLTAIRE », emergindo sinistro, como um espectro, ante o poderoso NICOLAU da Russia, é uma formosa concepção poética; e o verso reproduzido no final das estrophes, — *¡E a muda Estatua solitaria ri!* — realça com o vigor do traço as perspectivas do quadro.

... Mas o ominoso convidado de pedra deve para sempre, feito pedaços, desapparecer dos régios paços; assim o decreta o monarcha. O CONDE ADELSBERG, seu ministro, intercede : « Seria atroz peccado o destruir-se esse prodigio d'arte ». Condescende, benigno, o poderoso Czar, sob a condição, porém, de jamais reapparecer ás suas vistas aquelle « pedaço de pedra de Carrara ».

¿Que faria o ministro nessa melindrosa situação? Vai dizel-o o poeta nos versos finaes *d'A Ironia da Estatua*, essa vibração finamente satyrica. (*Cita os versos, além de muitas estrophes do poema* DOCES CADEIAS).

Não são estas, comtudo, as únicas vibrações sonoras do volume recempublicado de MUCIO TEIXEIRA; outras resoam tambem em várias páginas e nomeadamente nas que encerram os alexandrinos dedicados ao D^r^ LUIS DELFINO, o bardo pujante que, no dizer do cantor da *Missão de Luz*, ha de ir « ¡Como nosso emissario ás côrtes do porvir! »

Vamos terminar. O que havemos escripto não é nem pretende ser um juizo critico; é pura e simplesmente uma saudação. Juizo critico teve MUCIO TEIXEIRA a boa fortuna de ver publicado nas columnas do *Correio da Europa* (Setembro de 1881) num extenso artigo firmado por FERNANDES COSTA, talento de larga esphera assim aquilatado por legitimo contraste (C. CASTELLO BRANCO) : « um entendimento lúcido que esplende

em linguagem cheia de antigas energias portuguezas rendilhadas com buril moderno ». 87

Guilherme Bellegarde.

Rio, 1882.

XLIV

Amigo e illustre Poeta. — Sabe já que gósto muito dos seus versos, tendo eu escripto um longo juizo histórico (*), ou antes uma extensa digressão no passado para vir a falar dos seus *Novos Ideaes*, o que pareceria até paradoxal, si não fosse simplesmente consonancia do méthodo positivista.

Hoje serei mais succinto sobre o que tenho a dizer da sua nova producção poética. A *Dedicatoria* que faz aos manes de sua Mãi — é uma inspiração sagrada a ungir seus versos. A segunda poesia, *A Ironia da Estatua*, afigura-se-me ver ver a ironia do proprio talento do poeta, talhado para a dominação segundo a antiga tradição lyrica, como aquelle Czar para o despotismo segundo a voz do sangue.

Desvairado o poeta pelos reclamos da escola romântica, e o imperador autócrata pela gargalhada revolucionaria, magôam um e outro o rijo pulso batendo sobre estátuas de mármore. É que não ha uma alma na poesia do realismo, como não ha o respeito das glorias passadas, na plebe vil.

Adiante. Não fui longe e encontrei logo em *Atala* a verdadeira alma do poeta : (*cito uma estrophe*). As

(*) Por ter desapparecido do archivo de Mucio Teixeira esse trabalho do Sr. coronel de engenheiros Dr. Torres Homem, deixam de ser aqui transcriptos alguns de seus tópicos.

poesias *Revelação* e *Stella* marcam um sentir forte da grandeza humana, refinado num lyrismo de bom quilate. *A Penha*, da terra do Espírito Santo, que me é muito cara, faz-se-me recordar nas imagens bem vivas dos versos de MUCIO TEIXEIRA.

A poesia *Voragem do Futuro* me é dedicada. Semelhante lembrança do bom poeta, dirigida ao meu obscuro engenho, me traz á mente o que li sobre os infortunios de um pobre literato, AFFONSO RABBE, cujas obras desappareceram com elle, mas cujo nome gosa da immortalidade por estar estampado acima duma das *Orientaes* de VICTOR HUGO.

Na composição *A um Poeta* torna-se a travar no espírito do autor a luta do lyrismo e do realismo. Aqui ha o confronto mais opportuno, a sentença encontra-se nos versos finaes : (*Cita-os*). A proposito ¿o real, que forma a etymologia do nome duma escola, constituirá um gènero exclusivo de poesia ? Certamente que não : toda poesia nasce da realidade, como os Deuses do Olympo pagão nasciam da terra e do mar. Mesmo tomando os vôos mais elevados, pode ella não se esquecer das coisas deste mundo, imitando os Anjos do céu biblico que tinham amores pelas mulheres dos homens.

Esta reflexão faço a propósito da poesia *Dolora*, que é uma concepção realista sob a fórma romântica. *A Vertigem do Abysmo* é grandiosa em sua fórma synthética. Percebo, porém, que vou me alongando demasiado, que é defeito commum a todos meus escriptos, em noticiar minhas impressões da leitura dos *Prismas e Vibrações*.

Mas, não me perdoaria, por maior mal que me succeda, o deixar de mencionar a fibra do patriotismo vibrando na harpa lyrica ao cantar a poesia *Inter*

Divos, offerecida a CARLOS GOMES. Tem como aquella outra, acima citada, pensamento realista e fórma romântica a poesia *O Palhaço*.

A única censura *directa*, que me permittirei fazer ao poeta em todas as suas novas producções, é a proposito da *Festa Selvagem*, onde se acha prodigalisada uma terminologia tambem selvagem, gênero que PINHEIRO CHAGAS tanto poz á bulha e com razão : equivale isso, salva a pureza da intenção, ao emprego que na litteratura dita civilisada faz o ultra-realismo do calão.

Aquelle fôra o escolho de GONÇALVES DIAS; e, no meu humilde pensar, acho que MUCIO TEIXEIRA deve guardar-se bem delle no poema *Os Minuanos*, que está apromptando. Dois poemetos, inspirações de CAMPOAMOR, terminam o livro. Como obra d'arte, sobresaem a tudo que o poeta tem publicado, porque ha complexidade no assumpto e na concepção. É a historia parallela da vida dos pássaros e das illusões da mulher, que tambem adejam no ar.

Estas são as minhas impressões especialisadas. Si precisa-se, porém, saber do meu sentimento geral em respeito aos *Prismas e Vibrações*, assim como de todas as poesias de MUCIO TEIXEIRA, eu direi que tenho sentido á maneira do povo.

Em materia d'arte, só reconheço a soberania do povo. Em esthética, eu sou o que nunca pude ser em politica : — democrata. Admiro ingenuamente a boa poesia, que me impressiona fortemente. A' poesia dos *Prismas e Vibrações* direi os mesmos versos que li á página 144 do elegante volume :

> E fico a olhar p'ra ti, na sombra das ogivas,
> Como um crente prostrado ante um altar de flores. »

J. de S. Torres Homem.

Porto Alegre, 1883.

XLV

Um poeta de sua índole, expontaneo, verdadeiro, cheio de inspirações subjectivas e com a alma aberta ás avassaladoras impressões do bello na natureza, manejando com assombrosa facilidade versos sonoros e rythmicos, canta sem cessar, verseja por hábito e irresistivel instigação.

Desvendou-nos um seu antepassado na grande poesia o mysterio : é a influição de um espírito divino entregue a incoercíveis agitações. [89]

Visconde de Taunay.

Rio, 1883.

XLVI

Da Côrte recebemos ha poucos dias um livro. Ao abrir-se este livro, que é uma « edição popular » do poema dos *Escravos*, apenas fragmentado, logo á sua primeira página se depara a biographia do infeliz moço (Castro Alves).

Essa biographia é escripta por um outro moço, poeta tambem, e poeta cujos cantos ecoam por toda a vastidão destas terras da Santa Cruz, a confundirem-se com os arrulhos das rôlas nas folhagens das mattas e com os trinos dos canarios na palmas dos coqueiros.

¡ Mucio Teixeira escrevendo a biographia de Castro Alves! — Ella, pois, não podia deixar de ser o que é, — um primor de poesia, de naturalidade, de singe-

leza, toda cheia de novidades, que revela o mais amplo conhecimento dos versos do biographado.[90]

Augusto Alvares Guimaraes.

Bahia, 1883.

XLVII

Mucio Teixeira merece, pelo seu talento creador e fantasioso, e pela coragem com que trabalha, as manifestações mais espontaneas e os mais sinceros applausos.

É um bellíssimo poeta; e de uma fertilidade que faz crer que até dormindo faz versos, sem alterar o vigor de uns alexandrinos que lhe caem dos bicos da penna valentes, sadios, vestidos de ponto em branco.

Para terminar, digo (mesmo sem pedir licença ao meu amigo Sylvio Romero) que prefiro um volume de *Prismas e Vibrações* — a uma alluvião de volumes de *Dias e Noites* do Tobias Barreto, apesar do germanismo poético-philosóphico do *Cysne da Escada*.[91]

Lins de Albuquerque.

Rio, 1882.

XLVIII

Novos Ideaes e *Primas e Vibrações* são dois bons livros. Isto de poesia *social scientifica*, etc., com exclusão do *lyrismo*, foi uma doutrina ephêmera e que nem já merece discussão. A questão principal é hoje a da fórma e do mais alto grau de perfeição e primor a que se possa attingir.

O peior estorvo em que esbarra Mucio Teixeira

para ser um legitimo artista é essa aspiração, que parece preocupal-o, de ser mais fecundo do que todos os outros. Entretanto com vantagem poderia elle dispor dos bellos predicados que transparecem nos *Novos Ideaes* e mormente nos *Prismas e Vibrações*.

Neste último livro, que é o único motivo do que aqui deixo escripto, ha poesias espléndidas, de formosura e sonoridade estranhas, entres as quaes realçam *A Ironia da Estatua*, e *Pérolas ideas*.

No poema em tres cantos *A Noiva e o Ninho*, que é uma inspiração de CAMPOAMOR, reçumam a graça e a frescura da genuina poesia hespanhola. Mas para mim nada ha em todo o volume que exceda á suave languidez com que deslisam aquellas melodiosas estrophes da *Atala*, que é tambem a poesia pela qual revela o autor mais predilecção. (*Transcreve a poesia*).

O rythmo e a estructura dos versos, comquanto em geral satisfaçam, provocam ás vezes alguns reparos. Estas imperfeições, MUCIO TEIXEIRA, que ainda é muito moço, tem tempo de sobra para expurgar-se dellas. O poeta tem o talento bastante para dever ostentar-se sem taes manchas.

Os *Prismas e Vibrações* tem juz a uma anályse minuciosa e diffusa, para a qual não me resta agora espaço. Mas o que já disse está dito. Empregando nas censuras a mesma sinceridade que nos elogios, procurei apenas ser verdadeiro, e dizer o que sentia a respeito de MUCIO TEIXEIRA. Elle, que não precisa de complacencias, não se ha de agastar com a franqueza de que uzei, tão propria entre rapazes que se dão. [92]

Raymundo Corrêa.

Rio, 1882.

XLIX

Mucio Teixeira é um desses talentos robustos, indomaveis, eruptiveis, que a natureza forçou a metrificar, como Bocage e Metastasio [92].

O poeta nasceu no Rio Grande do Sul, que allia aos doces cambiantes do céu de Porto Alegre as furias do pampeiro nas lagôas maritimas.

Quem nunca disparou a cavallo por aquellas campinas matizadas de flores e orladas de pinheiraes negros e sussurantes, quem nunca assistiu a um grito de armas na campanha ameaçada pelo estrangeiro, não póde comprehender essa musa multiforme, desigual, ora desgrenhada e descuidada, ora gentil, arrogante e ardente, de Mucio Teixeira.

Nos *Prismas e Vibrações* ha o quer que seja de mais adiantado do que o realismo, e que tende a uma nova escola de poesia nacional. [93]

Reinaldo C. Montóro.

Rio, 1882.

L

O olhar de Mucio Teixeira tem alguma coisa de sobrenatural, que fascina e encanta. Parece que o poeta das *Flores do Pampa* traz gravadas na retina as largas paizagens das savanas patricias, ora enluaradas, ora encrespadas pelo pampeiro [94].

Ferreira de Menezes.

Rio, 1884.

LI

MUCIO. — Li e fez-me bem o teu livro, pelos *prismas* scintillantes que me alegraram os olhos d'alma, e pelas *vibrações* sonoras de teus rythmos harmoniosos, que me encantaram o coração, infiltrando-me um sentimento doce e consolador.

Eu quizera escrever um juizo critico, digno do teu mimoso livro, porém não sei mais dizer essas coisas que tanto me preoccuparam o espirito em outros tempos felizes da mocidade, bons tempos em que eu sentia essa *molestia agradavel* da poesia, que nos « adormece em doce êxtasis », como si estivéssemos á sombra da *Mansenilheira do Amor*.

Comtudo, « embora o desalento por vezes me interrompa a acção do pensamento », quero enviar-te aqui o meu sincero reconhecimento pelos *Tres párias*, que me dedicaste, tres grandes almas populares, talhadas pelo teu grande talento para ensinamento das tres formosas idéas : — ¡ o amor da Liberdade, o amor da Patria, o amor da Honra !

No primeiro *pária* consubstanciaste o horror á escravidão, e levantaste bem alto a bandeira do abolicionismo. Deixa-me transcrever essas magnificas estrophes. (*Transcreve-as.*) Na venda desta infeliz *mãi escrava*, e pelo proprio *senhor*, que com ella houvera aquelle filho brioso, que se batia em defeza da Patria, justamente no momento em que era vendida, synthetisas toda a infamia da escravidão, ou antes, demontras que a escravidão « é a somma de todas as infamias », segundo a expressão de WESLEY, e de todos os bemfeitores da humanidade.

No segundo *pária* está burilado o verdadeiro heroismo, que colloca o amor da Patria ácima de tudo, até mesmo nesse momento lutuoso em que morre um pai pela causa santa porque se bate seu filho. São, pois, dois heróes, — acção que electrisa e exemplifica gloriosamente. — Esse clarim tem vibrações que todos ouvem, assim como os gemidos desse pai moribundo ; ainda mais, é um symbolo do dever militar, e um symbolo da *gloria*, que entrevê aquelle soldado « á frente do quadrado » ; e o pai moribundo em frente á eternidade!

No terceiro *pária* ha o sentimento da Honra. É a honra ultrajada que desvaira o marido brioso — que mata a esposa adúltera, ao mesmo tempo que o fere um remorso, portanto um arrependimento, um castigo, quando elle diz : « ¡ E eu a amava tanto! »

Não podias dedicar-me um trabalho mais inspirado e mais *volumoso* do que essas estrophes, que ahi ficam immortalisadas no teu livro último, de *Prismas e Vibrações*. Dessas estrophes, crê, é que emergem os prismos e vibrações que dão o nome ao teu livro e o illuminam entre acordes harmoniosos.

Não ha no teu volume poesia que contenha idéas mais colossaes : — é a epopéa dos sentimentos nobres. Esses *Tres párias* valem todo o teu livro. — ¡ Só esta poesia bastava para sagrar-te poeta! ¡ Ahi, em tão estreito molde, fundiste um mundo de idéas!

Não quero ser egoista e nem julgado parcial no affecto por esses *Tres párias*. Ha no teu livro muitas outras gemmas preciosas, que deslumbram, como sejam : a *Dedicatoria*, á memoria de tua Mãi, — oração purissima de um filho órfão sobre o túmulo de sua mãi.

A *Ironia da Estatua* é tão perfeita que nos faz ver VOLTAIRE, com o seu sorriso philosóphico e mordaz,

constantemente diante de nós ¡apostrophando valentemente os prejuizos do seu tempo! Foste feliz na inspiração. Reviveste VOLTAIRE, com o seu sorriso que tanto apavorou o imperador NICOLAU, — sorriso com o qual VOLTAIRE, no dizer de HUGO, « venceu o velho dogma e o velho código; venceu o senhor feudal, o juiz góthico, o padre romano: elevou a população á dignidade de povo, ensinou, pacificou, civilisou ».

VOLTAIRE não morreu, graças á tua *Ironia da Estatua*, e ás palavras profundamente eloquentes, como sempre, de Santo VICTOR HUGO no centenario do grande homem. Os teus versos são nítidamente bellos. Continua a sonhar assim. Lembro-te, porém, o conselho do poeta : « Cueillons les roses avant qu'elles se flétrissent ».

Quando subires a montanha e encontrares o teu horto, talvez não possas publicar mais versos, porque essa é a triste sina dos poetas brasileiros; tal privilegio só é dado na França ao Santo, VICTOR HUGO ¡o vidente octogenario do século!

Terminarei com as palavras inspiradas do nosso commum amigo e distincto poeta A.-E. ZALUAR, que cerrou os olhos para sempre, a propósito da primeira edição do meu *Emilio*, publicado no tempo das minhas illusões que tambem morreram :

« O teu livro é uma verdadeira flor de mais na primavera do talento. Tudo ahi são galas e perfumes. É um poema para o coração, um livro para a alma. Quando se entra já coroado de flores no pórtico do mundo literario, não é difficil ser propheta predisendo-te os triumphos de uma careira brilhante. É o que nós fazemos ». [95]

J. A. de Barros Júnior.

Rio, 1882.

LII

Ainda não ha muito tempo um jornal transatlántico classificava o Sr. Mucio Teixeira como o primeiro poeta brasileiro. — Primeiro, é talvez de mais; e depois, na poesia, um terreno tão vasto, onde se esgrimem tantos e tão eximios lutadores, não é prudente desesperar ninguem — dando tudo a um.

Mas o que é incontestavel é que o Sr. Mucio Teixeira é um bom poeta. Eu não quero mesmo tirar-lhe um superlativo sem lhe dar um outro, menos acabrunhante e mais acommodado, e direi que o Sr. Mucio Teixeira é actualmente o poeta que mais produz no Brasil — e sempre com inspiração.

« Pratica e serás mestre ». O seu poetar é facil, fluente e inspirado: faz versos conversando, sobre a perna: já escreveu um soneto sobre um fogão... dos gaúchos. Eu prefiro nelle o poeta ao prosador. O seu último livro tem páginas de muita belleza, boa inspiração, poesia sã. [96]

Dantas Júnior.

Rio, 1882.

LIII

Mucio Teixeira não é uma esperança, mas um poeta feito; não diremos um mestre, que no manejar do cinzel, no traçar das linhas, no colorir do pincel, ha ainda vacillações e por vezes incertezas que, si por um lado denunciam pouca sciencia de regras, por

outro manifestam accessos nervosos, febris, de verdadeira inspiração genial.

O autor dos *Prismas e Vibrações* é antes de tudo — um Poeta — na mais ampla accepção da palavra. O seu verso brota-lhe á flux dos labios como os aljófares espadanam do rebentar das cascatas, a poesia fala-lhe n'alma, como a primavera no recesso das florestas virgens, o fogo da inspiração aquece-lhe o cérebro como o sol dos trópicos em meio dia de verão.

Ao ler os seus versos sente-se que foram escriptos sem tibieza nem reflexões: vê-se que a espontaneidade imperou sobre todos os outros dotes do poeta. Tomemos ao acaso um dos seus mimosos sonetos: (*Cita o da página* 215.)

Não se pode ser mais poeta, nem ter mais sentimento; a harmonia, a sonoridade destes versos resoam como a descida de um fio d'agua pela rocha que o perpassar dos séculos puliram e afeiçoaram á passagem da limpha.

Não seria difficil apontar muitas passagens de seus poemetos de igual melodia e suavidade; nas suas inspirações de Campoamor ha trechos verdadeiramente musicaes.

Mucio Teixeira vibra todas as cordas da lyra com a mesma maestria; a musa da facecia como a da melancolia estão sempre a seu dispor. Como uma dessas fadas de que nos falam os contos para a infancia, o poeta tem uma vara mágica, ao meneio da qual acode-lhe a inspiração, moldurando-se a todos os seus caprichos e fantasias.

Mucio Teixeira tem apenas vinte e quatro annos, é filho dos pampas do sul, tem uma esposa adoravel e um coração pródigo. Fantasista, como verdadeiro poeta que é, imagina-se um desses nababos de que

nos falam as lendas orientaes, e, na falta de pérolas, ouro e diamantes, semea a mãos ambas versos, versos e versos, como um desses *flamboyants* que em plena florescencia escondem as folhas da copa e o terreno das raizes sob myriadas de foliolos rubros, que scintillam aos raios do sol como coraes ainda vivos e húmidos, arrancados do fundo do mar.

Longe, pois, de aconselhar o poeta que modere as expansões de seu estro fulgurante, applaudindo-o com sincero enthusiasmo, eu direi, com a voz da multidão, que o acclama, apontando-lhe o largo caminho da gloria, que trilha com tão ousados quão seguros passos, — ¡avante! ¡avante! [9]

Felix Ferreira.

Rio, 1882.

LIV

Folheando o teu livro para manifestar-te as minhas impressões, deparo na página destinada ás dedicatorias um pensamento eminentemente caracteristico do teu coração piedoso e bom, extrahido da magnifica obra de MICHELET — *Mulheres e Familias*. Isso predispõe favoravelmente o leitor, que vai embriagar-se na harmonia suavissima de teus versos, provocando-lhe uma sympathia vivissima para a tua generosidade de bom filho e para o teu talento — que eu considero um dos mais robustos e o mais fertil da actual geração.

E esta gratidão profunda e grande, e esta saudade que tanto te punge todas as vezes que te lembras daquelle ente a quem deves esse thesouro inexgotavel de amor e de ternura, que só as Mãis possuem, emprestaram-te sem dúvida as notas plangentes e dolo-

rosas, espalhadas nos inspirados versos da *Dedicatoria*, que deve antes ser ouvida como um éco do coração, sympático e meigo, que como um producto da arte únicamente.

Nesses versos, como no teu espléndido soneto *O Infinito* (dos *Novos Ideaes*), que eu não cesso de elogiar e que citei outr'ora como a gemma mais preciosa desse teu livro, ha ainda aquelle anciar immenso, aquelle desejo cruciante de conhecer o que se passa além da campa, esphynge mysteriosa e terrivel, diante de cuja mudez tenebrosa e cruel estaca o pensamento humano, preso de umas cogitações improfícuas e vãs.

Quem folhear este livro e lel-o todo, como eu o li, com o gosto e o enthusiasmo com que deve ser lido, não pode resistir á vontade de ler novamente *A Ironia da Estatua*, que eu destaco como a sua pérola de maior valor. É que os *Prismas e Vibrações* me causam a mesma admiração que me causaria um palacio cheio de maravilhas artísticas e surprehendentes, — *Alhambra* sumptuoso, do qual ao sahirmos ainda paramos a contemplar o pórtico fascinador e deslumbrante.

Atala, mimosa producção, é um trabalho cujo mérito terá sido sufficientemente estimado por muitos de opinião valiosa nestas coisas literarias. Um dos bons trabalhos para mim, intitula-se *Os tres Párias*. Ha tanta verdade na triste condição desses desgraçados, tanta naturalidade nas suas phrases e tanta harmonia nessas estrophes, que eu não posso resistir ao desejo de transcrever principalmente as tres quadras do diálogo desses infelizes : (*Transcreve*).

Realmente ¡ quantos desses factos se deram nos tempos da guerra que sustentámos com o Paraguay ? ¡ e que se dão ainda hoje!... ¿Quando se apagará da

nossa bandeira a nódoa do captiveiro, nódoa que é a origem de tantos casos hediondos e torpes? ¿Quando é que a santa cruzada abolicionista conseguirá quebrar os grilhões de todos os captivos e fazer de uma *coisa* desgraçada e inerme, de um autômato tenebroso e cheio de vicios e hypocrisias (cortejo necessario de sua condição miseravel e abjecta), um homem, um cidadão?

¿Quando é que esses homens e essas mulheres, que não podem ter cérebro para pensar e coração para entre-abrir-se aos effluvios do maior e do mais bello dos sentimentos humanos — o amor, poderão viver na communhão de nossas leis, aspirando as mesmas auras da liberdade, sorvendo livres e felices o ar embalsamado de nossas mattas, ou tomando parte activa nos progredimentos da nossa civilisação, na obra do engrandecimento nacional? ¿Quando é que o nosso pavilhão será o symbolo da riqueza, da felicidade e da grandeza de um povo livre?

(*Transcreve as duas últimas estrophes*). ¡Quanta verdade nesta poesia! ¡Quanto sentimento em toda ella! ¡Quanta tristeza em cada uma destas estrophes! Destaco-a tambem como uma das mais dignas da nova e da verdadeira orientação da poesia moderna. Notase nos *Prismas e Vibrações* o desejo que continuamente nutres de cantar algumas dessas coisas triviaes, ás quaes, para seguir a escola que dellas faz o seu idolo, não as tomas pelo seu lado puro e ideal, antes pela sua materialidade.

O grande poeta das *Orientaes* tem por vezes arrancado de sua lyra divina estrophes scintillantes para cantar o lado ideal e puro dos entes ou das coisas mais vis e mais mesquinhas. Elle não as toma pelo que ellas têm de material; o seu genio empresta a

esses objectos ou a esses sêres da infima especie a grande auréola que circumda o seu talento, e sublima-os ao fogo de sua imaginação poderosa e potente. Um exemplo desta proposição, intitula-se *O Sapo*, um trabalho que só Hugo podia escrever para que o mundo inteiro, ao lel-o, pudesse deslumbrar-se diante do esplendor de seu estro e da pureza, da idealisação de suas concepções.

Um dos trabalhos do autor das *Primaveras* que mais tenho visto censurar é a poesia *Amor e Medo*. Não comprehendo a crítica que a censura e que ao mesmo tempo elogia coisas peiores, mais nuas, mais realistas, si assim quizerem... É nestas circumstancias, é vendo a crítica sem orientação, sem ideal, crítica que elogia hoje o que amanhã censura, que faz agora um ídolo para logo o apear do altar de suas crenças, que me perco num oceano de conjecturas, e que prefiro sempre a linha recta de minhas opiniões sem espavento, despretenciosas e humilíssimas.

Conhecido já por ti o que penso a respeito de escolas literarias, não aprecio, só por esse motivo, a tua *Noite Nupcial*, a tua *Dolora*, o *Poema da Carne*, o *Naturalismo* (¿de Zola?) e alguns outros trabalhos teus do mesmo gênero; não pela sua *fórma*, pelo seu *rythmo*, pela suavidade e brandura do verso, pelas scintillações das imagens com que por vezes os esmaltas e no que mostras as opulencias do teu talento, mas pela escola a que se filiam... Não é que eu desconheça o merecimento desses trabalhos, não; é que elles significam uma tendencia, umas aspirações, uns almejos que não devem ser animados.

Ha nos *Prismas e Vibrações* um endeosamento ás noites de núpcias... capazes de provocar em muitos, que não as fruiram ainda, a realisação desse desejo,

e attrahir ao casamento um grande número de pessoas — apenas para o conseguimento de seu fim material. D'ahi, philosophando, a serie de desgraças que se originariam em um estado cuja procura teve apenas em vista a embriaguez dos sentidos, que não o fim altamente civilisador e moral de tal estado.

Um dos bons trabalhos é a *Epopéa da Forja*, em que a tua inspiração, valente e enthusiasta, se põe ao serviço da grande idéa do progresso e do engrandecimento de uma das constellações de nossa patria — a provincia do Espirito Santo. ¡É uma magnifica poesia aquella! (*Cita 5 estrophes*). Em um livro de versos, prefiro a melodia da rima, a doçura, a elegancia da fórma, antes que o respeito servil a umas leis tradicionaes, estabelecidas pelos compendios. Si é possivel a alliança, é óptimo; mas, sacrificar a essas regras a harmonia do verso e a inspiração, quasi sempre rebelde ás leis tyrannas e crueis, é o que não posso admittir, embora erre.

O Palhaço é um trabalho espléndido pelo fundo de verdade que nelle ha e por sua fórma sonora, artistica, cuidadosamente trabalhada. Não cito nenhum pedaço dessa poesia. Custar-me-ia, si o quizesse fazer, a não a citar toda. Poucos poetas tenho visto tratar assumptos destes tão perfeitamente como tu o fizeste. Aquella poesia não se elogia, admira-se simplesmente.

Scena crepuscular é um trabalho mimoso, cheio de umas subtilezas que poucos talentos poéticos podem conseguir. — *A Arte*, as — *Pérolas ideaes*, o — *Diálogo romántico*, a — *Revelação* e — *A Penha* são poesias que muito recommendam o valor e a pujança de sua inspiração. (*Cita algumas estrophes*). — *O Berço e o Mundo*, um poema em quatro versos, cuja inspi-

ração foste buscar em SCHILLER, o grande poeta e historiador allemão, é digno dos maiores elogios. (*Transcreve*).

Não preciso falar dos dois poemas com que finalisas o teu volume. Elles têm sido apreciados como merecem; fazem-te honra, meu bom poeta, e fecham com chave de ouro e teu mimoso livro.

Devo terminar, pedindo-te desculpa da minha prolixidade. Não sei si te agrado com a minha rude sinceridade; para que me perdões, porém, esta franqueza, colloco-me sob a protecção de ALMEIDA GARRETT, um talento como poucos, com quem digo: — « Isto pensava, isto escrevo; isto tinha n'alma, isto vai no papel: que de outro modo não sei escrever ». 98

Luis dos Reis.

Rio, 1882.

LV

... como Arion, MUCIO TEIXEIRA sabe applacar os monstros, e em cada nova visita que faz ao Parnaso, é mais calorosamente acolhido, o que prova que, longe de adormecer sob os seus primeiros louros, trata de manter bem temperada a sua lyra, e sobretudo de preserval-a das avarias das escolas extravagantes.

Nestes volume ha um pouco de tudo; mas ha sobretudo a nota inspirada, que allude ao *cherchez la femme*... Si quizesse pôr em evidencia tudo quanto ha de recommendavel nos *Prismas e Vibrações* de MUCIO TEIXEIRA, privaria o leitor do prazer de ir ao precioso livrinho embriagar-se ás doces cantilenas, enthusiasmar-se ao rythmo sonoro do poema.

Quem tanto dá é obrigado a mais. Lembra-te disto,

poético filho da marcial provincia do Rio Grande do Sul, em cujos fogões tambem viste nascer a tua popularidade, mais duradoura de certo, — porque o povo ainda ha de cantar, quando já não souber mais o que é « fazer politica ». [99]

Carlos Jansen.

Rio, 1882

LI

O livro de MUCIO TEIXEIRA é um desses bellos fructos da intelligencia de um moço cheio de crenças e de vida. Tomemos os versos finaes da *Revelação* e ahi veremos a verdadeira revelação de um espirito alentado. (*Cita-os*).

Si formos a citar mais versos, teremos talvez de transcrever o livro inteiro. Os *Prismas e Vibrações* fazem um *bouquet* de lindas flores, onde é impossivel a escolha.

Não é verdadeiramente uma critica o que deixamos escripto; é simplesmente a impressão que nos produziu a leitura de um livro escripto com arte e inspiração. [100]

Silva Figueiró.

Rio, 1882.

LVII

Mimoso e cuidado como são as magnificas estrophes que encerra, deve surgir por estes dias mais um volume de poesias do nosso poeta MUCIO TEIXEIRA.

O que são os versos que elle contém, digam outros

mais autorisados. Entretanto, para quem conhece MUCIO TEIXEIRA, ¿não será facil advinhar? Aquelle genio, ora enthusiasta, ora triste, agora arrebatado, logo meigo, transluz nesses versos, nos quaes o poeta deixa transvasar parte de sua alma. [101]

Dr. Oliveira de Menezes.

Rio, 1882.

LVIII

Prismas e Vibrações é o titulo do novo livro do Sr. MUCIO TEIXEIRA. Que são versos não carecemos dizer, a poesia é a sua linguagem; metrifica com a mesma facilidade com que refere, em íntima conversação, incidentes pittorescos de alguma viagem; não encontra difficuldades, adapta o pensamento a todas as fórmas, sem enfraquecel-o nunca, conservando, ao contrario, todo o seu brilhantismo, todo o seu vigor, toda a sua energia.

Nos *Prismas e Vibrações*, duodécimo livro seu, admira-se não só a imaginação do poeta como a delicadeza de seus sentimentos. Não precisamos apontar as bellezas deste novo trabalho; para recommendal-o, basta o nome do autor, que já é um dos ornamentos da nossa literatura. Dando parabens ao poeta, tambem os damos ás letras patrias. [102]

Dr. Velho da Silva Jr.

Rio, 1882.

LIX

On a accusé notre époque d'être trop positive et de n'avoir laissé au rêve et à l'idéal qu'une place trop restreinte.

Il y a en effet toujours quelque témérité à aborder un genre aussi délaissé que la poésie.

Mais la muse de M. Mucio est bonne enfant, sans prétention, dépouillée de cette sorte de solemnité que le rythme imprime quelque fois à la pensée ; elle a une grâce sautillante et la fantaisie entraîne le poète d'un sujet à un autre comme le caprice appelle le beija-flor d'une fleur à une autre.

Le volume que nous venons de parcourir se compose d'une série de petites nouvelles, de réflexions rimées empreinte d'une aimable philosophie.

Les rayons du soleil des tropiques en traversant le prisme d'un pur cristal jettent sur ces quelques pages les vives couleurs de l'Arc-en ciel. Les sujets choisis sont d'ailleurs très attachants. Tantôt c'est un petit drame en vingt lignes comme *Atala*, tantôt une vive fantaisie comme *Minha Rïqueza*, tantôt encore une description pleine de fraîcheur.

En sommes, lecture charmante, véritable plat de choix pour les délicats et les raffinés constatant une fois de plus qu'il y a dans l'auteur un homme d'esprit doublé d'un écrivain. [103]

Alfred Dumont.

LX

We have received a small volume of poems from the pen of the well-known writer Mucio Teixeira, entitled *Prismas e Vibrações*, which is issued as a special edition, containing a photograph y of the author on the title page.

Without entering into a detailed criticism of the work, which would be a very difficult task for one not thoroughly familiar with the language, it is sufficient to say that the author has already won a high place among Brazilian poetical writers of the day, and that his poems are widely appreciated throughout Brazil.

The little volume before us contains some of his choicest productions, and should have a place in every collection of works in Brazilian literature.

Our thanks are due to the author for the handsomely printed volume which has been laid upon our table. [104]

G. Spencer.

LXI

Á turma valiosa de insignes prosadores junta-se uma outra não menos preciosa de poetas dulcissimos taes como Luis Delfino, Mucio Teixeira, etc.

Trabalham estes nobilissimos operarios actualmente com os materiaes accumulados pelos tres séculos do periodo colonial e o meio século da fundação do Imperio [105]

Eduardo Perié.

LXII

Mucio Teixeira é de quem mais orgulhosa falará a futura historia da nossa literatura, do que o presente, que ainda bambêa a cabeça e tresvaira em olhares de calculada indifferença, quando tem de parar diante do talento de um grande poeta nacional, a quem Theophilo Braga, Anthero do Quental, Guerra Junqueiro e Gomes Leal olham com o fortalecido enthusiasmo dos que não dobram o joelho ante mediocridades, e só votam no suffragio pela realeza do talento, em que Mucio é principe. [106]

Pessanha Póvoa.

Victoria, 1882.

LXIII

Il serait injuste de passer sous silence les noms d'autres poètes dont la renommée s'affirme chaque jour : Theophilo Dias, neveu de Gonçalves Dias, mort en mars 1889, dont la *Lyre des jeunes années* et les *Chants tropicaux* ont été remarqués ; Mucio Teixeira, le plus fécond peut-être des poètes actuels, auteur des *Ombres et Clartés*, de *Cerveau et Cœur*, et de tant d'autres volumes de beaux vers. [107]

Barão de Sant'Anna Nery.

Paris, 1889.

LXIV

Mucio Teixeira é um rapaz alegre, sympático e nsinuante. Como poeta foi sempre republicano; como político, uns dizem que é liberal, outros conservador... Mas para Mucio Teixeira, si o encararmos sob o ponto de vista político, qualquer desvio partidario pode ser admissivel, considerando-o simplesmente como poeta. Além disso, ainda ha para elle muitas circumstancias attenuantes.

Muito joven, só no mundo, sem fortuna material, escreveu alguns livros de versos que, postos no mercado, creio que pouco lucro lhe dariam. Si os primeiros, cedendo apenas a uma inclinação natural, ficaram amontoados nas livrarias editoras, os outros, posteriormente publicados, onde o joven poeta manifestava uma inspiração vigorosa, um talento poético de primeira ordem, não lhe deram a independencia material que lhe dariam na França ou na Inglaterra, onde os escriptores enriquecem só com o producto de suas obras.

Nestas condições, o poeta republicano começou a pensar no utilitarismo da época, e de um dia para outro appareceu feito secretario do governo da provincia do Espirito-Santo, cargo de confiança da monarchia. Por esse tempo Mucio escrevia folhetins no *Jornal do Commercio* da côrte, em cuja folha foi recebido, segundo me informara um jornalista, a pedido do Sr. D. Pedro II, por meio de um cartão ao Dr. Luis de Castro (*).

(*) O illustre Sr. Coronel Dantas Barreto foi mal informado: Mucio Teixeira autorisa-nos a declarar que o Impera-

Foi nessa época que eu li, pela primeira vez, *A Ironia da Estatua*, a *Osorio* e outras poesias notáveis de MUCIO TEIXEIRA, dadas á estampa mais tarde, nos livros *Novos Ideaes* e *Prismas e Vibrações*. Como quasi todos os poetas de hoje, MUCIO TEIXEIRA leu alguma coisa de BAUDELAIRE, e apaixonou-se por VICTOR HUGO e CAMPOAMOR, de quem decorou poemas inteiros.

De tudo isso resultou ficar mais lyrico do que naturalista, mais idealista do que objectivo. O seu lyrismo, entretanto, á parte algumas poesias de assumptos triviaes, é vasado em finos moldes, e quasi sempre de uma delicadeza transparente. Sente-se ahi a alma nteira do poeta, a inspiração valente de um espirito enthusiasta do bello, como dos grandes heróes do seu paiz.

Si não se satisfizesse com a superficialidade das coisas, si estudasse a fundo a physiologia das paixões e quizesse comprehender que um artista de hoje só pode avultar tendo por objectivo a humanidade, seria talvez um dos maiores poetas da lingua portugueza, na última parte deste século. Todavia, no quadro dos poetas contemporaneos do Brasil e Portugal, MUCIO TEIXEIRA ha de figurar no mesmo plano em que se destacar GUERRA JUNQUEIRO.

Os volumes que tem dado á publicidade, em número relativamente grande, podiam ser reduzidos á metade, sem prejuizo da sua reputação de escriptor. — Quando

dor não influiu de fórma alguma para a sua collaboração no grande orgam da imprensa brasileira. A magnanimidade imperial começou nesse mesmo anno a distinguir o poeta (1880), mas de maneira diversa: honrando-o com a sua amisade, amparando-o no infortunio e na enfermidade, dando-lhe altos empregos e chegando a hospedal o no torreão do norte do seu palacio de S. Christovam.

esse poeta sente o coração verdadeiramente inflammado, quando se apaixona, as suas estrophes têm a energia vibrante das grandes inspirações artísticas. Ha nos seus últimos volumes poesias que valem poemas. — *Osorio*, para não citar outras, tem o valor daquella expressão.

Nesta arrojada producção está traçada, com todo o vigor do talento, a estatua colossal do Legendario brasileiro. Em cada estrophe sente-se que o General, num galope vertíginoso, por entre o fumo espesso dos canhões, ou emparelhando com a gloria — ao reluzir das bayonetas e das agudas lanças, no cháos medonho das batalhas... (*Seguem-se algumas estrophes, que completam a oração*).

Daqui a meio século, quando entrar em julgamento a raça dos bons poetas nacionaes de hoje, si Mucio Teixeira não tiver o logar de honra entre os seus distinctos confrades, — ficará certamente o primeiro do sul do Imperio. No meio das paixões desencontradas, que actualmente transparecem dos nossos críticos, o paralello entre poetas da mesma familia seria todo falso, porquanto o despeito e a parcialidade são sempre inimigos da justiça. É na posteridade que os homens superiores têm a verdadeira consagração [108].

E. Dantas Barreto.

Junho, 1886.

LXV

Mucio Teixeira nasceu sob a influencia de um astro de gentil clarão: menino ainda, já se fazia notado pelo vigor da inspiração de suas poesias, pelo seu todo sympático, jovial e modesto. Exaltava-se ao pen-

sar em uma futura república... Então dava largas ás expansões do seu precoce talento. A sua palavra fluente, quer desprendida em reuniões intimas, quer em comicios populares, semelha sempre uma catarata de vividos fulgores, uma torrente de prismáticas scintillações, a conservar o auditorio dominado de sorpreza em sorpreza.

Os homens de letras animavam-no e applaudiam-no, prevendo naquelles assomos da criança-genio as reverberações desse espirito que tanto tem embellezado e enriquecido as letras patrias. O elegante cantor rio-grandense, contando actualmente apenas 27 primaveras, já se achava collocado, por suas proprias obras literarias, no alto pedestal onde se ostentam os mais laureados poetas das nossas formosas terras columbinas.

O seu physico é bello e expressivo: olhar impregnado de suggestiva vivacidade, pequenos labios onde paira um sorriso irônico, mas delicado, sombreado por um bigode espesso e luzidio. Ás vezes traja no rigor da moda, quasi com exagero... galante, outras vezes, como a onda revôlta de suas ardentes idéas, o *dandy* transforma-se no *gaúcho*, isto é, á moda dos patricios, de poncho e botas, *sombrero* desabado, no dorso dum fogoso corcel, prompto a percorrer a galope a vastidão das savanas.

É enthusiasta devotado de todos os bons poetas, e magnánimo com todos os que estreiam na poesia. Ama este triumvirato sublime: Victor Hugo, Campoamor e Castro Alves. Adora as flôres e os perfumes e é sincero admirador do sexo fragil [109].

Julieta Monteiro.

Rio Grande, 1885.

LXVI

Mucio Scévola Lopes Teixeira, de quem damos hoje o retrato na página de honra do nosso jornal, ainda não tem trinta annos e já é o poeta mais fecundo do Brasil, notando-se que essa fecundidade em nada diminue a importancia das suas obras. — « ¡ São lindíssimos os seus versos! » dizia Carlos Ferreira, num dos seus bellos folhetins do *Correio do Brasil,* quando appareceram as *Vozes trémulas,* versos dos 15 annos.

Não ha na nossa literatura exemplo de precocidade igual; e note-se que Alvares de Azevedo escreveu com 18 annos *A Noite na Taverna*, e Macedo Júnior, morrendo com 16 annos, deixou aquellas poesias que justificam o enthusiasmo com que o saudou Casimiro de Abreu.

Eis a relação das obras de Mucio Teixeira, das quaes se têm occupado com unánimes louvores os mais distinctos críticos nacionaes e estrangeiros. (*Segue-se a citação dos livros até então publicados*). — Offerecendo o seu retrato ao público, fazemos nossas as seguintes palavras do Sr. Conselheiro Bellegarde. (*Vide o número XLII*). [110]

Miguel de Werna.

Porto Alegre, 1883.

LXVII

Os genios bemfasejos do torrão natal de Amalia Figueirôa, Bernardino dos Santos, Porto Alegre e

Carlos Ferreira, acolheram benévolos os teus primeiros vagidos e solicitos embalaram os teus sonhos no suave regaço da poesia. A deusa da inspiração, por seu turno, ao imprimir-te na fronte o primeiro ósculo de amor, reconhecendo no fervoroso apóstolo do seu evangelho um dos seus mais predilectos filhos, sagrou-te logo poeta em nome da trindade augusta de Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves.

Bemdito, pois, sejas tu, que não descreste, e que de dia para dia vais abrindo brecha no reducto do porvir, aos golpes vigorosos do teu fecundissimo labor. A mim, peregrino retardatario, esmorecido em meio da viagem, não vai mal o haver estacionado... Em ti, porém, poeta laureado, que afóras os teus brazões em uma fecundidade incessante, prodigiosa e original, o que bem caracterisa a feição nobiliaria da fidalguia do teu estro, bem mal assentaria tão esteril repousar. ¡Canta, pois, e canta sempre!

Para os que já descreram, seja a lúgubre divisa o grito desesperador de Luthero, ao contemplar os craneos esparsos do cemiterio de Worms: — *¡Invideo quia quiescunt!* — Para ti, não. Repelle para bem longe a immobilidade das esphinges egypcias, ao sol de um século em que tudo ao redor de nós se agita e se expande, o pensamento e a materia, a liberdade e os povos.

Outro não póde nem deve ser o mote do brazão dos teus talentos, sinão o grito profundamente convicto de Galileu, perseguido, mas não submettido, grito que é a sublime e civilisadora intuição do genio, affirmando o movimento da terra: — *¡E pur se muove!* — Seja teu guia o trabalho, que é honra; a crença, que é força; o estimulo, que é gloria; e a luz da intelli-

gencia, ¡que é um raio do espirito de DEUS, transfundido no espirito do homem! [111]

Elpidio Lima.

1883.

LXVIII

MUCIO TEIXEIRA acaba de conseguir o que ainda nenhum outro poeta, vivo, no Brasil, conseguiu até hoje : uma *¡terceira edição!* — Já é uma gloria para elle haver produzido um livro que tem *tres edições*... neste paiz. — FAUSTO E MARGARIDA é um dos primores da literatura brasileira, e MUCIO uma das figuras mais salientes da actual geração.

Como poeta, precisam os outros contar mais alguns graus na admiração nacional para chegar á sua altura; bem poucos plainam em seu nivel. Aquella fecundidade nativa, aquelle viço espontaneo de uma natureza agitada, vivamente apaixonada, predicado que na opinião de ZOLA é a pedra de toque da arte humana contemporanea, um punhado de dotes mais, eis o que faz de MUCIO TEIXEIRA um talento destacado, acariciado e invejado.

Entre os muitos outros attestados desta exhuberancia de vida e de calor cerebral, o *Fausto e Margarida* brilha como uma facecia admiravel na fronte laureada do fogoso poeta. Um aperto de mão ao amigo, um *bravo* ao poeta. E eis-me na mais respeitosa curvatura, de chapéu na mão, ante o nosso público... que já se dá ao luxo de ler, ao ponto de um poeta ver as edições de suas obras rápidamente esgotadas. [112]

Pessanha Póvoa.

1883.

LXIX

Acabamos de ver as primeiras provas de um curioso trabalho poético : é a traducção de um poema, pelo nosso primoroso poeta Mucio Teixeira, autor de tantos e tão apreciados volumes de versos. É originalíssima essa composição : intitula-se *Fausto* e é a narração de um gaúcho que foi assistir á ópera de Gounod.

Em gíria popular, o gaúcho descreve o drama, analysa-o, commenta as impressões do auditorio e, em linguagem pittoresca e colorida, emitte máximas philosóphicas adubadas com engenhosas críticas. A versão é perfeita, e mantèm toda a giria gaúcha com rara felicidade.

Afim de que prelibem os leitores da provincia alguns versos desse poema, que brevemente virá á luz, aproveitamo-nos da gentileza do traductor, que nos permitte trasladar uma página das que já se acham em provas. Avalie o leitor por este spécimen. (*Transcreve diversas estrophes*).

Todo o poema é neste gosto; a obra de Goethe é commentada de um modo picaresco, e com ella a partitura de Gounod e os excessos do dilletantismo : uma originalidade digna de apreço e que, vertida como está, constituirá titulo de gloria para o laureado traductor brasileiro. Que venha quanto antes o *Fausto Gaúcho*. [113]

Joaquim Serra.

Rio, 1887.

LXX

Já está impresso o novo volume de versos do Sr. Mucio Teixeira. Este livro confirma as suas apreciáveis qualidades poéticas, já reveladas em outras obras que a crítica recebeu com applausos, e que deram ao autor dos *Novos Ideaes* um nome qualificado entre os nossos modernos lyricos.

No presente volume o Sr. Mucio Teixeira vibra as mesmas cordas do sentimento, e patenteia as mesmas opulencias de imaginação; recommendando-se tanto pela parte inventiva de suas producções, como pela maneira artistica por que trata dos assumptos.

O recente livro do distincto cultor das musas abrange varios gêneros de composição, e mostra que o poeta não está filiado a nenhuma escola, preoccupando-se tão somente de expor, em estylo imaginoso e melódico, aquillo que vê e sente.

Não temos o intuito de fazer a crítica dos seus novíssimos *Poemas*, mas tão somente noticiar a próxima destribuição desse volume, que já tivemos entre mãos, proporcionando-nos a sua leitura momentos bem agradáveis. Comprimentamos ao Sr. Mucio Teixeira por mais esse fructo de sua operosa intelligencia [114].

Joaquim Serra.

Rio, 1888.

LXXI

Do Sr. Mucio Teixeira, cuja obra poética já conta não poucos volumes, appareceu mais um, com o título

Poesias e Poemas. De tres partes se compõe: *Penumbras*, que em grande parte já fizeram victorioso trânsito pela imprensa diaria; um *Idyllio* e o *Cântico dos Cânticos*. Para a versão deste, serviu-se o Sr. Mucio da traducção em prosa de Renan, que, como é sabido, pretendeu restituir ao poema bíblico a sua primitiva fórma dramática.

O *Idyllio* é um dos mais eróticamente completos. Está claro, porém, que nisto ao Sr. Mucio não cabe responsabilidade, pois que cuidadosamente evita agora a cultura do gênero, por conta propria. Pelo menos é o que parece entender-se da nota em que explica que certos versos amorosos são dos seus tempos de solteiro.

Abrem o volume duas magnificas poesias — as melhores das originaes deste livro, segundo me parece, — dedicadas aos filhinhos do autor. Creio que uma dellas já foi publicada no primeiro fasciculo das *Verbenas*, publicação encetada, não ha muito tempo, e logo interrompida. Dando noticia dessa collecção, occorre-me haver mencionado as estrophes em que, com fórma tão verdadeiramente sentimental, se traduzem os vivos affectos de um pai não seguro do porvir dos seus filhos.

Rápidamente correm mundo os versos do talentoso e inspirado Mucio. Assim é que os vejo passados a várias linguas em traducções insertas no volume. Para o italiano foi vertida uma peça pela Sra. Rosa Rossi; outra para o hespanhol por Don Carmelo Seoane; para o francez outra, por Melle Alice de Chazot; e uma até para o latim, pelo Sr. Dr. Castro Lopes.

Em notas com que se illustra o livro, fornece o autor explicações, algumas necessarias e todas interessantes. Cruel ás vezes, como por exemplo naquella

em que deplora a longevidade dos senadores, o autor alhures é arrastado pelas suggestões da amisade para mais longe do que o razoavel e presumivel. É o que acontece, *verbi gratia*, quando lastima que no Rio de Janeiro não possa ser dramaturgo o Sr. JOAQUIM NUNES...

A reputação poética do Sr. MUCIO, escrevia eu noutro dia a propósito de uma bella poesia recitada na festa do Lyceu de Artes e Officios, não pode mais ser posta em dúvida. Como quer que avultem as divergencias políticas que me separam do fogoso republicano, muito folgo em reconhecer o seu mérito literario.

Não faltará quem lhe note alguns hiatos, repetições, gallicismos, e farão muito bem os esmiuçadores, por que são críticos ; eu, que não o sou, dou-me por contente com fazer, assim muito pela rama, o balanço dos senões e das bellezas, e registrar enormíssimo saldo.

Não acabarei sem declarar que nesta cidade já se vai trabalhando, e bem. O retrato do autor é magnífico producto phototypico das officinas do Sr. PEDRO DA SILVEIRA, um dos que metteram hombros á grande edição do *Guarany*. O lavor typográphico, effectuado na Imprensa Nacional, é dos mais acurados e primorosos, — ¡ Realmente, vale a pena fazer versos bonitos, quando, como estes, tenham de ser impressos e adornados com tamanha gentileza ! [115]

Carlos de Laet.

Rio, 1888.

LXXII

Collega e amigo MUCIO TEIXEIRA. — De todos os actos que a justiça tardia dos homens podia praticar,

nenhum me é tão agradavel como a vossa nomeação de Consul Geral do Brasil nos Estados Unidos de Venezuela. Foi preciso alta inspiração moral, desdem das intrigas e miserias dos pygmeus, alma de artista e coração de soberana, para comprehender o vosso espirito rasgado e sublime, um dos maiores da nossa lingua e do nosso tempo.

Outros vacillariam entre as fraquezas do espirito em luta com a ambição e a sorte; outros, attenderiam á irregularidade intellectual que, no ambiente de nossa terra e do nosso tempo, é o mais claro indicio da superioridade; mas uma alma régia de artista viu a luz e não quiz ver a penumbra que a rodeia. Graças lhe sejam dadas, em nome da fidalguia intellectual, em nome da arte, da inspiração, do culto á causa espiritualista.

Longe de nós, em aquelle Estado novo que se engrandece ao norte do Amazonas, e prepara novas cópias da monarchia federativa do Brasil, o vosso talento, na contemplação de um mundo novo, eruptivo, filho da floresta e da energia da raça hispano-indiana, sentirá algumas dessas grandes inspirações que se traduzem no canto lyrico e no poema épico.

Aos espiritos irrequietos, que trazem nas dobras do seu manto real a immensa poesia da arte, é preciso a peregrinação de CAMÕES, o exilio do DANTE, a expulsão de BYRON, ou a vida suppliciada de GONÇALVES DIAS, para attingirem a força completa de suas faculdades.

Honro-me de haver tido a meu lado, nas lides da imprensa contra a injustiça e o obscurantismo, nessa guerra da abnegação e da renúncia aos despojos, o estro inspirado de MUCIO TEIXEIRA, que se revolta contra os poderosos felizes e se enthusiasma á vista de um acto nobre.

São duas apparições que sobreviverão ao prosaismo, á pequenez, á ganancia de uma época que martyrisa o talento, nega o ideal e applaude a fortuna bestial e radiante. Por entre esta procissão de adoradores da força brutal e do dinheiro, apparecem-me os espiritos luminosos de LUIS GUIMARÃES, de MUCIO TEIXEIRA e de poucas excepções mais que subiram ácima do lençol d'agua destinado a inundar o deserto estrepitoso que ora atravessamos.

¿Mas que importam os escárneos, as injustiças, os barbarismos da sombras passageiras que povôam esse deserto? O talento despe nos humbraes da posteridade as vestes contaminadas pelo contacto de uma época ruím, e penetra puro e radiante nessas regiões onde a memoria nunca se extingue.

A outros, duramente tratados, cabe a apotheose em vida. OTTO DE BISMARCK, o ludibrio dos burguezes de Berlim, é hoje a maior popularidade da Allemanha; TEODORO PARKER legou aos pygmeus de Boston, que o insultavam, o decreto de abolição de LINCOLN, que fôra inspiração de sua immortal tenacidade.

Meu amigo, em Venezuela esperam-vos outros ensejos de serdes util á patria nativa. Aquelle grande paiz, em luta com a ambição européa, tem interesses politicos iguaes aos nossos e caminha para a órbita de acção brasileira. Estudar o seu estado econômico, estreitar as relações, revelar essa alma nova que ali nasce, é missão digna do vosso talento. Não vos esquecerei, nem vos pouparei applausos. [116]

Reinaldo Carlos Montóro.

Rio, 1888.

LXXIII

A MUCIO TEIXEIRA. — No *Diario de Noticias* de 15 de Abril, vi inserta uma carta inspirada e eloquente (*allude á precedente*), saudando, na effusão do seu júbilo, o grande poeta que acaba de ser nomeado Consul Geral do Brasil em Venezuela.

Essa carta, justa apotheose levantada por coração amigo em apreciada homenagem aos seus talentos, e aos seus méritos incontestáveis, tanto tempo olvidados no seio da patria, que seu genio immortalisa nas harmonias inexcediveis de uma musa adorada, consagra sentimentos e emoções tão nobres e tão puras, que lhes sombrear o brilho seria depreciar aleivosamente os titulos nobilíssimos de quem soube elevar-se pela precocidade da intelligencia, no trabalho, e resignação na adversidade.

Poeta e semi-diplomata, Venezuela será mais um theatro para a sorprehendente exhibição dos seus dotes, que, exalçando a realeza do talento com que DEUS o privilegiou, solidificará no conceito dos que por ventura ainda duvidam, a reputação de um nome já aureolado pelas glorias conquistadas nos grandes certamens da intelligencia.

E Sua Alteza a Princeza Imperial, que lhe fez justiça, tirando-o do ostracismo a que a inveja e a calúmnia de seus adversarios o votaram, terá ainda occasião de, admirando a sua musa poética e gentil, satisfazer o seu coração de Mãi e a sua alma de Anjo da Guarda, abençoando a hora em que assim o protegeu.

Congratulando-me, pois, com a sua nomeação, espero e peço-lhe que, no meio dos louros que lhe

enaltecerem a fronte, não esquecerá o Lyceu de Artes e Officios [117].

F. J. Bethencourt da Silva.

Rio, 1888.

LXXIV

Possuía uma opulenta dama, que frequentava aristocráticos salões, joias de esmerado lavor; adereços, armillas, diademas, e braceletes, em que diamantes, rubis, pérolas esmeraldas e saphyras entre si rivalisavam, deixando indecisa a escolha da melhor de suas prézeas.

Por capricho feminil quiz um dia a ostentosa fidalga que certo obscuro joalheiro lhe aquilatasse um collar de finíssimas gemmas. O triste artesano, que apenas e grosseiramente fazia as suas soldaduras, ao receber a incumbencia, estupefacto diante de tanto primor artístico, e fascinado pelo brilho da pedraria, não soube se desempenhar da tarefa.

O poeta, autor do livro intitulado *Poesias e Poemas*, que sabe enlevar mesmo com *vozes trémulas;* que offerece generoso aos seus leitores perfumado ramalhete de *violetas;* que brilha entre *sombras e clarões;* que torna perpétuos os encantos e aromas da *flor de um dia;* que nos descreve dantescamente os horrores do *Inferno Politico;* esse poeta que tem ardentes *Cérebro e Coração;* que na alma inspirada concebe *Novos Ideaes*; que descobre a *Virtude no Crime;* que voga na *Canôa da Escravidão;* finalmente que faz um *Tribuno-Rei;* esse poeta imitou o capricho daquella opulenta dama.

Quiz Mucio Teixeira que fosse eu o obscuro joa-

lheiro, que lhe avaliasse a riqueza e primor artistico do seu bello livro *Poesias e Poemas*, cuja prévia e melhor recommendação é haver sido editado sob os auspicios de Sua Alteza Imperial a Augusta Princeza Regente, segundo confessa, cheio de gratidão, o autor.

¿Que hei de dizer do merecimento da obra? ¿Qual dos assumptos apontarei como melhor? ¿Qual de tantas e tão mimosas poesias hei de analysar? — Seja o fecho, seja a chave de ouro a que, sem menospreço das outras, me arranque os *bravos* de admiração : — *O Cântico dos Cânticos*, o *Schir haschidim*, como se diz em hebraico, o *Asma ásmaton*, como lhe chamam os gregos.

Não é este o logar, nem propria a occasião de renovar velhas discussões de eruditos sobre o que é verdadeiramente essa peça literaria entresachada na Biblia. Si foi seu autor SALOMÃO, ESDRAS ou NEHEMIAS; si representa esse monumento poético *um drama e um canto de núpcias*, — *Numphykon drama te kai asma* (*), não é isso o que importa agora averiguar.

Poéticas e artificiosas umas, ridiculas e absurdas outras, são as interpretações que ao *Cântico dos Cânticos* deu a antiguidade sábia. ORIGENES, arrebatado por um mysticismo desculpavel no seu tempo, quer ver neste *Cântico* a figura do epithalamio da Egreja com seu celeste esposo JESUS CHRISTO.

O philósopho de Fernay, o sarcástico VOLTAIRE, de quem não sou cego partidario, esqueceu, ou fingiu esquecer analysando o *Cântico dos Cânticos*, que se deveria dar o devido desconto á diversidade dos tempos, da lingua santa, dos costumes de épocas tão re-

(*) S. Gregorio de Nazianzo.

motas : esses motejos e zombarias, que poderiam até parecer de um ignorante, si de tão sábia penna não tivessem sahido, em nada diminuiram o esplendor, a magnificencia, o sublime desse poema hebraico, admirado em todos os tempos e por todos os grandes homens de nações cultas.

Apenas concordo com o primeiro vulto literario do século XVIII em não ser o *Cântico dos Cânticos* allegoria mystica das núpcias da Egreja com JESUS CHRISTO. Com effeito, ¿como admittir similhante allegoria com as seguintes palavras : — *Soror nostra parva, et ubera non habet,* etc. ?... (Nossa irmã é pequena ; ainda não é nubil).

Este tópico final não vejo traduzido ; donde concluo que o sabio orientalista RENAN não o passou para a versão franceza, que o nosso inspirado poeta tão primorosamente metrificou. O *Cântico dos Cânticos*, expressão que constitue um verdadero hebraismo, é uma das fórmas do superlativo em hebraico; equivale a *Canto sublime.*

Este simples reparo não tome o poeta como censura : porquanto, desde séculos tem o mundo literario consagrado aquella expressão em as linguas, para que foi vertido o espléndido poema. Mas eis-me insensivelmente resvalando para o terreno philológico e linguístico ; tal não é o meu fim.

Algumas traducções em verso portuguez tenho visto do *Cântico dos Cânticos ;* confesso, porém, com grande prazer, que nenhuma mais do que esta me agradou, pelas bellezas singelas da fórma, pela fluidez e harmonia dos versos, pela metrificação variada, pela naturalidade das expressões, pelo dizer mimoso do pensamento; em uma palavra, pelo decoro da phrase ; difficuldade brilhantemente vencida, tendo de

ser vertidos pensamentos e vocábulos, que para o nosso tempo, nossos costumes e nossa lingua, seriam incastos.

São em geral bellos os versos em que o poeta tratou outros assumptos; impõe-me, porém, a consciencia o dever de declarar que com certeza lhe escapou corrigir o erro typográphico do primeiro verso da primeira poesia; a qual li, bem me lembro, no *Jornal do Commercio* de 1885, transcripta conforme a compuzera o autor : « *Ter um filhinho assim é ter na terra* », etc., levissimo senão, que de modo algum tira o real merecimento da obra.

¿Qual o ramalhete de flores, em que sejam perfeitas as pétalas de todas as rosas? — Eu tenho o defeito de seguir escrupulosamente, sempre que posso, os preceitos e conselhos do grande mestre Horacio, que, falando dos deveres dos criticos, diz : — « *Vir bonus et prudens versus reprehendet inertes* ». Eis porque ouso, com rude franqueza, fazer esta reflexão; e não seria sincero si só visse bellezas em obra humana, sem lhe achar o mais leve senão.

Para mostrar a gratissima impressão que em mim produziu o livro *Poesias e Poemas*, do qual, ao passo que ia lendo as páginas, parecia-me estar caminhando por entre perfumados jardins, construidos com a mais apurada arte, até deparar-se-me o palacio encantado — *O Cântico dos Cânticos*; direi que mais de uma vez ávidamente aspirei o delicioso perfume exhalado de inimitaveis estrophes, repassadas de verdadeira poesia.

Receba, portanto, o autor das — *Poesias e Poemas* — minhas sinceras felicitações; e me desculpe a liberdade de exprimir a minha opinião, não possuindo,

como não possuo, os requisitos de um crítico. — ¡ *Vorwärts!* ¡ *Vorwärts!* [118]

Dr. Castro Lopes.

Rio, 1888.

LXXV

Mucio Teixeira com 15 annos era gordo, com rosas nas faces e *violetas* no *cérebro e coração.* Antes isso, que ter *macaquinhos no sótão*, como o Lulú Senior, que ainda hoje é gordo, mas sem rosas nas faces, nem violetas, sinão na botoeira.

Aos 20 annos o Mucio ficou magro como o Lopes Trovão, pálido como o Henri Heine (no retrato da *Revista dos Dois mundos*), parecendo um fantasma entre *sombras e clarões*. Cinco annos depois tornou a engordar, isto é, deixou de ser magro, sem que engordasse tanto como na juventude.

Actualmente é cheio de corpo, como se costuma dizer ; começa a ter o seu tanto ou quanto de tecido adiposo, sem prejuizo da elegancia, pois é um typo fino, de fino espírito e finíssima distincção.

Tem olhos negros como os seus cabellos, uns cabellos a Castro Alves, bigode e barba a Van Dyck, o olhar faiscante, húmido ás vezes, quasi sempre radioso, severo e penetrante. Dizem que o Varella tinha o olhar assim : eu nunca vi ninguem que olhasse como elle olha, mesmo quando vê o que não se vê...

É poeta, jornalista, folhetinista, orador, historiador... ¿ E não é que ia rimando? — Como poeta é inspirado, fecundo, original, o que no fim de contas define cabalmente uma personalidade. Não appareceu

ainda entre nós quem escrevesse tantos versos; e « tem principalmente muita poesia em seus versos ». Isto não é meu, mas é applicado a elle.

Exemplo : — *Amar aos vinte e dois annos*... ¿ Onde ha moça solteira, ou rapaz de bigodinho nascente, que não recite ao piano estes deliciosos versos? ¿ *A Chinoca*? ¿ e *Osorio*? ¿ e *Os tres párias*? ¿ e *A Ironia da Estatua*? Digam-me, si são capazes, si já houve alguem que produzisse poesias mais bellas, mais inspiradas, mais arrebatadoras. ¿ Onde, e quando?

Jornalista, fundou e redigiu importantes folhas, collaborando nos mais conceituados jornaes do Rio, daqui e até de Caracas .. ¡ *Caracoles!* uma terra que parece ficar naquelle logar onde o diabo perdeu as botas... e as revoluções.

Folhetinista, pertence áquella victoriosa legião dos Ferreira de Menezes, Carlos Ferreira, Carvalhal, Gentil Homem, Lins de Albuquerque, Joaquim Serra, Carlos de Laet e Pessanha Póvoa. — Orador, fez a sua estréa na tribuna das *Conferencias da Gloria*, na presença do Imperador, que o abraçou aos olhos do auditorio, começando assim por onde os outros acabam.

De então por diante, contendo cautelosamente os ímpetos do seu republicanismo platônico, fala pelos cotovelos... ignorando, ou fingindo ignorar aquella sábia sentença que nos ensina « que Deus nos deu o dom da palavra para disfarçarmos o pensamento ». A sabedoria das nações tambem observa que nem todas as verdades se dizem...

O historiador é que me parece mesmo uma historia... de principes e fadas ; creio que foi prophetisando o apparecimento da sua *Historia da Revolução do Rio Grande do Sul* — que os nossos antepassados se lem-

braram de dizer : « ¡Como se escreve a historia! »

Isto só se refere aos conceitos e conclusões do historiador, pois o seu estylo é sempre magistral, como bem disse Guilherme Bellegarde, applicando-lhe a phrase de Castello Bbanco : « um entendimento lúcido que esplende em linguagem cheia de antigas energias portuguezas rendilhadas com buril moderno ».

Ah! ia-me esquecendo... já envergou duas fardas bordadas, com espadim e espada : a de secretario do governo de uma provincia e a de consul geral do Imperio, numa República. Tem várias medalhas e commendas nacionaes, além de uma grã-cruz estrangeira — que lhe dá honras de general. « *¡As armas!* (Guarda a dentro).

O ditador do governo provisorio entre nós, de braço com o Dr Serzedello Corrêa, fez os seus secretarios generaes de brigada, acabando todos brigados ; este poeta fez mais, dando o braço á Monarchia : trocou as suas estrellas de primeiro cadete pelas dragonas de um uniforme de Simon Bolívar. [119]

Arnaldo Bruno.

1893.

LXXVI

Em tempos idos morou em régios palacios, comeu em áureos pratos e em leitos brazonados já dormiu.

A cigarra tanto cantou que um dia arrebentou ; *Elle* tanto cantou que um dia se arranjou.

Sem ser militar, cingiu um espadim doirado e vergou uma farda bordada, ostentando dragonas nos seus hombros, isto no norte... da América do Sul.

Alguem quiz, ha tempos, passar-lhe um espanador... *Elle*, porém, tomou o pelo cabo e deu cabo da questão.

Poeta, faz honra ás letras patrias; jornalista, *Elle* é sempre poeta: no folhetim, na crônica theatral, no artigo de fundo, é sempre poeta.

Mot de la fin: não tendo talvez mais assumpto para novos cantos, atreveu-se a cantar... as *Mulheres do Evangelho!* [120]

Caldas Júnior.

Porto Alegre, 1891.

LXXVII

É um poeta em cujas veias corre o sangue azul dos reis victoriosos do Parnaso. Nasceu em Porto Alegre, e enche a boca quando fala na terra do seu nascimento.

Assentou praça com 15 annos de idade, em um regimento de cavallaria; e, como militar, não se sentiu bem uniformisado. Quiz bater os *muckers*, na região colonial, mas escapou milagrosamente de ser batido logo nas primeiras escaramuças.

Viu que, si continuasse a se metter com os fanáticos, corria o risco de não poder voltar a se metter com as Musas, em cuja doce companhia se sentiu sempre mais á sua vontade.

Pouco tempo vi-o de farda ás costas, com duas estrellas d'oiro, scintillando ácima dos cotovelos.

Creio que si houvesse continuado na carreira das armas, onde os seus antepassados deixaram a mais honrosa reputação, elle apenas alcançaria as divisas de sargente *vago-mestre*...

De então por diante, comecei a vel-o sempre, na mais aristocrática compostura, mettido, não em funduras, nem camisa de onze varas, ou mesmo em calças pardas, mas no seu elegante *croisé* de *cheviot* escuro, abotoado militarmente como Bismarke.

Por influencia de D. Pedro II, que apreciava merecidamente o seu espléndido talento, Mucio Teixeira foi nomeado em 1880 secretario do governo de uma provincia do norte, e mais tarde consul-geral do Brasil nos Estados Unidos de Venezuela.

Creio que nesta última posição elle cuidou mais das Musas do que dos deveres inherentes ao seu elevado encargo diplomático.

Com a queda da monarchia, o laureado poeta deixou a bella cidade de Caracas, que

> « A la falda de um monte que engalana
> Feraz verdura de perpetuo abril,
> Tendida está, cual virgen musulmana,
> Caracas la gentil ».

Voltou á patria, e envolveu-se no Rio de Janeiro em representações da Bolsa. Foi de um caiporismo sem nome. Em pouco tempo o poeta ficou sem um vintem no bolso.

Ultimamente escreveu uma *Historia da Revolução do Rio Grande do Sul,* que é mesmo uma historia... escripta em cima da perna, com a mesma facilidade com que faz versos.

Mucio Teixeira é um talento de primeira ordem. Tem poesias de um encanto admiravel. Hoje é incontestavelmente um dos primeiros poetas da lingua portugueza. [121]

Achilles Porto Alegre.

1894.

LXXVIII

Nascido séculos antes, teria sido trovador de feudaes castellos. Sem a proclamação da república, seria o poeta da côrte imperial.

Na realidade — é literato e vate rio-grandense, embora á primeira vista o tomem por hespanhol. Madeixa negra, seja dito de passagem, para evitar confusões, pois entre elle e *outro* do sul ha suas differenças...

Mesmo em literatura ha *blancos* e *colorados*, *maragatos* e *pica-paus*.

Ha tempos, consul do Brasil em Venezuela, de lá trouxe, entre outras coisas, uma ordem multicor, que se pendura no pescoço, e um rebento de cartola marca *clergyman*.

Confessou no album de uma embaixatriz não gostar de música nem de músicos; por conseguinte, si o virem nos espectáculos da Companhia Lyrica, já sabem que não vai lá para ouvir, mas sim para ver... *as músicas*.

Vivo e talentoso, insinuante e sympático, acha-se actualmente na *Cidade do Bem*. — ¡ Silencio, meus senhores ! o poeta vai recitar... *A Lura*. [122]

Torquato Bahia.

S. Salvador, 1899.

LXXIX

Meu caro poeta e eximio mestre. — Acabo de tomar o café e passar os olhos pelo *Diario da Bahia*,

onde deparei com a sua espléndida *Virgem dos Pampas* — « com perfumes de plantas machucadas ».

Nada mais li, porque reli, gozei, e depois, sem saber como, estava entre os velhos livros de direito, na mesa desarranjada dos estudos e trabalhos forenses, lançando-lhe estas linhas : — ¡ Salve, poeta!

¡ Quantos thesouros teremos a descobrir como esse, quantos mundos a revelar, no Norte como nos seus Pampas, sem necessidade de imitar, adoptar e macaquear do estrangeiro ! ¡ E ha brasileiros que ainda mendigam !...

Sim, a sua *Virgem dos Pampas* bem se nos revela conhecida, é um typo da natureza feraz e bella, que em toda parte conhecemos, descuidosa e arrogante, singela e orgulhosa.

Eu conheci uma igual, e chamava-se *Arisca*... Era uma cotia de saiote doirado ; zombou sempre da matilha humana que lhe deu caça... [123]

Guimarães Cerne.

Bahia, 1896.

LXXX

MUCIO TEIXEIRA deve lembrar-se daquelle bello dia, ameno e luminoso, em que por meu convite fomos ao meu predilecto passeio do Campo Grande, pela estrada do Norte, collocando-nos no centro dos mais formosos horisontes de minha terra.

A sé de Marianna, mãi das egrejas de Minas Geraes, vimol-a de longe ; e dahi do alto ainda lhe mostrei o pobre tecto em que nasci, os campos mantuanos de minha infancia, e os templos onde repousam as cinzas dos meus avós.

Foi nesse momento que ali me recitou as mais bellas estrophes, si é que em seu poema ha comparativos de belleza, das *Mulheres do Evangelho*. A descripção dos logares da Terra Santa, essa terra que todos amam como si fôra a patria de uma nossa primeira existencia, enquadrava-se por singular emoção ás paragens avistadas.

¡ Não sei dizer que êxtasis me arrebatou ! Foi um êxtasis do Thabor, mas a transfiguração já não era agora do Mestre, porque o que senti transfigurada foi a terra de minha patria, toda illuminada, toda rediviva, toda embebida nas saudades e recordações do Evangelho.

A torrente do Cedron, mais longe as serras da Galiléa, os píncaros do Líbano, o Jordão, e no sopé a Cidade Santa : eram o Ribeirão do Carmo, as serras de Itabira, o Itacolomy, o S. Francisco, Marianna finalmente, a mais antiga, a santa, a formosa cidade de meus pais e de meus irmãos... ¡ E um dia depois a minha sepultura !

Assim prevenido, voltei a ler todo o poema ; e a critica severa foi impossivel, pois não tive nem tenho ánimo de segregar-lhe os versos, de vivisecal-o emfim na cruel anályse, que por um momento que fosse me privasse da vida, da formosura, e do conjunto.

Achar a dureza de um verso seria censurar uma pedra que désse ao rio o sussurro mavioso das aguas ; ver numa rima a phrase diminuida seria tirar á partitura a sensação da nota discordante ; fechar os olhos ás imagens menos felizes seria querer um céu sem nuvens, que justamente são o encanto das horas, a variante deleitosa do eterno azul.

Não fiz, e nem farei um *prefacio* a este livro. Prefiro dar lhe um *epilogo* condigno, entregando-o de

mimo ás escolas e ás familias : quero derramal-o mesmo como fecunda enchente na alma do povo, para que renasça por elle e em toda parte a primavera de DEUS, neste paiz queimado pelo athéismo político, neste vasto campo da fé que ainda espero ver coberto de mésses, e de mésses rebentadas á sementeira, que a boa vontade do poeta espalha e cultiva sem desalentos.

Si o genio poético, si a Musa Christã invocada por CHATEAUBRIAND, rasgou sentimentos capazes de regenerar a França, essa mesma das Musas, a mais nova, esse genio mesmo da poesia, servido por talentos como o de MUCIO TEIXEIRA, garantem o successo á luta que temos travado.

A harpa de DAVID aplacará para sempre as sanhas das dores insensatas de SAUL ; e vossa missão na historia do Calvario será, meu amigo, tanto quanto desejo e auguro, a missão do Anjo que levantou e quebrou os sellos do sepulchro. [124]

Diogo de Vasconcellos.

Ouro Preto, 1892.

LXXXI

MUCIO TEIXEIRA tem pouco mais de trinta annos de idade, e já tem mais de trinta bons volumes escriptos e publicados. Esse moço representou o nosso paiz em Venezuela, recebendo as maiores homenagens ao seu mérito literario, e essas homenagens foram-lhe prestadas por tudo o que de mais escolhido e elevado tinha essa nação amiga ; já na política, já nas letras, desde o chefe do Estado até o mais modesto jornalista.

Em poucos mezes MUCIO TEIXEIRA estudou um idioma estranho, e nesse idioma escreveu tres volumosos livros, com o nobre e elevantado fito de tornar conhecidos fóra da patria os maiores poetas nacionaes.

No paiz onde foi consul-geral do Brasil, offereceram-lhe sumptuosos sarāus artisticos e literarios, e nessas pomposas festas ao seu talento estiveram os ministros d'Estado, os diplomatas das mais cultas nações da Europa, os mais notáveis membros das corporações scientificas e do parlamento, literatos e jornalistas ; e todos tiveram applausos para o escriptor, saudações para o poeta brasileiro.

MUCIO TEIXEIRA traduziu, afim de tornar conhecidas em todos os paizes da América latina, as melhores producções de GREGORIO DE MATTOS, THOMAZ GONZAGA, GONÇALVES DIAS, ALVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, CASIMIRO DE ABREU, CASTRO ALVES, FAGUNDES VARELLA e GONÇALVES CRESPO.

Foi assim que elle, nos cargos diplomáticos que exerceu, fez mais pelo nosso paiz do que uns tantos Embaixadores e Enviados Extraordinarios, sem mérito nem patriotismo, que só sabem ostentar um fardão e pavonear a sua nullidade. [125]

Luis do Reis.

Rio, 1890.

LXXXII

Nos hay honrado hoy con una agradable visita nuestro ilustrado colega brasileño señor Don MUCIO TEIXEIRA, que acaba de llegar á Caracas investido por el gobierno del Imperio del Brasil con el cargo de Cónsul General en los Estados Unidos de Venezuela.

El señor Mucio Teixeira viene á la República precedido por la reputación de sus respetables dotes personales y por la fama de sus talentos, de los cuales ha dado evidentes pruebas durante los cinco años que ha estado en la redacción de importantes diarios de Río Janeiro (el *Jornal do Commercio*, *O Cruzeiro*, *O Paiz* y *O Diario do Brasil*), los más autorizados del país, y en cuyas columnas manifestó principalmente, con raro lucimiento, el caudal de su ciencia y de su patriotismo.

Es placentero el acierto de la elección de tan estimable caballero para el puesto consular que se le confía. ¡Ojalá fueran siempre los gobiernos amigos, y sobre todo aquellos con quienes nos ligan vínculos de raza y los afectos naturales de uma común civilización, tan celosos como lo es el Imperio vecino para escoger bien su representación diplomática y consular.

No es solo por el honor que así recibimos, sino porque de esta manera las relaciones internacionales no se limitan á la soñolienta y estéril cortesanía diplomática; se hacen fecundas y verdaderamente útiles al impulso de la inteligencia ilustrada y de una voluntad activa y acusiosa en buscar los medios para acrescentar la suma de los mútuos intereses.

Sea, pues, bienvenido el Agente del Imperio, y tenga la certeza de que la sociedad y el Gobierno de Venezuela sabrán estimar sus prendas personales y hacerle agradable su permanencia entre nosotros.

Desde luego, nos complace hacer pública la galantería de su carácter al manifestar nuestra gratitud por la benevolencia con que se ha servido expresarnos la grata impresión que le han producido el aspecto de nuestra capital y el grado de adelanto de nuestra vida civilizada; y deseamos que perduren en su

ánimo estos primeros favores de su cortesía por medio de la deferencia constante de la sociedad caraqueña á su distinguida persona. [126]

La Opinión Nacional.

Caracas, 15 de Setiembre de 1888.

LXXXIII

Señor Redactor de *La Era Civil.* — Es digno hablar de los literatos siempre que el ideal de ellos se identifica con el patriotismo.

Así, como popular es su periódico, estimo que popular sea el eco de consideración por las inteligencias elevadas.

Está entre nosotros el señor Don MUCIO TEIXEIRA, poeta de manifiesta competencia en sus obras, de méritos legítimos, de noble aspiración y simpática energía en el campo del Arte.

Joven modesto, posee esmerada educación, inspiración sincera, arranques sublimes, juicio, lucidez y talento.

Caballero, es modelo de cortesía y de felicidad en el hogar doméstico; posee expontáneo atractivo en el fuego de su mirada y en el ardor de la elocuencia, llena de conceptos y de ideas.

Liberal razonado, leal, posee hidalguía no común en el desempeño de las funciones que está llamado á llenar en el campo diplomático.

Como poeta se identifica con el patriotismo más austero, inspirado en la fe del presente y robustecido de severos estudios.

Escribe, interpreta y canta, acrecentando el prestigio de las glorias patrias, de las Letras y del Arte.

Vaya al notable poeta este sencillo é imparcial sentimiento de admiración. [127]

Dr. Gerónimo de Chiara.

LXXXIV

Con motivo de oferecer á nuestra Academia Venezolana un ejemplar de sus hermosas poesías, hizo el señor Don Mucio Teixeira, nuestro huésped muy distinguido, uma visita especial á la ilustrada corporación.

Los señores Académicos acogieron con muestras de íntima satisfación al insigne literato brasileño, correspondiendo al proprio tiempo su obsequio con el regalo de algunas de las buenas pubiicaciones del Instituto.

El señor Mucio Teixeira mostró gran complacencia en vista de la excelente biblioteca de la Academia, felicitándola, con su genial agrado en todo lo que tiene relación con nuestros progresos nacionales, por el desarrollo que ella ha alcanzado en los cortos años que lleva de fundada.

Como um rasgo de los bondadosos sentimientos que abriga hacia nosotros el sobresaliente poeta brasileño, y prueba de su deferencia y aprecio por nuestra buena literatura, publicamos á continuación la versión que ha hecho al idioma portugués de uno de los mejores sonetos de nuestro laureado poeta, señor H. M. de la Guardia.

Tanto más hemos de agradecer esta producción de su engenio cuanto que el tema de la referida poesía (*A Bolívar*) es de los que más halagan el sentimiento

y el orgullo nacional de los venezolanos. (*Segue-se o soneto*). [128]

La Opinión Nacional.

XC

Aún nos sentimos animados por las gratísimas impresiones que experimentamos anoche en la morada de nuestro apreciable amigo y colega señor Don José Antonio Calcaño.

Verificóse en ella una velada literaria y artística en homenaje al distinguido poeta brasileño señor Don Mucio Teixeira, Cónsul General del Brasil en Venezuela y uno de los hijos del Parnaso americano que con más gallardía y donaire cultiva la gaya ciencia.

En esa fiesta del espíritu, que tan bellas formas revistió y tan gratos recuerdos deja en los amantes de las letras, estuvo representada la literatura patria por los señores José Antonio Calcaño, Doctor Eduardo Calcaño, Felipe Tejera y Manuel M. Fernández, individuos de número de la Academia Venezolana; Heraclio de la Guardia y Diego Jugo Ramírez, académicos electos de la mencionada corporación; Félix Soublette, Jacinto Gutiérrez Coll, Angel F. Barberii, Doctor Juan B. Calcaño y Simón Calcaño; y el Parnaso colombiano, por el señor Doctor Adriano Díaz Guerra, ave de dulces trinos que ha colgado su nido á las orillas del apacible Caurimare.

El señor Santiago González Guinán, Ministro de Instrucción Pública, que así maneja la pluma del diarista, como pulsa la lira del poeta; el señor Doctor Martín J. Sanavria, Rector de la Universidad Central; el señor Ministro del Brasil, el señor Pas-

cual Casanova, el señor Martín Tovar y Tovar, y otros caballeros cuyos nombros se escapan á nuestro recuerdo, tambien estaban allí contribuyendo con su presencia al mayor brillo de la velada.

Adornando el salón con sus gracias y atractivos, y celebrando los alardes del talento, vimos allí congregadas algunas matronas y señoritas, gala de nuestra sociedad y aliciente poderoso para sublimar el espíritu en los torneos de la inteligencia y la ilustración.

Con este escogido concurso, y poco después de las 10 de la noche, el señor Don José Antonio Calcaño, gloria de nuestra literatura, abrió la velada, pronunciando algunas palabras en honor del simpático poeta que la motivaba y leyendo en seguida el siguiente magnifico soneto, el cual, como todas las demás producciones que se leyeron ó declamaron, fué muy aplaudido y celebrado.

(*Segue-se o soneto nº XVI da* Apotheósis Poética).

El laureado poeta de la Guardia dió luego lectura á los siguientes endecasilabos, metro que cultiva con admirable facilidad y brillo.

(*Segue-se a poesia nº XVII da* Apotheósis).

Siguiòle después el atildado y castizo vate Jacinto Gutierrez Coll, y leyó con buen énfasis y buen gesto los dos bellísimos sonetos suyos que damos en seguida.

(*Siguen los sonetos nºs XVIII e XXVI*).

La primera parte de la velada se cerró con la lectura de las siguientes redondillas del señor Manuel M. Fernández.

(*Seguem-se as estrophes nº XXIII*).

Llególe su turno al arte divino, y fueron sus primeros intérpretes las espirituales señora Ada Calcaño de Calcaño y señorita Francisca Calcaño, quienes

acompañadas al piano por su señor padre el Doctor Eduardo Calcaño, cantaron *La Notle*, bellisimo dúo de Mililotte, que las dos avecillas del Guaire expresaron con gusto exquisito y sentimiento delicado, mereciendo por ello muchos aplausos.

Volvió luego la poesia á batir sus alas impalpables, y en esta vez acarició la frente de los inspirados cantores, señores Doctor Eduardo Calcaño, Diego Jugo Ramírez, Felipe Tejera, José Antonio Calcaño, Heraclio M. de la Guardia y Julio Calcaño, quienes nos dieron magistrales tradúcciones de algunas de las bellisimas poesías del brasileño vate, señor Mucio Teixeira, homenaje de admiración y simpatía al héroe de aquella deslumbradora fiesta.

Hé aquí el título de las poesias en el orden en que fueron leidas por sus traductores : — *Mi Riqueza* y *Tú... solo tú*, Eduardo Calcaño; *Campo-Santo*, Diego Jugo Ramírez; *La Mujer*, Felipe Tejera; *El sueño de los sueños*, José Antonio Calcaño; *El León enfermo*, Heraclio de la Guardia; y *A mi hija*, Julio Calcaño.

Esta última composición la leyó el señor General Angel F. Barberii por ausencia del traductor.

Hubo otro intermedio de música en el cual nos cautivó con su voz dulcisima la señorita Francisca Calcaño, quien acompañada al piano por su padre, cantó con ternura *La Saboyana*, romanza cuya melodía y letra corresponden á los señores Eduardo y José Antonio Calcaño, respectivamente. Muy aplaudida fué la dulce diva en la interpretación de esta delicada obra.

En seguida el celebrado violoncelista Werner, con el gusto, el arte y el sentimiento que él posée, tocó *La Esperanza* de Halévy, que magistralmente le

acompañó al piano el señor Doctor CALCAÑO. Del arrobamiento en que nos sumergió aquella terna melodía, nos sacaron los aplausos con que fué recibida por el concurso y las felicitaciones de que fueron objeto sus intérpretes.

La poesía se presenta ahorabajo las formas de la declamación, y en esta vez el joven EMILIO CALCAÑO, apasionado del arte de TALMA, quien nos conmueve con el énfasis, el ademán y el gesto, al declamar el monólogo *Sucre*, de su padre el señor JOSÉ ANTONIO CALCAÑO.

Este romance es uno de los bellos florones de la corona literaria del distinguido académico que tan alto puso el nombre de la Patria en tierra extranjera. Los aplausos con que fué saludada la poesía, fueron tambien para el joven que la declamó.

El señor SANTIAGO GONZÁLEZ GUINÁN tuvo suspenso el concurso con la lectura de su poesía *La Primavera*, con que en tiempo no lejano engalanó sus columnas el *Diario de Avisos*.

Esta es una de las buenas obras con que el poeta del Tacarigua ha enriquecido el Parnaso venezolano. Anoche como entonces la aplaudieron con sinceridad.

Esta voz que vibra con las vibraciones del sentimiento es la de la señorita ALBERTINA CALCAÑO, que recita la bella poesía de su padre, *El rocio y el lodo*, composición filosófica, que su autor nos envió de Madrid, y *El Diario de Avisos* publicó en sus columnas de gala. ALBERTINA recitando esta poesía se mostró digna del nombre que lleva.

La señora ADA DE CALCAÑO regala nuestro oído cantando una delicada poesía con música del profesor español ALMAGRO. La expresión y colorido que dió le valieron muchas celebraciones y aplausos.

El poeta ALIRIO DÍAZ GUERRA, que dejó las riberas del Caurimare para venir á contribuir con su numen á la mayor esplendidez de la velada, recitó su filosófica y brillante poesía *El despertar de Adan*, la cual fué oida con atención, agrado y aplauso de la concurrencia.

Los hijos del pescador se intitula la composición poética del Doctor CALCAÑO, que su interesante hija GRACIELA declamó con entonación y sentimiento adecuados, cosechando por ello espontáneas congratulaciones y merecidas alabanzas.

Vuelve la señora ADA DE CALCAÑO á cautivarnos con su voz de buen timbre y buena educación. Acompañada al piano, canta con acento de ternura la romanza de su padre *Io la perdei*, tristísima melodía. que hiere las más delicadas fibras del sentimiento.

El laureado y aplaudido poeta señor FÉLIX SOUBLETTE leyó con voz y ademán adecuados una escena de su drama *Por el caminho del mal*, y fue esa la oportunidad para que sus hermanos en las letras y los que admiran su numen y conocimentos literarios, le rindiesen una vez más el tributo de sus congratulaciones.

Las señoritas ALBERTINA y GRACIELA CALCAÑO cantaron con mucha gracia y donaire el dúo de Keti y Maria en *Los sobrinos del Capitan Grant*, que ya en otra ocasión hemos tenido oportunidad de celebrarles y aplaudirles.

Llególe al fin su turno al simpático poeta del Brasil, que motivó tan encantadora fiesta : púsose de pie el señor MUCIO TEIXEIRA y leyó con voz llena de emoción, primero un breve discurso en que se muestra agradecido por el recebimiento que los hombres de letras le han hecho en Venezuela, y por la velada de

que ha sido objecto; y luego nos encanta con una poesía donde su corazón aparece de relieve para expresar la gratitud de que está poseido y el entusiasmo que le inspira cuanto bulle y palpita en esta tierra, que lo saluda con agrado y lo halaga con sus sonrisas.

Un aplauso ruidoso y un abrazo fraternal de cada uno de sus hermanos en las musas, fue el premio con que vió coronados su esfuerzos espirituales.

Con esto y con los finos obsequios y cultas atenciones con que abrumaron á sus convidados nuestro amigo el señor José Antonio Calcaño, su respetable esposa y dignos hijos, quedó terminada aquella fiesta de la literatura y de las Artes, consagrada á honrar la virtud y el talento de un hijo de la América, en cuya frente brilla el destello divino con que Dios ilumina á sus privilegiados.

Por el brillante éxito de esta velada, de la cual guardaremos siempre gratos recuerdos, felicitamos al señor José Antonio Calcaño y á los demás poetas y escritores que con él contribuyeron á realzarla con tanto lucimiento y esplendor. [129]

Diario de Avisos.

LXXXVI

Mucio Teixeira. — Publicamos en seguida el bello discurso y el magnífico soneto que este distinguido poeta brasileño leyó en la velada que en su honor ofreció nuestro amigo y colega el señor Don José Antonio Calcaño, y de la cual dimos cuenta en nuestro número de anoche.

Com esta publicación creemos hacer un honroso

presente á los que gustan saborear las manifestaciones del espíritu, y rendir un tributo de simpatía al inspirado poeta del Marañón.

He aquí las producciones á que nos hemos referido :

« Sólo quien alguna vez se vió lejos de la Patria podrá comprender la grandeza de las emociones que siento en este momento.

Es que lejos de la Patria los sentimientos se abultan, acrecentados por los recuerdos, á la inversa de los fenómenos físicos contemplados á proporción de la distancia.

A reverso de lo que ve el aeronauta, á medida que huye su globo vertiginosamente de los lagos y las cordilleras, que se confunden á su vista en una llanura indecisa y crepuscular, mientras más se aleja el viajero de su país, más asaltan su imaginación los recuerdos de la Patria.

Llegué á estas benditas regiones, lleno todavía de la gran poesía del mar; al mirar de cerca esta hermosa ciudad, que desde lo alto de la montaña parece una diosa florentina eternamente erguida sobre nicho de flores, sentí una especie de deslumbramiento, mezclado de alegría y tristeza; alegría, al contemplar paisajes que deleitan la vista; y tristeza, al verme obligado á vagar silencioso por en medio de la multitud desconocida, — sombrío como Lord Byron cuando recorría á caballo las márgenes de los lagos de Suiza...

Un día, sin embargo, toqué á las puertas de la Academia Venezolana ; y sus notables representantes me recibieron con los brazos abiertos, — ¡ atenienses en la gentileza, — árabes en la hospitalidad !

De entonces acá huyó de mí la nostalgia ; palpita la alegría dentro de mi pecho, día y noche, como si mi

corazón se hubiese transformado en uno de vuestros pájaros cantores; y os confieso que, á vuestro lado, paréceme estar entre los míos, y siento el bienestar de quien se halla en el seno de la familia.

¡Os agradezco de lo íntimo del alma el bien que me hacéis, la generosidad que me dispensáis, la estimacíon com que me honráis;

¡El tiempo se encargará de patentizaros mi reconocimiento! y ya que la conquista de vuestra indepenpendencia no requiere que yo os acompañe á luchar en pro de vuestros derechos políticos y sociales, á semejanza del poeta inglés que fue á morir batallando por la libertad de la Grecia, espero que vuestra simpatía intelectual me permita vivir contento em medio de vosotros, — como Enrique Heine en medio de los parisienses.

¡Gracias, amigos míos!

En cuanto á vos, José Antonio Calcaño, que para obsequiarme transformáis esta feliz morada en un verdadero Parnaso, en donde las musas más inspiradas de Venezuela ostentan en esta velada, — que tanto me honra, — las más peregrinas galas de su ingenio; en cuanto á vos, Maestro generoso, que me recibís como un hermano, á mí, que soy solamente uno de vuestros discípulos; á vos, José Antonio, que de vuestros hombros de mariscal quitáis las estrellas gloriosas, conquistadas en los torneos del pensamiento, para colocarlas sobre mi humilde blusa de soldado; — á vos, que no satisfecho de aparecer á mis ojos como *primus inter pares*, me proporcionáis la feliz oportunidad de verme aqui *inter divos*, al hallarme junto á vos — y entre vosotros; — no sé cómo expresar mi gratitud... pero séame permitido deciros que, para admiraros y estimaros, me era bastante saber

que érais HORACIO: sin que fuese necesario me probárais que sóis también MECENAS! »...

El señor MUCIO TEIXEIRA leyó luego el soneto que insertamos á continuación en el propio idioma de su autor para que puedan estimarse sus bellezas:

HOMENAGEM DE GRATIDÃO

Aos meus Amigos de Venezuela

« De mar em mar, de céu em céu », inquietas
Vistas perdidas na amplidão sombria,
« Do clima adusto que o diamante cria » [*]
Vim á moderna Athenas dos Poetas.

¡Vossas heroicas Musas predilectas
Apresentam nas côrtes da Poesia
Credenciaes de luz e de harmonia!
¡Sois do porvir da América os prophetas!...

Ricos de glorias, — pródigos de louros,
Mandais os vossos nomes aos vindouros,
Cantando o Amor, a Liberdade e DEUS.

Como ha flores de mais em vossa palma,
Commigo as repartis: — recolho-as. n'alma,
¡Como trophéus colhidos pelos meus!...

Caracas: 15 de novembro de 1888.

MUCIO TEIXEIRA.[130]

Diario de Avisos.

(1) Os versos citados são do esplêndido soneto de Don JOSÉ ANTONIO CALCAÑO — *A Mucio Teixeira*, como se vê mais adiante, no nº XVI da *Apotheosis Poética*, pág. 150.

LXXXVII

Otra velada. — La de anoche verificose en la morada del Excmo. señor Ministro del Imperio del Brasil residente en esta capital.

Tuvo ésta por objecto retribuir la que nuestro amigo y colega el señor Don José Antonio Calcaño consagró en su hogar al simpático poeta brasileño señor Don Mucio Teixeira, y la cual nos fue grato reseñar en nuestro periódico.

Un escogido concurso de damas y de caballeros ocupaba los elegantes salones del culto y distinguido representante de Don Pedro de Braganza, convertidos por arte de la inspiración en templo de las Musas, donde, según la expresión del señor José Antonio Calcaño, se movió « poética justa bajo la bandera augusta » del sabio y virtuoso monarca que rige los destinos de la brasileña nación.

En el centro del salón, emblema de la poesía y de la música, se alzaba una hermosa lira, artísticamente formada con las más bellas flores de nuestros retoñados jardines.

En torno de esa lira mariposearon los poetas Mucio Teixeira, José Antonio, Eduardo y Francisco Calcaño, Soublette, Guardia, Barberii, Jugo Ramírez, Dias Guerra y el que traza estas líneas.

Mucio Teixeira fué el primero que desplegó el vuelo de la fantasía para cantar el Parnaso Venezolano y expresar con numen espontáneo y formas llenas de gracia y donaire, la índole poética y manera de ser de los Calcaño, Gutiérrez Coll, Guardia,

Felipe Tejera, Soublette, Jugo Ramírez, González Guinán, Díaz Guerra y Fernández.

Un abrazo de cada uno de los poetas allí presentes y los entusiastas aplausos del concurso, fueron el premio alcanzado por el vate del Marañón con su espontánea y original poesía.

Alirio Díaz Guerra, que asistió á la velada con su joven compañera, Musa que le inspira sus dulces cantos, leyó algunos fragmentos de un poema inédito, escrito en romance, cuya fluidez corre parejas con la inspiración, la espontaneidad y el colorido.

El auditorio recebió con muestras de agrado y aplaudió como era merecido aquella encantadora poesía; como aplaudió cuanto produjo el talento en aquella liza de las letras y de las artes, que también las artes tuvieron allí dignos intérpretes.

El Doctor Eduardo Calcaño, viva encarnación del sentimiento, ya cante como poeta ó bien discurra como orador, recitó con voz llena de conmoción y ademán digno de su talento, su hermosa y filosófica poesía *Caridad*, manantial de ternura que refrescó los corazones y bañó el espíritu en inefable solaz.

El laureado poeta Barberii, que en prosa galana cantó las glorias de Bolívar, y en verso fácil nos ha dado hermosas muestras de su númen, recitó su bella poesía *El Recuerdo y la Esperanza*, nota acordada de una lira que sólo vibra á impulsos del amor y el sentimiento.

Manuel María Fernández leyó su romance *Al pie del Avila*, en el cual canta las bellezas y las glorias de la ciudad que meció la cuna del Libertador.

El poeta Jugo Ramírez nos deleitó con su inspirada y filosófica composición *Dios artista*, y movió agradablemente nuestro ánimo con el inspirado soneto que

escribió expresamente para la velada, en homenaje á S. A. Imperial la Princesa Regente del Brasil, que tendremos el gusto de publicar mañana.

FRANCISCO CALCAÑO, á quien la Academia Venezolana acaba de ceñir honroso lauro por su canto *La gloria de Urdaneta,* leyó un buen soneto que consagró al poeta MUCIO TEIXEIRA y con el cual tendremos el gusto de engalanar las columnas del *Diario de Avisos.*

El joven EMILIO CALCAÑO, bajo el influjo del numen que preside las creaciones escénicas, declamó con voz de timbre conmovedor, ademán adecuado y gesto propio *La balanza*, admirable concepción de su tío el señor Doctor EDUARDO CALCAÑO, que corre adulada por donde quiera con el simpático rumor que sigue siempre el verdadero merecimiento.

Tocóle su turno á GUARDIA, el hijo mimado de las Musas, cuyo númen así retoza en los florecidos verjeles, como penetra en el corazón humano y discurre por el ancho escenario de la existencia, cantando siempre con voz acordada y sentimiento exquisito las dichas, los dolores, los desengaños y las amarguras de la vida. GUARDIA leyó unas décimas *Al Brasil, en el natalicio del Emperador Don Pedro II*, cuya inspiración corre parejas con la valentía. Tambien esta poesía verá la luz pública en el *Diario de Avisos.*

MUCIO TEIXEIRA recita con acompañamiento de piano su poesía á Caracas, una de las más bellas joyas de la corona literaria que ciñe su inpirada frente y uno de los más bellos presentes que ha podido hacer á la ciudad gentil, que lo cuenta como uno de sus más gallardos y cumplidos huéspedes.

El concurso se halla suspenso; JOSÉ ANTONIO CALCAÑO está de pie. ¿Sabeis quién es JOSÉ ANTONIO CALCAÑO? Subid al Parnaso, preguntádselo á las Musas y

ellas os contestarán con semblante sonreído: — « Es uno de nuestros hijos predilectos ». José Antonio lee, con voz que semeja rumor de fuente, primero, y con aliento de gigante después, su preciosa y original poesía *La levita negra*, que el poeta tuvo la galantería de dedicar á la señora del Ministro del Brasil.

En esa poesía se ensalza la índole dulce y el modo de ser modesto del dignísimo Monarca que se halla al frente de la nación brasileña. Cada redondilla es un gran pensamiento y cada pensamiento un tributo de justicia rendido al hombre de la levita negra, que no es otro que Don Pedro de Braganza. *El Diario* se honrará con la publicación de esta poesía.

A estas manifestaciones del espíritu correspondió el honorable señor Ministro del Brasil con un breve discurso que todos acogimos con las más vivas muestras de satisfacción y simpatía.

Después de todo esto, que bien podemos llamar el programa de la velada, la cual contribuyeron á hacer más brillante las voces y el arte de las simpáticas señoritas Panchita, Albertina y Graciela Calcaño y Amalia Hellmund, que cantaron, tocaron y recitaron, con sin igual delicadeza y gusto, se leyeron y se declamaron otras muchas poesías, entre ellas *La Ciegueeita del Valle*, por el laureado vate señor Félix Soublette, *Amar* por Mucio Teixeira; *Claro-oscuro*, por Guardia; *El Estornudo*, por José Antonio Calcaño; y *Bellas*, letrilla por Manuel M. Fernández.

Con esto quedó terminada aquella fiesta espiritual, que realzaron más, si cabe, las finas atenciones y cultos obsequios con que el señor Ministro, su digna esposa y apreciables hijas, colmaron á sus convidados y les hicieron gratas las horas que pasaron en su respetable hogar.

Eran las dos de la madrugada cuando el concurso, agradablemente impresionado, se retiró de aquella mansión de aromas y de poesía [131].

M. M. Fernandez.

LXXXVIII

Engalanamos hoy nuestras colunas con una preciosa poesía del conocido vate brasileño señor Don Mucio Teixeira.

Es la primera vez que el poeta canta sus trovas con el acento armonioso de Castilla, y á fe que no brilla su numen en el extraño idioma menos que en el de Camoens, que es el suyo, y cuenta que apenas hace cuatro mezes que el señor Mucio Teixeira se halla entre nosotros, tiempo por demás escaso para poder familiarizarse así con los secretos de la prosodia española.

Felicitámosle por este nuevo triunfo de sus talentos y de su inspiración; y le agradecemos profundamente que nos haya honrado permitiéndonos publicar estas las primicias de sus conocimientos en la lengua castellana. (Segue-se a poesia intitulada *Visiones*). [132]

La Opinión Nacional.

LXXXIX

A Mucio Teixeira. — Oye, poeta :

Antes de conocerte, antes de oír tus cantos, creía que la familia de los antiguos trovadores había desaparecido de la tierra.

Pero estreché tu mano, llegaron á mí los acordes

de tu lira, y bendigo á Dios por no haber permitido que se extinga la raza de los hijos del canto; de los hombres divinos que alzan la frente al cielo circuïda con la luz de la idea y atesoran en el corazón las promesas de la esperanza.

Tú no perteneces al vulgo de los sedicientes poetas, histriones del ingenio, rimadores mecánicos de artificios intelectuales.

Tu poesía procede del alma y por eso será perdurable.

Do quiera vayas estarás en tu patria, porque eres abnegado amante de la belleza, numen del arte; de la libertad, alma de las naciones; del amor, vínculo del progreso.

Poeta, créeme á mí. La belleza, la libertad y el amor han de inmortalizar tu nombre [134].

Marco-Antonio Saluzzo.

Caracas: 9 de noviembre de 1889.

XC

— ¿ Quién es Mucio Teixeira? — ¿ Un portugués del Brasil? — No: un trovador de América, un ave de las selvas tropicales, que muere de nostalgia porque no bebe á grandes sorbos el aire encendido de la patria.

Mucio Teixeira es el bardo de uno de aquellos cuasi patriarcales días de credulidad, de amores intensos, días proféticos, en los que fué el poeta algo así como libro viviente y parlante, de cuyos labios pendían las almas y brotaba el agua fresca de la verdad moral, religiosa y científica, y en la que los pueblos apagaban por el momento la sed eterna é insaciable.

Así es MUCIO TEIXEIRA. No falto eu sus cantos la fuente que murmura sobre lecho de oro, la avecilla que pia en el nido, — lecho nupcial que fijó el amor en la rama de um árbol y columpian las brisas embalsamadas; la doncella que muere durante la larga ausencia del novio,.. ni falta en ellos la Cruz, ni MARÍA deja de ser en su pensamiento la Rosa Mística, la Madre de su DIOS...

Es romántico hasta la médulla de los huesos; prefiere la soledad al bullicio, y al applauso de la gloria el perfume de las rosas silvestres.

Así es MUCIO TEIXEIRA. — En *Celajes* hallarán nuestros lectores muchas poesías que sou gritos de su pecho, pero hay en ellas el plectro con que él suele arrancar de su corazón torrentes de inspiraciones; ni el espiritualismo quita de sus sienes la guirnalda de verdes laureles que ciñeron á ella la fama y las musas.

¿Á qué viene todo este maremagnum de palabras huecas con que he llenado mis cuartillas? — A decir que MUCIO TEIXEIRA es poeta y poeta de corazón; que es tan renombrado en Portugal como en España, y que en todas partes es estimable poeta. [134]

V. de San-Miguel.

1889.

XCI

Al despedir-se de nuestra patria el distinguido poeta brasileño señor Don MUCIO TEIXEIRA, ha tenido la galantería de obsequiarnos con un ejemplar del libro que con el título de *Celajes* ha dado á luz pública.

Es un tomo de cerca de 400 páginas que contiene

las producciones poéticas que ha escrito el señor Mucio Teixeira en Venezuela, y en idioma castellano, durante los primeros seis mezes del presente año.

Esta obra ha sido dedicada al señor Doctor Rojas Paul, dedicatoria con la cual ha querido sin duda el escritor brasileño significar su respetuosa despedida á la sociedad venezolana donde tanto aprecio le conquistaron sus personales prendas y los atractivos de su privilegiada inteligencia.

Además del gran número de poesias sueltas y ligeras, que son muestras de la fecunda inspiración y talentos del autor, encontramos en los *Celajes* varias semblanzas de nuestros buenos literatos venezolanos, en verso, que son producciones notables, como asimismo unos perfiles en prosa de escritores brasileños y venezolanos.

El señor Don Mucio Teixeira ha sabido escoger de esta manera el regalo más delicado que pudiera dejarnos al ausentarse de Venezuela, joya tanto más apreciable para nosotros cuanto que es su obra prueba de alarde de los conocimientos adquiridos en el habla nacional durante los pocos mezes que ha permanecido entre nosotros.

Retribuimos, por nuestra parte, al galante poeta, insertando para solaz de los lectores venezolanos uma de las bellas composiciones del precioso tomo, aquella que dedica á la afortunada Princesa de su patria á quien tocó la gloria de abolir la esclavitud en el que fué prestigioso Imperio del Brasil [135].

La Opinión Nacional.

Noviembre, 1889

XCII

No era yo el hombre á propósito para escribir estas cuatro palabras de introducción al fino regalo que hace hoy el eximio poeta brasileño Mucio Teixeira á la literatura venezolana.

Porque como soy uno de los favorecidos, con maior honra de la que merezco, en la generosa revista de escritores que forma la esencia de su obra, podría parecer, á los ojos de quienes poco conocimiento tienen de uno y otro, que entablámos comercio ilícito de lisonjas, por la penuría de aplausos que nos aflijiera en la república de las letras.

Pero como él no está necesitado de mis glorificaciones, puesto que nunca le ha faltado la justicia de cuantos, dentro y fuera, se han deleitado con sus cantos y le han consagrado como sacerdote ilustre del santuario de la poesía; ni yo he estado huérfano de amigos parciales y sin conciencia que, desviando sus juicios de toda rectitud, han llenado de favores mi pobre nombre, como para dar prueba pública, — un poco herética, — de que también saben sacar creaciones de la nada, — hemos prescindido de esa trivial delicadeza con cierto género de cínica independencia que nos servirá á lo menos para llamar la atención pública y conseguir que se hable algo de nosotros : — mal, por supuesto.

Lo que quiere de mí Mucio en esta ocasión es que lo tome de la mano y lo presente á mis compatriotas, telón bajo todavía, excitando la benevolencia general á perdonarle el atrevimiento (así me ha dicho) de escribir versos castellanos cuando apenas hace pocos

meses que está oyendo hablar nuestra lengua.

Y me pide añadir que en su concepto, es título bastante á merecer la absolución, el propósito que lo guía de contribuir espontáneamente á glorificar la patria venezolana; con lo que da testimonio de lo grata que le ha sido la hospitalidad recibida, y de lo verdadeiro del afecto con que á ella corresponde.

Y ya lo dejo hecho.

Por lo demás, no deja de ser necesario que diga él que es extranjero; pues por la lectura de sus versos, nadie se lo había adivinado. En efecto, ni el silabeo castellano, tan difícil para los extraños, ni la elección de las voces poéticas, ni la sintáxis, ni la propiedad de la expresión revelan que sea un neófito del idioma quien escribe. Cuanto á las imágenes y figuras, nada hay que extrañar en quien como MUCIO TEIXEIRA es poeta por organización y ha derramado á manos llenas los tesoros de su riquísima fantasía en diez y siete volúmenes que ha dado á luz en tan temprana edad, y con los que ha conquistado uno de los más altos sitiales en el congreso de las celebridades americanas. [136]

Y con esto, *fecit*.

Eduardo Calcaño.

Caracas : julio de 1889.

APOTHEOSIS POÉTICA

I

A MUCIO TEIXEIRA

Recitada pela menina Maria Isabel do Valle Caldre e Fião, no 7° saráu do *Parthenon Literario* [137].

Nasceste á sombra da floresta virgem,
Num ceu de rosas, sob um' alva estrella;
O teu futuro tem veredas áureas,
Tem flores puras, cada qual mais bella.

Quando na lyra tu dedilhas cantos
Tão prematuros, de infantil candura,
Dizes aos nossos, que admirados te olham,
Quanto inspirada tens a alma pura.

Entre os teus lírios, perfumados, bellos,
Um nos mostraste de eternal primor;
Foi quando aos labios te surgiu o verbo,
Enlevo santo — de filial amor.

O meu abraço, communhão fraterna
Entre a innocencia e teu precoce genio,
Vem recebel-o, em testemunho santo
Do quanto vales no real proscenio.[137]

Dr Caldre e Fião.

Porto Alegre, 22 de novembro de 1873.

II

A MUCIO TEIXEIRA

> Quando tão moço, no raiar da vida,
> Já doce cantas, [illegible] doce
> Das [illegible],
> ¡Podes, poeta, erguer a fronte altiva!
> ¡Como ANDRÉ CHENIER [illegible] augusto
> Alguma cousa tens!
>
> CASIMIRO DE ABREU

Li teus versos, poeta, e arroubado
Por tanta inspiração, venho apressado
Dar-te os meus parabens ;
Não sei de quem cantasse, tão criança,
Com tanta inspiração, tanta pujança :
¡ Que musa que tu tens !

Teus cantos infantis têm mais doçura
Do que a fonte que geme, fresca e pura,
No meio dos sertões ;
Tu cantas como as aves na floresta,
Quando desperta a natureza em festa
Por entre mil canções.

Agora, que os poetas mais ardentes
Dormem na campa, frios e silentes,

Todos mortos em flor...
Quando tão poucos restam hoje apenas,
Vens, irmão do cantor das *Açucenas*,
Com teus hymnos de amor.

Surges, quando Varella, pesaroso
Por se ver quasi só, silencioso
Vai conduzindo a cruz...
Quando Carlos Ferreira afina a lyra
E Amalia Figueirôa aqui suspira
Entre prantos de luz.

Ignacio Vasconcellos, mudo e triste,
Quando passa por mim, vejo que existe,
Mas o mesmo não é...
Dormem os mais no fúnebre retiro :
Freire, Dutra, Azevedo e Casimiro ;
Ah, mas tenhamos fé,

Que outros virão, repletos de harmonia,
Como aves dos vergeis da fantasia,
Soltar novas canções ;
E tu, que és dentre todos o mais novo,
¡ Tu serás acclamado pelo povo
Rei das inspirações !

Castro Alves, quando apenas despontava,
Tanta luz de seu estro irradiava
Que nella se abrasou...
Mas desprendeu de si tal claridade,
Que ha de ser visto em toda a eternidade
O nome que deixou.

Mas tu, que tão criança já te elevas,
Astro gentil no meio destas trévas,
Ás plagas do porvir,
Tu... não deves chorar, e nem eu creio
Que a dor já tenha te ferido o seio :
¡ Tu só deves sorrir !

Teu estro é resplendor d'astro brilhante
Que enche de raios a amplidão distante
Num lúcido arrebol ;
¡ Como és feliz ! — ! invejo-te devéras
Vendo das tuas quinze primaveras
Tantas flores ao sol !

O teu porvir desponta entre fulgores,
Como por entre cânticos e floras
As mais bellas manhãs ;
As estrellas — são noivas, que te beijam...
¡ E essas aves, que trinam e que adejam,
Parecem tuas irmãs !

Não sei de quem cantasse, tão criança,
Com harmonia assim, com tal pujança,
¡ Que musa que tu tens !
Li teus versos, poeta, e arroubado
Por tanta inspiração, venho apressado
Dar-te os meus parabens. [138]

Terencio de Miranda.

Porto Alegre, 1873.

III

A MUCIO TEIXEIRA

Tu — és na florida estrada
Divo poeta cantando;
Eu — sou donzella saudosa
Que vou sosinha passando.

Tu — és a gota de orvalho
Que dá vida á murcha flor,
Eu — sou lágrima sentida
De quem occulta uma dor.

Tu — és o brando cicio
Da brisa por entre as flores;
Eu — das ondas o gemido
Da procella nos fürores.

Tu — és o éco saudoso
Dos trinos dum sabiá;
Eu — sou o sinistro canto
Que á noite a coruja dá.

Tu — és a nuvem doirada
Ao surgir de um bello dia;
Eu — sou nuvem cor da noite
Que a tempestade annuncia...

Tu — tens a cingir-te a fronte
C'rôa que o genio te deu;

Eu — só terei a de goivos...
¡Quando voar para o céu! [139]

Julieta Monteiro.

Rio Grande, 25 de maio de 1871.

IV

A MUCIO TEIXEIRA

« Quando na lyra tu dedilhas cantos »
Puros, suaves, que te vêm de Deus,
Dos passarinhos os idyllios santos
Não se comparam aos cantares teus.

Tu, que na lyra tens sonoras cordas,
Na fronte o genio, que a sorrir se estampa,
Que ao romper d'alva, já cantando acordas,
E bellas *flores* vais colher no *Pampa;*

Tu, que as miserias do infeliz proscripto
Choras, sentido, com suave endeixa;
Lembrando a alcyone ao soltar o grito,
Assim desprendes de tu'alma a queixa.

Divinisaste com sublimes cantos
A Mulher Santa que te dera o sêr;
E a face molha-ta em copiosos prantos
O amor mundano que nos faz soffrer...

Prosegue ovante pela estrada bella,
Cheia de flores e de luz tambem;

E ha de amanhã uma divina estrella
Mostrar-te a gloria — ¡ que te espera além !

É pena vêr-te, aos dezesete annos,
De fronte pálida a scimar na campa..
¡ Avante ! — o genio te revela arcanos :
¡ Vai novas *flores* espalhar no *Pampa !* 140

Lucio Cidade.

Porto Alegre, 1875.

V

A MUCIO TEIXEIRA

¡ Amigo ! ¿ tu já viste no infinito
Esmagar-se o bulcão, soltando um grito
No ventre da amplidão ?
¿ E da morte nos negros paroxismos
Rasgarem-se as entranhas dos abysmos
Tremendo em convulsão ?

¿ E o ronco do trovão, quando rebenta
Da rábida garganta da tormenta
E roça aos pés de DEUS ? !
¿ E o fuzil resvalar pelos espaços,
Mordendo da tormenta os negros braços,
A voarem pelos céus ?!...

. . . .

¡ Poeta ! ¡ tu és o genio do futuro !
Um raio — a tua lyra ; ¡ o manto escuro

Arranca da amplidão !
¡ Teus um estro immortal — a Liberdade !
¡ Um poema sempiterno — a Humanidade !
¡ Por único inimigo — a escravidão ! [141]

Assis Brasil.

Porto Alegre, julho, 1876.

VI

A MUCIO TEIXEIRA

Joven cantor, ouve o canto
De um exilado estrangeiro,
Que no solo brasileiro
Escutou a tua voz ;
Ouve-o, não fala de risos,
É nota triste e sentida
Como a cantiga perdida
Das lyras vibrando a sós.

E tu, que altivo descantas
Trovas cheias de paixão,
Terás do meu coração
Uma cópia neste canto ;
Fala-te elle de saudade...
¿ E que mais pode cantar-te
Aquelle que em toda parte
Derrama sentido pranto ?

Eis como eu canto ¡ ó poeta !
E tu, cuja voz define

A lyra do LAMARTINE,
Que és trovador e propheta;
Tu, que sentes e que sabes
Que é dos vates o soffrer,
¡Vê si distante da patria
Pode alegre alguem viver!... [142]

G. Pinto Monteiro.

Rio Grande, 1877.

VII

A MUCIO TEIXEIRA

Valha o desejo si não vale o canto.
(MENDES LEAL)

Si eu, como tu, sentisse um dia a chamma ardente
No craneo a borbulhar, em turbilhões de luz,
Vibrara em minha lyra um cântico plangente,
Profundo como o céu, altivo como a cruz.

Si ousasse, como tu, ao sol do meio dia
Um raio ir arrancar de vivo scintillar,
¡Coroado de esplendor, altivo, então iria
Com o cérebro em fogo — a gloria conquistar!

Havia de entoar estrophes portentosas,
Que a fama espalharia, aqui... além... ¡nos céus!
Seria então propheta: idéas grandiosas
Arrancaria ao craneo, indo colher trophéus.

Mas, vês, ¡ grande poeta ! eu nunca fiz um verso
Que applausos merecesse — assim como esses teus ;
Nem mesmo a inspiração, que te embalou no berço,
Illuminou-me a fronte á luz dos olhos seus.

Apenas junto a ti, de quem a inspiração
É fertil, expontanea, — eu me conservo mudo :
Só o genio tributa aos genios a ovação ;
Assim, meu bello amigo, apenas eu te saúdo. [143]

A. Moreira de Vasconcellos.

Rio de Janeiro, 1879.

VIII

VULCÕES

A MUCIO TEIXEIRA

O lar deixando da paz
E nos infernos lançado,
Potente, mas desgraçado,
Nos homens quiz Satanaz
Procurar cruel vingança,
Atira accesos brandões...
Depois, execranda fera,
Abre no chão a cratera,
Enche a terra de vulcões.

O temerario Vingador espanta
Ao Creador dos Céus, que, em desafogo,
Na fronte altiva de escolhidos entes
Espalha chammas do sagrado fogo.

E appareceu o Poeta,
Tendo a fé no coração,
E n'alma e na intelligencia
As scentelhas do vulcão.

De origens diversas,
Diversa é a sina
Dos ígneos vulcões;
A fonte divina
Só tem creações;
A outra, a do inferno,
Sem pena, sem dó,
No fogo que a abrasa
Cidades arrasa,
Desfeitas em pó.

Ali, chama-se o Éthna,
Coberto de vermelho;
Além, é o Teneriff,
De brasas um espelho.

Aqui, ergue-se HOMERO,
MILTON, PETRARCA, DANTE,
CAMÕES e CASTRO ALVES,
Num carro triumphante.

Nas vozes do Poeta
Ha crenças em diluvio;
Os gritos da cratera
São lavas do Vesuvio.

Offrenda são dos Vates
Os bens que o mundo encerra;

¡ É do Vulcão a dádiva
É o tremor de terra!...

Medo, receio de vulcões accesos
Que a cinzas podem reduzir Pompéa ;
¡ Amor e cultos aos vulcões divinos,
Craneos accesos pela luz da idéa! [144]

Dr A. do Bomsuccesso.

Rio, 1879.

IX

A MUCIO TEIXEIRA

O céu americano em límpida pureza
Innundava de amor a virgem natureza.
A estrella, o meteoro, o astro, o turbilhão
E a lua — percorrendo a eterna solidão,
Impregnavam de luz o tépido ambiente,
Filtrando pelo ar magnética corrente
De harmonioso effluvio. A noite era um poema,
A creação cingia o festival diadema.

Da terra, immenso altar, as altas cordilheiras
Recortavam no azul as colossaes barreiras
Onde do firmamento a cúpula se alteia ;
¡ Que templo magestoso ! A universal cadeia
Prendendo mundo a mundo, a fórma ao increado,
No seio do infinito — ¡ assombro illuminado !
Das montanhas no dorso as mattas sybillinas
Agitavam a coma em ondas argentinas,

Contrastando o negro das bravas espessuras,
Soberbo pavilhão de enormes esculpturas,
No qual o velho tempo, ao perpassar das eras,
Tem deixado os festões de eternas primaveras.

Como as vagas do mar, as vagas da folhagem
Encobrem a sorpreza, escondem a voragem.
Lá ruge a besta fera e canta o passarinho;
Da panthera o covil ampara o fragil ninho.
A cascavel, girando em curvas infinitas,
Respira o embalsamado olor das parasytas.
O cedro gigantesco, a rija sapucaia, [maia,
A planta que haure a luz e a flor que á luz des-
A baunilha, a canella, o cravo, o açafrão,
¡ Tudo cantava a um tempo a nupcial canção!

Sopravam do Oriente as brisas voluptuosas,
Meigas como o luar, suaves como as rosas;
Cantava no ambiente a voz da sympatia;
O orbe interrogava, — o anjo respondia...
Do santuario augusto os transparentes véus
Mostravam refulgindo o diadema de Deus.

Nesse instante a razão tentava resolver
O dilemma fatal do *ser e do não ser*,
Da força e da materia esclarecer a origem,
Mar onde o pensamento afunda na vertigem;
Entrar nessas regiões por onde o sol vagueia;
Sondar o mundo-estrella e o mundo-grão de areia;
As leis do movimento, os focos de attracção;
Das entranhas do monte a rubra convulsão;
Dos músculos da terra a dura aponevrose,
A grande, immensa, audaz, vital metamorphose;
As correntes do mar e os mil sons na atmosphera,

Que se agitam pulsando em toda a vasta esphera,
Como artérias febris de um cérebro gigante;
O infusorio subtil, o colosso elephante,
A escuridão do fundo, o lume das alturas,
¡O germen creador e as almas creaturas!

E a synthese de tudo é o cérebro do poeta,
Onde entra a inspiração veloz como uma setta,
Para partir subtil, mais rápida que a idéa,
Cravando-se, a tremer, no peito da epopéa.
De onde faz escorrer o sangue do ideal,
Gotejando clarões dum brilho sem igual.

¡Avante, meu amigo! Iremos de mãos dadas,
Afrontando da noite as lúgubres rajadas,
Ensanguentando os pés nas sarças do caminho:
— E as feras no covil, e os pássaros no ninho,
E as nuvens pelo espaço, e os astros pelos ares,
E os rios, a gemer, indo morrer nos mares,
Tudo despertará — ouvindo a nossa voz:
Que intérpretes de Deus somente somos nós.

A.-E. Zaluar.

Rio, 1880.

X

A MUCIO TEIXEIRA

¡Poeta... que nome santo!
E ha quem se ria, bem sei,
De um rei, sem c'rôa nem manto,
¡Mais, inda assim, sempre um rei!

Rei — que domina a materia,
Rei — que vence a prescripção;
¡ Que tem por manto — a miseria,
Por diadema — a inspiração!

Vede CAMÕES... contemplai-o,
Com o seu genio immortal,
Da sorte abrasado ao raio,
Vai morrer num hospital...
DANTE, cujo fogo eterno
Lhe requeima o coração,
Desce aos abysmos do *Inferno*...
¡ Traz do ceu a inspiração!

GILBERT mata-se, soberbo,
CHATTERTON morre... ¡ que luz!
Expirou de DEUS ao verbo
Prégado da eterna cruz;
Terrivel magua os consome,
Verga-os tremenda afflicção,
¡ Mas nem ao menos a fome
Lhes reprime a inspiração! [146]

Soares Romeu.

Rio, 1882.

XI

A MUCIO TEIXEIRA

¡ Poeta! o teu brazão é a poesia;
Sonhar, sempre sonhar, eis teu destino;

Es como um cysne em lago crystallino;
Boiando sempre em ondas de harmonia.

¡ Avante, avante! que tua musa um dia
Ha de entre os astros desprender seu hymno;
¡ Pois tens no cérebro o clarão divino
Que os Petrarcas e os Tassos allumia!

¿ Vês as bellas estrellas rutilantes
Por esse azul do espaço illimitado,
Como si fossem límpidos diamantes?

¡ São teus guias, poeta sublimado!
Assim tambem teus versos triumphantes
Brilham no céu ideal do teu passado. [147]

Thereza G. da Silva.

Rio, 1883.

XII

A MUCIO TEIXEIRA

Mucio, ¡ ó Byron brasileiro
Do fim do séc'lo da luz!
Segues a estrella brilhante
Que o genio á gloria conduz;
Sobes para o firmamento
Nas azas do pensamento,
Qual destemido condor;
Da historia no paraiso
Deus, com um terno sorriso,
Sagrou-te o nosso cantor.

Tens o dom dos que não morrem,
E a magestade na fronte;
Teus versos têm a doçura
Dos versos de ANACREONTE.
Em tua mente scismadora
Como a dos vates de outr'ora,
¡Borbulha o genio, a poesia!
Como VIRGILIO, na gloria,
Como o DANTE, já na historia
Teu nome illustre irradia.

Li teus livros: — céus e mares...
¡Quanta estrella scintillante!
Que música en teus cantares,
¡Quanta imagem deslumbrante!...
¡Avante, avante, ó poeta!
Tu és do Brasil o athleta
Na liça do progredir;
Entre HOMEROS e PETRARCAS,
¡Podes zombar dos monarchas,
Podes dos tyrannos rir!...

Ha no teu craneo encendido
Um infinito de idéas;
¡São os teus versos gloriosos
Constellações de épopéas!
Desce aos pélagos profundos,
Ou vôa por entre os mundos
Que giram na immensidade:
Tu és o genio que passa
Dos braços da populaça
Ao seio da eternidade!

MUCIO, ¡ó BYRON brasileiro
Do fim do séc'lo da luz!

Segues a estrella brilhante
Que o genio á gloria conduz;
Sobes para o firmamento
Nas azas do pensamento,
Qual destemido condor;
Da historia no paraiso
Deus, com um terno sorriso,
Sagrou-te o nosso cantor. [148]

Epaminondas Cavalcanti.

Rio, 1884.

XIII

ENTRE MUSAS

(Acróstico)

As Musas, laureando a tua fronte,
Mimoso vate em côro te fadaram;
Ufanas com o Genio, que crearam,
Concederam-te os dons de Anacreonte.

Illibado pensar ninguem o conte,
Ou busque nos annaes dos que passaram;
Teima Clio em dizer ás que votaram
Egregio o teu saber, na sábia fonte.

Irmã! lhe diz Urania, enfurecida:
X mais ou menos X, resolvo tudo;
E logo á tua vez serás ouvida;

Importa, diz Polymnia, ao serio estudo

Revelar de uma gloria tão subida
A doçura do Genio, a quem saúdo. [149]

G. Noronha.

Rio, 1887.

XIV

A MUCIO TEIXEIRA

(*Acróstico*).

Aquella sábia Deidade,
Mimo e delicia de Apollo,
Uma vez pegou-te ao collo,
Cantando, e foi te embalar;
Immenso gozo sentiste,
Ouvindo o que nunca ouviste;
Tiveste um meigo sonhar;
Endeixas ternas, cadentes,
Idyllios magos, divinos,
Xácaras, cânticos, hymnos,
Estrophes de almo sabor,
Inflora tudo a tua alma :
Recebeste a flórea palma,
A Musa fez-te cantor. [150]

G. Noronha.

Rio, 1887.

XV

A MUCIO TEIXEIRA

Ao caro Mucio Teixeira,
Que é dono dum Consulado,
Venho agora de carreira
Dar um abraço apertado.

Que prospere e feliz seja
A tua Musa gentil,
Longe dos zoilos, da inveja,
Representando o Brasil.

Creio que em dias de gala
Não precisas de fardão :
Basta que tires da mala
O — *Cérebro e Coração.*

Si o presidente, enluvado,
Exigir credenciaes,
Dá-lhe um volume brochado
Dos teus — *Novos Ideaes.*

Mas si for um refractario,
Mostra as — *Sombras e Clarões :*
E até, si for necessario
Os — *Prismas e Vibrações.*

Manda-lhe provas impressas
(Si o pretendes publicar)

Promettendo-lhe remessas
Do poema — *Calabar.*

Não creio que, depois disto,
Te exijam farda bordada;
Verás que tens logo o *visto*,
Sem pagar custas nem nada.

Ás damas, as mais formosas,
— Inspiração dos poetas —
Ennastra a fronte de rosas
E o collo de — *Violetas.*

Si o teu *Fausto e Margarida*
Provocar sentidos prantos,
Como bálsamo á ferida
Lê-lhes teus — *Contos em Cantos.*

Si forem grandes as máguas
(Não acho rima p'ra *uvens*)
Envolve tão duras fráguas
Nas tuas — *Ondas e Nuvens.*

Quando fores visitar
Um diplomata estrangeiro,
— O autor (manda annunciar) :
Do — *Parnaso Brasileiro...*

Antes que sigas viagem
E vás p'ra Venezuela,
Desejo (e é minha homenagem)
Bons direitos de chancella.

De uma Nação enviado,
Serás na diplomacia
Mais que Consul, — Deputado
Das Letras e da Poesia.

Será grande o acolhimento
Que terás em toda parte :
— ¡ Embaixador do Talento,
Consul, sim, mas Consul d'Arte!

Vem, portanto, apresentar-te 151
Por meio deste cartão,
Seguindo do affecto as leis,
Seus respeitos e, ao deixar-te,
Saudoso apertar-te a mão
O amigo

Luis dos Reis

Rio, 18 de Abril de 1888.

XVI

A MUCIO TEIXEIRA

Cuando de mar en mar, de cielo em cielo,
Cual ave errante en la extensión vacía,
Del clima adusto que el diamante cría
Vienes, poeta, á nuestro verde suelo;

Si el mirto ó el laurel mueven tu anhelo,
Dilo al verjel, dilo á la selva umbría,
Y al ansia obedeciendo que te guía,
O prosigue tu rumbo, ó pára el vuelo.

¿Buscas digno laurel para tus sienes?
Ah! el laurel inmortal crece en riberas
Mas allá de los mares del olvido!...

Si el país del amor buscando vienes,
Ave canora, mira esas palmeras :
No vueles más, en ellas haz tu nido.[152]

José Antonio Calcaño.

Caracas : 15 de noviembre de 1888.

XVII

BIENVENIDA

A MUCIO TEXEIRA

No has dejado tu patria, que aquí tienes
Cuanto á la tuya en su grandeza ufana ;
Porque es joya el verjel de donde vienes
De nuestra hermosa patria americana.

El mismo clara sol que esparce flores,
El mismo cielo azul de estrellas lleno,
El fuego mismo que irradiando amores
La mente exalta y nos abrasa el seno.

Aquí, como en tu hogar, entre el boscaje
Amorosa la tórtola se queja.
Y es cual manto de púrpura el celaje
Que en ocaso al partir la tarde deja!

Aquí la brisa rumorosa canta
Entre la pompa verde de las frondas;
Y Venus, sol nocturno, se levanta
Si duerme Apolo en las cerúleas ondas.

Aquí, como en tu hogar, se alzan gigantes,
Colosos de la tierra, erguidos montes;
Y hace volcán de rayos centellantes
La tempestad sus amplios horizontes!

Y si el mar de Amazonas ve que es poco
El ancho cauce en que triunfal se extiende,
¡Como amigo y hermano al de Orinoco,
Por mostrarle su amor los brazos tiende!

Bienvenido, ¡oh hermano por los sueños!
A sentarte al calor del hogar mío,
Y á despertar mis cármenes risueños
De tu lira gentil al poderío.

Que aves y fuentes, céfiros y flores,
Acogerán la deliciosa nota
Entre trinos, aromas y rumores,
Cual la dulce canción de un compatriota.

Y al escucharte inclináran las palmas
Su follaje ante ti, por coronarte,
¡Pues que tu canto al conmover las almas
Gala es del genio y vanidad del arte! [153]

Heraclio Martin de la Guardia.

Caracas, 1888.

XVIII

A MUCIO TEXEIRA

Bien miro que á tu frente ya destinan
Los hados la diadema triunfadora ;
Los lauros con que el genio se decora,
Y que en las cumbres de Helicón germinan,

¿ Por qué á tu voz mis cánticos se inclinan?
Seríamos los dos, en dulce hora,
Aves que cantan una misma aurora,
Fuentes que juntas á la mar caminan.

No tengo la armonía con que sueles
Las almas cautivar ; indocto agito
El plectro errátil con incierta mano.

Mas si amor es tu luz cuando te dueles,
Si sueñas con lo eterno y lo infinito,
Si en la esperanza vives, — soy tu hermano. [154]

Jacinto Gutiérrez Coll.

Caracas, 1888.

XIX

A MUCIO TEIXEIRA

Pródigo contigo el cielo
Te dió el genio de los vates,
Dióle á tu hogar por penates
Tres ángeles de consuelo;
A tu pensamiento el vuelo
Del condor americano;
A tu corazón cristiano
Fé que el dolor no socava;
Una cosa te faltaba:
Nuestro cariño de hermano. [155]

Eduardo Calcaño.

Caracas, 1888.

XX

A MUCIO TEIXEIRA

Podrá quitar la fortuna,
Porque la fortuna es ciega,
Del jardín que tú cultivas
La flor más pura y más bella;
Podrá robarte la calma
Y el ideal con que sueñas;
Y la riqueza robarte,
Aunque no tienes riqueza,

Y cuanto en la tierra existe
Para ser grande en la tierra ;
Pero no podrá quitarte
Nunca, por más que lo quiera,
De tu frente esclarecida
La corona de Poeta. [156]

Felipe Tejera.

Caracas, 1888.

XXI

A MUCIO TEIXEIRA

Pídele, Mucio, al rey del firmamento
Lo que en el mundo á la grandeza abona :
Un mendrugo de pan por alimento,
¡ Y una aureola eterna por corona ! [157]

Julio Calcaño.

Caracas, 1888.

XXII

A MUCIO TEIXEIRA

La luz del ingenio alumbra,
¡ Oh Mucio ! tu pensamiento,
Y en las alas del talento
Por el espacio se encumbra;
La inmensidad lo deslumbra,
Mas, con audacia se lanza,

Y á profundizar alcanza
De la ilusión el misterio,
Acatando el dulce imperio
Del amor y la esperanza.

Por eso en tu ardiente lira
Vibran himnos de pasión ;
Por eso tu corazón
Canto de amores suspira.
Del numen que así te inspira
Es insaciable el anhelo ;
Y al alzarte en raudo vuelo,
Esclavo de su albedrío,
Te muestra su poderío
Tornando la tierra en cielo. [158]

Diego Jugo Ramirez.

XXIII

A MUCIO TEIXEIRA

Bienvenido el del Brasil
A las riberas del Guaire,
Aquí donde es luz el aire
Y el valle perpetuo Abril !

Aquí donde el numen gira
En ondas de nardo y rosa,
Y es la vida deliciosa
Y el alma de amor delira.

Aquí donde brilla el cielo
Y la mujer nos encanta,
Y el ave trinos levanta,
Al rumor del arroyuelo.

Aquí donde es todo amor,
Esperanzas, ilusiones,
Y nadan los corazones
En deleite arrobador.

Aquí donde tantos grandes
Gloria hallaron verdadera,
Y vió la aurora primera
El coloso de los Andes.

¡Bolívar! Genio fecundo,
Favorito de la Gloria,
Al hacer de tí memoria
Siento conmoverse un mundo!

¡Bienvenido el del Brasil
A las riberas del Guaire,
Aquí donde es luz el aire
Y el valle perpetuo Abril!

En estos campos lozanos
Que coronan altos montes,
Verás limpios horizontes
Y hallarás nobles hermanos.

Verás la gloria brillar
Y sonreír la esperanza,
Y sobre mar de bonanza
Tu nave en calma vogar.

Al resplandor de la luna
Y al ámbar de nuestras flores
Alzarás cantos de amores
Mecido por la fortuna.

Cruzando por esos campos,
Donde pace el buey tardío;
Oyendo el rumor del rio
A los matutinos lampos;

Cantarás de los que te aman
El puro, encendido amor,
La inocencia y el candor
De los que padre te llaman.

Cantarás de la mujer
El donaire y la hermosura,
Que es ella la flor más pura
Que besa el Guaire al correr.

Dirás en tu cantinela
Con notas de este pensil
Las glorias de tu Brasil,
Las glorias de Venezuela.

¡ Oh poeta ! Bienvenido
A las riberas del Guaire,
Aquí donde es luz el aire,
Y el campo verjel florido ! [159]

Manuel Maria Fernandez.

Caracas, 1888.

XXIV

A MUCIO TEIXEIRA

De la suerte impelida, en tardo vuelo
Deja á veces el ave el caro nido,
Y ausente del verjel donde ha nacido
Pide amor á otras auras, á otro suelo.

Mas ay! en vano, que su ardiente anhelo,
Sólo es imagen de aquel bien perdido,
Que cuanto más llorado, más querido,
Porque es la patria amor y gloria y cielo.

Así te ví, cual avecilla errante
Que doliente cruzó bosques lejanos
Seguida siempre de su bien amante ;

Y si á calmar tu pena fueron vanos
Nuestro verjel y nuestro sol brillante,
La Musa te ofreció pechos hermanos. [160]

Francisco de P. Calcaño.

Caracas, 1888.

XXV

A MUCIO TEIXEIRA

Eres joven aún, goza y espera :
Te hizo el cielo poeta, sufre y canta :

Te aplaude ya la fama lisonjera.
¡La gloria á coronarte se adelanta! [161]

Heraclio Martin de la Guardia.

Caracas, 1888.

XXVI

A MUCIO TEIXEIRA

En Tebas renombrada, en fausto día,
Concurso ufano de apiñada gente,
De Píndaro el laurel resplandeciente
Con víctores ruidosos aplaudía.

Aun sonaba la alegre vocería
Cuando el excelso vate allí presente,
Quitándose el laurel de la alta frente,
A la musa del canto lo ofrecía.

Yo á quien negó el ingenio su luz clara,
Alcanzo bien que el lauro no me espera
Que Apolo al numen singular depara;

Mas si cual no lo tengo lo tuviera,
De mi frente al instante lo arrancara
Y á la tuya inspirada lo ciñera. [162]

Jacinto Gutiérrez Coll.

Caracas: 15 de noviembre de 1888.

XXVII

A MUCIO TEIXEIRA

Una flor tan sólo quieres,
Brasileño ruiseñor,
Y es en vano que la esperes,
Pues no tengo ni una flor;

Que mis lágrimas brotaron
Tan ardientes, que al caer
En mi huerto, lo agostaron
Para nunca renacer. [163]

Domingo Ramón Hernandez.

Caracas, 1888.

XXVIII

EL GENIO

A MUCIO TEIXEIRA

Cuando con regio atavío
Asoma el alba en oriente,
Muéstra ceñida la frente
Con diadema de rocío;
Y al rasgar el velo umbrío
De la noche que aún impera,
Valle, montaña y pradera,
Con besos de amor fecúnda,

Y en olas de fuego inunda
La inmensidad de la esfera.

Así cuando en vivo anhelo
Su imperio el Genio pregona,
Lleva el amor por corona
Como atributo del cielo;
Y al conjurar en su vuelo
Del orbe la estéril calma,
Trueca del mártir la palma
En símbolo de victoria,
Y baña en rayos de gloria
Los horizontes del alma. [164]

Manuel Fombona Palacio

Caracas, 1888.

XXIX

A MUCIO TEIXEIRA

Canta con voz atrevida,
Y el mundo atónito advierte,
Los secretos de la vida,
Los misterios de la muerte.

Sol que alumbra torbellinos,
Dá luz á la humanidad:
Profeta de sus destinos,
Sube á la inmortalidad. [165]

Félix Soublette.

XXX

A MUCIO TEIXEIRA

— « Un dibujito, al momento...
Lo que hagas de una plumada,
Y habré de quedar contento
Con poco menos de nada »...

— Siento decirte, poeta,
Que aunque me halaga tu empeño,
No esperes de mi paleta
Ni pintura ni diseño.

Tengo el lapiz despuntado
Y el pincel enmohecido ;
Yace el ingenio embotado
Y el sentimiento dormido.

Franqueza tanta me abona,
Y no querrás, de seguro,
Que te pinte aquí una mona
Para salir del apuro ! [166]

Herrera Toro.

Caracas, 1888.

XXXI

A MUCIO TEIXEIRA

En estas playas de nuestros mares,
Aunque tu nave pase lijera,
Oirás que salen de la ribera
Muchos aplausos á tus cantares.

¡ Tienes, poeta, voz que suspira
Eco del alma que se levanta !
Vuelve á tu patria. Toma tu lira,
No nos olvides ; ¡ recuerda y canta ! [167]

Simón Soublette.

Caracas, 1888.

XXXII

A MUCIO TEIXEIRA

Hai visto già, sul mare, in tetra notte,
Alzato altiero il faro lampeggiante
Chè il porto mostra al marinar ausante
Chè lotta invano, colle vele rote ?

Cosi sei tu : ciò che pensier lo puóte
Hai fatto già col genio tuo brillante ;
Molte mente, io lo so, ma quante, quante
Vanno al sommo saper, da te condotte !

Hai l'omaggio del genio, dei laureati,
Lascia la invidia e l'ira degli ingrati,
Onde rivolte di turbato mar.

L'onda si frange e muor nel proprio seno,
Intanto il faro placido e sereno
Qual astro ognora si vedrá brilhar! [168]

Luis Nóbrega.

Rio de Janeiro, 1890.

XXXIII

A MUCIO TEIXEIRA

Vi-te, poeta, ainda adolescente,
Insinuante, feliz, altivo, ousado ;
Na fronte — a estranha luz dum sonho ardente,
No olhar — reflexos dum clarão sagrado.

O teu cabello tinha um quê do oceano
Quando ao impulso dos tufões ondeia,
Qual juba de leão, que soberano
Encara o firmamente que se arqueia.

Ensaiavas a lyra, febrilmente ;
E eram tão doces essas melodias
Que em horas mortas, ao luar palente
Mais de uma porta ao teu cantar se abria...

Umas sombras, então, appareciam
Indiscretas, medrosas, palpitantes :

Eram lindas mulheres, que te ouviam,
Somnâmbulas talvez... ¡ talvez amantes !

Nesse sonho de amor, sempre illusorio,
Brilhavam risos húmidos de pranto ;
Era a guitarra de *Don Juan Tenorio*...
¡ Era uma tentação aquelle canto !...

Passou o tempo. O estro, que acompanha
Tuas aspirações, foi a teu lado ;
Vi afinal teu nome, em terra estranha,
De virentes laureis engrinaldado.

Do proscripto as constantes amarguras
Trocaram-se em triumphos repetidos ;
E da diplomacia nas alturas
Novos louros por ti foram colhidos.

Da lyra d'oiro desprendendo as notas
A' frente dos poetas brasileiros,
Enches de orgulho os teus compatriotas,
¡ Applaudido entre os proprios estrangeiros !

J. Bernardino dos Santos.

Rio, 1891.

XXXIV

A MUCIO TEIXEIRA

Nem Longfellow, na lyra peregrina
Desenhando perfil de *Evangelina*,

Nem Enéas, narrando ante e *Regina*
O prisco incendio exicial de Troya,
Mais patrio amor despertam, tal civismo,
Como quando memoras o heroismo
Da Bahia, em magnético lyrismo,
¡ Novo cantor da angélica *Lindoya !*

Eu cantei-a, tambem, adormecida
Em seu tranquillo somno, já sem vida,
Num thálamo de flores estendida,
¡ E como ella entre rosas mais floriu !
Assim foram teus carmes, na magia
Da harpa *que não pernoita*... e em claro dia,
Dúlias notas vibrando de harmonia,
Tece um hymno, que tanto nos sorriu.

O eterno *Dois de Julho* foi o thema,
O argumento heroico do poema
Que entoaste na terra de *Moema*,
Rejubilando os netos de CABRAL ;
Teu éco, resoando na enseada,
Repercutiu, qual toque de alvorada,
Dos egoistas pondo em debandada
A gananciosa turba desleal.

E a nova Athenas, presa da cubiça
Dos bandidos, do saque, da injustiça,
Ao ver os fortes campeões em liça,
¡ Reanima-se á voz do teu clarim !
¿ Quem não ama o arauto que annuncia
Ordem, progresso, paz e alegria,
Do exclusivismo a quadra, e da anarchia,
Do mal da Patria o suspirado fim ?

¿ Quem não quer ver tombar a iniquidade,
A tyrannia, a vil peryersidade,
Que faz torcer as leis e sã verdade,
Reinar a inepcia, o mérito rojar ?
Teu canto, pois, qual tuba vencedora,
Foi o ledo prégão da nova aurora,
Que o scepticismo espanca, a fé vigora,
E vem da Patria as nuvens dissipar...

Amei teu canto, vate numeroso,
Hymno á Bahia duplamente honroso,
Predizendo um futuro auspicioso,
¡ E encantou-me a inflexão da tua voz !
Si no elevado surto não te sigo,
Si não me é dado emparelhar comtigo,
Estende-me, em teu vôo, a mão de amigo ;
¡ O altruista não deixa alguem a sós !

¡ Tu és bahiano, ó vate brasileiro,
Como eu sou rio-grandeuse, e amo o pampeiro,
Que mil victorias canta alviçareiro,
E de tua harpa as cordas afinou :
¡ Somos irmãos ! — ¡ o Sul abraça o Norte !
¡ Brandindo vencedor o sabre forte,
Dos bahianos, nos Pampas, a cohorte
Muita vez co'o gaúcho se irmanou !

Heróes de Pirajá aqui tu cantas,
Eu canto lá de heróes victorias tantas,
Que, destes dois Estados, as mais santas
Tradições de valor vão ao porvir.
Aqui — Siqueiras, Dórias denodados,
Ali — precipites legiões... ¡ soldados

Aguerridos na lucta, commandados
Pelo gladio de OSORIO, a refulgir!

Insigne vate, de altaneiras vistas,
Que entre os bahianos, teus irmãos, conquistas
Affectos, do mais simples dos trovistas
Sincero abraço acolhe fraternal.
Os nossos berços vão, na aza da gloria,
Além desta existencia transitoria;
¡ Radiando immortaes no céu da historia
ARGOLLO aqui nasceu, ali — HERVAL!

Nem LONGFELLOW, na lyra peregrina
Desenhando o perfil de *Evangelina*,
Nem Enéas, narrando ante a *Regina*
O prisco incendio exicial de Troya,
Mais patrio amor despertam, tal civismo,
Como quando memoras o heroismo
Da Bahia, em magnético lyrismo,
¡ Novo cantor da angélica *Lindoya*! [170]

Pompilio Cavalcanti de Mello.

Bahia, 1896.

XXXV

A MUCIO TEIXEIRA

Ante o fulgor sublime do talento
Minha Musa modesta, mas altiva,
Deixa a treva onde jaz, por um momento,
Para um canto entoar, em voz festiva,

Ao Vate, cujo mago pensamento
Brilha qual dos vulcões a chamma activa ;
E que eregiu á Patria um monumento,
Elevando-a soberba e rediviva.

A ti, pois, que — esmagando preconceitos —
És credor de ovações, mereces preitos,
E pertences ao rol dos immortaes ;

Eu dedico, ó poeta scintillante,
Rival de Homero, Hugo, Petrarca e Dante,
Estas estrophes toscas, mas leaes. [171]

José Petitinga.

Joaseiro, 1896.

XXXVI

A MUCIO TEIXEIRA

¿ Em que fonte de amor e poesia
Bebeste a inspiração, ó meu poeta?
Ensina-me a cantar, como tu cantas,
As pálidas manhans beijando as flores,
Num aláude mágico e doirado,
Que o Anjo da Harmonia offereceu-te
No concerto dos pássaros em festa. [172]

Muniz Barreto Filho.

Bahia, 1896.

XXXVII

Poeta, vem cantar aqui estas montanhas
Debruçadas no mar, mirando-lhe as entranhas
Revôltas pela mão do vento mais veloz,
Inspira-te feliz no sol da minha terra,
No passarinho azul, no píncaro da serra,
No véu da Creação cobrindo todos nós.

Levanta com teu verso angelical poema ;
Já te offerece o mundo um rico diadema,
Enchendo-te o porvir de flores e de luz.
Deixa voar, subir a idéa até ás nuvens,
No Pantheon da gloria ha genios como RUBENS,
Acolhe-te com fé á sombra de uma cruz.

Espalha do Evangelho, em cantos, a doutrina
Ao povo cego, inculto, á porta da officina
Sublime, do trabalho, ao doce amanhecer.
Embala numa estrophe a geração mais nova,
De como o CHRISTO erguera o LÁZARO da cova,
Verdade que faz rir aos que não sabem crer.

Contempla a natureza, á tarde, como é bella,
Prendendo em larga trança a flor meiga e singela,
A deslisar o pé na alfombra tão subtil...
Aqui — libando o mel da abelha em favo d'oiro,
Ali — mostrando ao sol seus cofres e thesoiro,
Além — como visão, voando em céu de anil.

Copía, meu poeta, as vistas das espheras,
Desenha em vivo quadro as loiras primaveras

Na fina tela azul, com mágicos pinceis ;
No berço do infinito, além, meu Deus, suspenso
Um Anjo, ajoelhado, ouvindo o côro immenso
Do sol, que se despede em fúlgidos laureis.

É canto de sereia a nota de tua alma,
Sonora como a brisa estremecendo a palma,
Que a aurora salpicou de gotas de crystal :
Mysterioso som — de poesia cheio —
Furtivo, a se esconder na concha de teu seio,
Que a inspiração te deu nas aras do ideal.

¡ Poeta ! é tua noiva a santa Poesia...
Que beija a tua fronte em sonhos de harmonia,
Na alcova perfumada á noite pelo céu ;
Engolfa-te na luz de seus olhares bellos,
Enrola-te, ao luar do amor, em seus cabellos,
E cobre os louros teus com a ponta do seu véu.[173]

Silva Senna

Bahia, 1897.

XXXVIII

A MUCIO TEIXEIRA

Do negro chaos, do amálgama profundo
Do grande nada — onde Potente assoma —
Tirado emfim o mundo,
Forjada a luz (e a noite alma e discreta)
Feita a Mulher — de flores, mel e aroma —
Creou Deus — o Poeta[174].

Adelaide de Castro Alves.

Bahia, 1898.

XXXIX

A MUCIO TEIXEIRA

Mucio, vous qui savez faire vibrer les âmes
Dans tous vos chants divins, remplis d'ardentes [flammes,
Gazouillements d'oiseau, rugissements de lion,
Amour chaste, amour pur, délire et passion !...
Qui chantez les Pampas, les forêts, la nature,
Pour qui tout est parfum, amour, bonheur, murmure,
Vous, que l'on peut nommer le prince des charmeurs
Possédant ce secret de remuer les cœurs,
Chantez la liberté, chantez la délivrance !
Votre chant s'entendra dans l'univers immense,
Que l'esclave a jamais de la captivité,
Brise chaînes et fers au cri de liberté,
Frères en Jésus-Christ c'est Dieu qui vous rassemble
Afin de ne former qu'un merveilleux ensemble,
L'ange exterminateur plane sur le Brésil,
La vieille Europe pleure en voyant le péril !

Au sein de ces forêts solitudes moroses,
Où l'air est embaumé de myrtes et de roses
Que la brise légère en un vol effréné
Effeuille en s'enfuyant loin du vent déchaîné,
Qui balance à son gré tous les nids sur les cimes
De ces antres profonds de ces profonds abîmes,
A ce concert d'amour au milieu des grands bois
Se mêlent des sanglots et des voix aux abois ?

Les nuits vont mettre aux fleurs de beaux colliers de
Qu'aux lueurs du matin vont égrener les merles [perles
Avec le papillon comme un souffle passant
Qui de son corset noir les effleure en glissant
Ces grands arbres chargés de plantes parasites
Ont des fleurs de bonheur et non des fleurs maudites
Et dans l'air parfumé grisé de liberté
Ne saurait retentir par l'écho répété

Ce long cri de douleur qui fait tressaillir l'âme,
Et de votre soleil éteint jusqu'à la flamme.
Ce long cri qui se mêle aux sinistres accords
Des plaintes de la nuit — des prières des morts
Semble un appel perdu dont les notes profondes,
Se prolonge au loin sur la terre et sur les ondes !

C'est le cri de l'esclave aux fers, c'est le banni
Qui gémit sourdement doutant de l'Infini
Qui va baisant la main qui le frappe et l'outrage
Dont il garde la marque encore sur le visage ;
C'est l'esclave traînant sa trop pesante croix
Et dont l'iniquité vient étouffer la voix.

L'Empereur de Russie a de vingt millions d'âmes
Brisé les fers — son nom tout rempli d'oriflammes
Est béni par chacun — Immortel souvenir
Du Tsar libérateur de l'Empereur martyr,
Sa grande œuvre est gravée à jamais dans l'histoire
Et d'Alexandre Deux on garde la mémoire
Comme de Nicolas Premier noble et puissant,
Comme de Catherine et de Pierre-le-Grand !

L'hymne de liberté du peuple Cearense
Fait tressaillir le cœur du peuple fluminense,

Des nuages rosés courent sur les monts bleus
Car là-bas le bonheur éclate en tous les yeux.
Libre est le Ceará partout des feux de joie,
Des cris que le triomphe au cœur heureux envoie!

De Pedro Segundo que le nom soit béni,
Que l'esclavage enfin du Brésil soit banni!

Chantez Mucio, chantez, versez-nous l'ambroisie
O poète idéal, roi de la Poésie! [175]

A. de Rizza.

XL

A MUCIO TEIXEIRA

(*Poema do Ideal*, tomo I, pág. 258.)

De além-mar Mucio Teixeira,
Que ao meu nome deu clarões,
Sobre a página primeira
Dos *Prismas e Vibrações*.

Honras a lista
Dos bons engenhos,
¡ Fecundo artista! [176]

Fernandes Costa.

Lisboa, 1894.

POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

Á MEMORIA DE MINHA MÃI, DE MEU PAI
E DE MEU FILHINHO

Nessas tres sepulturas
Tenho o meu Tabernáculo sagrado :
Morreram cedo as minhas crenças puras,
As divinas visões do meu passado.

Atordoado e triste,
Sou um islenho diante duma enchente...
Só a saudade — soberana — existe
Na fria solidão do meu presente.

Vou seguindo, de rastros,
Por entre abysmos, num deserto escuro...
Guiam-me os versos meus, únicos astros
Que scintillam nas sombras do futuro.

Mucio Teixeira.

LIVRO I

JUVENTUDE

PROFISSÃO DE FÉ

Fructo do amor dum justo e duma santa,
Eu não podia ser sinão poeta ;
Doirou-me o berço a estrella do propheta,
Por isso é que meu estro se alevanta.

Quando nos versos meus a Musa canta
E arde a rima na estrophe predilecta,
Muita emoção incógnita e secreta
Nas almas vibra... ¡ e os corações encanta !

¡ Quantas mulheres, bellas e sensíveis,
Dessas que sonham coisas impossíveis,
Não sentem sem sentir tudo que eu sinto !...

Para taes creaturas é que escrevo :
E si não sei dizer de tanto enlevo...
Saiba mostrar que nem cantando minto.

CÉREBRO E CORAÇÃO

I

DEDICATORIA

A MEU PRIMO O GENERAL FRANÇA E LEITE

Meu caro França e Leite, este poema
É simplesmente um sonho de rapaz;
É uma dessas fantasias boas
Que mais ou menos todas as pessoas
Têm no verdor dos annos, nada mais.

Talhei os meus herões ao molde antigo
Dos poetas românticos que li;
Dormando é uma especie de *Tancredo*,
Com uns timidos ares de *Manfredo*
E umas vivas audácias de *Antony*.

Sulamena distingue-se somente
Das anêmicas deusas dos salões,
Por detestar — na flor da mocidade,
Os ruidosos festins da sociedade
E preferir viver nas solidões.

É isto um tanto lyrico... concordo;
Mas, eu. além de ser um sonhador,

Os modelos que achei por toda parte
Foram abortos typicos, sem arte,
Corpos sem sangue e almas sem amor.

Assim, pois, preferí soltar as azas
Da minha fantasia — pelo ar...
E (sem offensa á escola *realista*)
Em vez de ser apenas um copista,
Tentei ser um COLOMBO noutro mar.

E descobrí a América das flores,
O paiz das caboclas guaranys...
¡ São os meus pensamentos uns selvagens,
Que vagam, a cantar, nestas paragens,
Vigorosos e nus como os typys !...

Sonhar, ¡sempre sonhar! Si em fim de contas
Esta vida é um sonho e nada mais,
¿Que tem que um lyrico, aos dezoito annos,
Embalado na rêde dos enganos,
Sonhe á sombra dos frescos laranjaes ?...

¡ O' fantasia, ó devaneio, ó scisma !
Chimeras, sonhos, crenças, illusões,
Eu não sou um burguez, nem sou um monge...
¿ Porque fugís, tão cedo, p'ra tão longe?
Vinde, voltai, trazei-me — inspirações.

Meu caro FRANÇA E LEITE, a fantasia
Levou-me, sem sentir, nos vôos seus...
Mas, voltando ao poema : si os vindouros
Consagrarem-me... ¿ *loiras?* ¡ não ! mas louros,
Os louros do porvir são todos teus. [177]

II

SULAMENA

Formosa como as virgens da Circássia,
Ella tinha das moças hespanholas
As tentacões subtis ;
Fundia na voz clara, alegre, limpida,
A harmonia das mansas barcarolas
E o brilho dos fuzis.

De argentario varão herdeira única,
Num gesto, num olhar, realisava
Todos os sonhos seus ;
E nos áureos salões aristocráticos
Á cauda dos vestidos arastava
As almas dos Romeus.

Nos templos, nos theatros, nos palácios,
Onde quer que o seu vulto portentoso
Prendesse as attenções,
Como por um encanto, ou por mystério,
O seu ar de rainha, imperioso,
Impunha adorações.

Mais alva do que o mármor das estátuas
Era a branca epiderme setinosa
Do seu collo ideal ;
E a rósea cor dos purpurinos lábios
Tinha a maciez das pétalas de rosa,
Das contas de coral.

Os cabellos escuros, longos, túrgidos,
Cheios de aromas, cheios de fulgores,
Eram noite sem fim...
Sombreavam-lhe a alvura das espáduas,
Como a areia das praias os verdores
Do trémulo capim.

Havia em seu olhar, sereno e lânguido,
Um não sei quê de merencorio e doce,
Que fazia scismar;
Borbulhavam ali fluidos magnéticos,
Faiscando ardentias, qual si fosse
Algum nocturno mar.

Quando um sorriso lhe frisava os lábios,
Como os jasmins que á luz da madrugada
Rorejados estão,
Os dentes, claros como algentes pérolas,
Imitavam os pingos de geada...
¡ As bagas de Ceylão!

Como as moças românticas, hystéricas,
Tinha ás vezes caprichos indizíveis,
¡ Loucuras de mulher!
Embalada na rêde das volúpias,
Sonhava, sem dormir, com *impossíveis*...
¡ Chorava sem querer!...

¿ Quantas vezes a *Dama das Camélias*
Não lhe arroxou, em noites não dormidas,
Olheiras sensuaes?...
¡ Quantas vezes naquellas frias páginas
Não respingavam lágrimas doridas
As ancias virginaes!

Outras vezes, sentava-se, ao crepúsculo,
À sombra de arvoredo murmurante,
Seismando, sem ninguem :
¡ Até que a lua cheia, branca e pállida,
Por traz da cordilheira do Levante
Apparecesse — além !...

Lêra e relêra a colossal tragedia
Do Poeta allemão : de *Fausto* a vida
Viu de principio a fim :
Tinha medo talvez de *Mefistófeles*,
Mas... sentia não ser a *Margarida*,
Na scena do jardim.

Si alguem ousasse profanar-lhe a insòmnia,
Como o vento nas moitas de violeta
Entrar no quarto seu,
Sentiria a tremer seus seios túmidos,
Ouvindo-a murmurar : — « Sou *Julieta*...
Preciso dum *Romeu!* »

Ella banhara a fronte na Castália
Dos delirios febrís da mocidade,
Na sêde do ideal ;
Sentia n'alma imprehenchivel váeuo,
Amava a solidão, tinha vontade
De a sós viver num val...

Como se asylam dois mimosos pássaros
No limitado centro dum só ninho,
À sombra do sertão,
Ella queria achar uma alma gêmea,
Um peito, que, com a chave dum carinho,
Lhe abrisse o coração...

Sôro de sangue, que gelara a angústia,
Lhe escorria na face, lentamente,
Em bagas de crystaes :
Seria um crime rir daquellas lágrimas...
A alma que distilla a dor que sente
É que sente de mais.

Sonhou talvez vir a lograr carícias
De um'alma juvenil, ébria de almejos,
Calcinada de amor ;
Mas cançou de esperar o loiro príncipe,
O mancebo gentil dos seus desejos,
Pállido e sonhador...

A alma da mulher é um mystério
Desde que troca os risos de criança
Por seios de mulher.
Problema : — os sacerdotes da sciencia
Meditam dia e noite... ¡ que esperança !
Não podem resolver.

O som e a luz, a brisa e o crepúsculo,
E lava e gelo e sombra e claridade,
Pretérito e porvir,
Tudo ella encerra em si : ¡ crenças e dúvidas !
Veste-se de esperança e de saudade...
¡ E chora mesmo a rir !...

III

DORMANDO

Sentindo a ponta das settas
Das multidões levianas,
O coração dos poetas
Procura em fim as savanas.

E á sombra dos arvoredos,
Entre arcadas de verdores,
Vai contar os seus segredos
Aos passarinhos e ás flores.

Vagando nas penedias,
Recita a esmo, contente,
As lyricas poesias
Que escreve, triste, ao poente.

E conta historias de amores
Ás brisas mansas, suaves;
E as brisas falam com as flores...
E as flores falam com as aves...

Ellas de certo têm almas,
Como nós temos tambem:
Embora não *batam palmas*,
Nem nos digam: *¡ muito bem!*

Eis aqui uma charada
Á sciencia positiva:

Quando estiver decifrada...
É pena que eu já não viva.

A sós, tranquillo, vagando
Ao fresco das virações,
Scisma o sombrio Dormando
Perdido nas solidões.

Quando ha pescaría, á noite,
¿Quem vence esse pescador?...
E, si ha alguem que se afoite,
Que siga o meu caçador.

Por sua fronte suave
De leve passam as maguas,
Como a sombra duma ave
Na superficie das aguas...

Num anno, num anno apenas
Neste retiro escondido,
Esqueceu todas as penas
Do seu coração trahido.

Fôra, inda muito criança,
Perder-se nas multidões:
Levara muita esperança...
¡Trouxe só desillusões!

Ao olhar, de chispas feito,
De uma messalina bella,
Sentiu saltar-lhe peito
O coração aos pés d'*ella*.

Amou-a : mas tanto, tanto,
¡Pobre cabeça perdida!
Que quiz lavar com seu pranto
As nódoas daquella vida.

Ha destas folhas sombrias
No livro da mocidade :
Escriptas com agonias,
Relidas com anciedade.

E o poeta, escarnecido
Com ironias agudas,
Como Christo ao ser cuspido
Em sua face, por Judas ;

Abafou no peito afflicto
Seus prantos e seus queixumes,
Sem nunca soltar um grito :
Amando... ¡ e tendo ciumes!

E seguia, abandonado,
Por entre os homens ingratos,
Como Christo, já cançado,
De Herodes para Pilatos...

Chorava; mas os seus prantos
Seccavam na sua face,
Pois não havia, entre tantos,
Um dedo que os enchugasse.

Assim passava, scismando,
Pelas turbas — solitario —
Como Christo se arrastando
Pelo monte do Calvario...

Com *ella* no pensamento,
Fosse noite ou fosse dia,
Era um constante tormento,
¡ Era uma eterna agonia !

E sempre, sempre lembrando
Quem o fazia soffrer,
Como Christo carregando
A cruz... ¡ onde ia morrer !

Vão perguntar ao selvagem,
Que em noites claras de estio
Vai na *ygára*... entregue á aragem
Que embala o berço do rio,

Si deixa o cocar, a setta,
A tába, os coraes, as plumas,
Por essa vida irrequieta
Das terras d'além das brumas...

Dormando, num anno apenas
Neste retiro escondido,
Esqueceu todas as penas
Do seu coração trahido.

Mas... traz na fronte saudosa
Uma terrivel sentença :
¡ A febre duma doença
Que o vai mantando, impiedosa !

¡ Não sei que fatalidade,
Que genio ou que mão secreta,
Faz parar na flor da idade
O coração do poeta !...

IV

O BAILE

Sulamena, instruida, bella e rica,
Razão sobeja para ser amada,
Via-se dia e noite requestada
Por mais de meia duzia de *leões :*
Este — filho de um rico *estancieiro*,
Que hospedara o sr. Pedro Segundo,
A quem o sabio rei do Novo Mundo
Enchêra de commendas e brazões ;

Aquelle, joven médico, formado
Na academia illustre da Bahia,
Que só na militar enfermaria
Fazia mais de cem mil réis mensaes ;
Um outro, bacharel, que em Pernambuco
Foi respeitado pelos próprios lentes,
Então recommendado aos presidentes
Por alguns conselheiros liberaes.

Escriptores, juizes de luneta,
Deputados, poetas de melena,
Todos *fazendo a côrte* á Sulamena...
¡ E ella a rir de todos — a cruel !
Até um estudante, que estivera
Passando as férias lá, quasi dois mezes,
Fez tão sérios papeis nuns entremezes,
Que parecia estar... no seu papel.

Dentre a turba, porém, dos *petit-maîtres*
De *pince-nez* e luvas de pellica,
Que andavam farejando a herdeira rica
Do velho Godofredo de Aguiar;
(Este velho é o pai de Sulamena,
Que, por ser rheumático, leitora,
Chegou tão devagar, que só agora
É que vem preencher o seu logar);

Destacava-se um moço, de olhos grandes,
Cabellos crespos e bigode preto;
Um tanto parecido com *Hamleto*,
E sonhador tambem, mas bom rapaz;
Quasi sempre de botas como *Ernani*,
Numa capa hespanhola resguardado,
O chapéu, cor da noite, desabado,
Como esses trovadores medievaes.

Seu pai, que fôra em tempos mais felizes
Monarca altivo entre os *Gaúchos* guapos,
Commandando uma força de FARRAPOS,
Prodígios revelou de intrepidez:
— Fôra elle o *rebelde*, que, sosinho,
Cercado de *legáes* por toda parte,
Correu BENTO RIBEIRO a bacamarte,
Matando a coice d'arma uns dezeseis.

Depois... finda essa luta de dez annos,
Em que tantas victorias alcançaram
Os FARRAPOS heróicos, que afrontaram
Fome, sêde, misérias, privações...
Sylvano (é este o nome do obscuro
Pai do modesto heróe da nossa historia)

Despindo a farda, que vestiu com gloria,
Rasgou-a, e disse adeus ás multidões.

Fugindo do covil de humanas feras,
Que nós apelidamos — sociedade,
Foi encontrar socego e liberdade
Entre as feras selvagens e brutaes.
Mais vale o doce affecto da familia,
Sob o tecto do lar hospitaleiro,
Que o ephêmero brilho lisongeiro
Dos ouropeis, dos nadas sociaes.

Dormando, alma de moço e de poeta
Banhada no Jordão das utopias,
¡ Regava no vergel das fantasias
A flor dos sentimentos — o amor!
Tinha sêde na febre dos desejos...
Era uma dessas compleições nervosas,
Que adormecem em pétalas de rosas
Á doce sombra de arvoredo em flor.

Amara a Sulamena, antes de vel-a,
Como se sente a dor — sem a ter visto ;
Assim como se adora a Jesus Christo,
Ou como um cego que descreve a luz.
Sentia n'alma um vácuo indefinido,
Que um não sei quê devia prehenchel-o,
Fervia-lhe um vulcão no peito em gelo,
O coração — qual pérola em paúes.

Um dia... foi num baile : a excellentissima
Baroneza de Tal fizera annos ;
Não sei quantos, ao certo, pois seus manos
Nem seus netos garantem quantos fez...

Calculo alguns oitenta, mas a illustre
Baroneza de Tal, á sobremesa,
Num discurso, que fez, teve a franqueza
De dizer — completar quarenta e tres.

Abertas do salão as altas portas,
Donde pendiam verdes reposteiros,
Entravam por ali os cavalleiros
Das mais nobres familias do logar;
E nos vastos salões — illuminados
Por candelabros límpidos, brilhantes,
Volteavam nas valsas irritantes
Bellezas peregrinas, de encantar.

Sulamena, que em ondas d'escumilha
As fórmas tentadoras occultara,
Era como uma estatua de Carrara,
Num pedestal de rosas e jasmins;
Soltos os seus cabellos pelos hombros,
Imitavam as azas dos condores...
Na fronte um diadema de mil cores
E nos seios um broche de rubins.

Dormando, que encostado a uma columna
Num canto do salão, scismava, triste,
Com ares melancólicos de anthiste
Que divaga a scismar na solidão...
Ao dar com Sulamena... Uma creada,
Que o fitava com olhos duma hyêna,
Disse-me que chegou a sentir pena
Da sua inesperada commoção.

Porém, a respeitavel baroneza,
Passando por Dormando nesse instante,

Com um gesto affectado, mas galante,
Convidou-o, a sorrir, para valsar;
Era de mais a honra concedida
Ao modesto plebeu que ali se achava;
Mas, como a baroneza o convidava,
Dormando deu-lhe o braço e foi dançar.

Logo á primeira volta, embaraçado,
Sentindo tudo andar á roda, tonto,
O pobre moço vacillou, ao ponto
De quasi se estender em pleno chão...
E foi tamanha a sua inf'licidade
Que, pisando na cauda do vestido
Da bella Sulamena, descosido
Deixou-o d'alto a baixo... ¡oh! irrisão!

Sulamena, mais bella enraivecida,
Com um altivo gesto soberano,
Lançou-lhe olhar tão forte e deshumano,
Que fez o desditoso estremecer;
Mas, diante da maneira delicada
Porque elle se curvara, silencioso,
Desprendendo um sorriso desdenhoso,
Deu-lhe as costas, sem nada lhe dizer.

Dirigiu-se apressada ao *toilette*,
Afim de endireitar o seu vestido;
Mas ¿quem era esse audaz desconhecido
Que procedeu de fórma tão brutal?...
Eis o que ella a si propria perguntava,
Convencida de que já vira, outr'ora,
Aquella vasta fronte pensadora,
Aquelle olhar profundo, original.

O baile proseguiu, cheio de ardores,
Até depois das tres da madrugada;
Mas, Sulamena, triste, impressionada,
Esteve sempre a um canto do salão...
¿Onde fôra Dormando?... O pobre tonto,
Depois daquella scena desastrada,
Segundo o que me disse a tal creada
Foi-se embora, subtil como um ladrão.

V

INDOMATO AMORE

O amor cai em puerilidades; as outras paixões cáem em baixezas. Vergonha ás paixões que amesquinham o homem! Honra ás que o tornam criança.

(VICTOR HUGO)

Foi numa noite límpida de lua,
Dessas noites gentís de primavera,
Em que parece que de cada esphera
Salta um jôrro de luz.

Sulamena, sosinha, em sua alcova,
« Soltos cabellos pela espádua nua »
Como trementes pennas de urubús...
Pensa ainda no moço — que offendera
Na mudez eloquente dum olhar...
E ergue-se do leito,
Sentindo o coração querer saltar
De dentro de seu peito.

Mas, ¿que tinha Dormando differente
Dos mais, para que assim
Impressionasse tanto
Áquella Julieta — indifferente
Aos risos e ao pranto
Dos mais ternos Romeus de barba ingleza
E bigodes — pintados a nankim?

¡Ai, Lovelaces de jasmins ao peito!

Ella, que com frieza
Escutava os discursos eloquentes
De bachareis formados em direito;
Que com risos irônicos, frementes,
A lógica venceu de deputados,
Nas assembléas sempre os mais citados,
¿Como é que num instante
Se deixa impressionar dessa maneira
Por um moço, que vira á vez primeira
Num baile deslumbrante,
Onde outros tantos, cheios de etiquetas,
Chegaram a chamal-a de rainha...
Por elle, que nem tinha
Naquella noite um par de luvas pretas?

. . . .

Insondavel mysterio, fundo arcano
Do coração humano.

Um coração que é virgem — não se illude;
Si por alguns instantes
Viu scintillar o brilho da virtude,
Os olhos fecha aos ouropeis brilhantes.

A mulher é um mixto inexplicavel
De profundos arcanos;
Curva-se ao fraco, ao triste, ao miseravel...
¡E zomba dos tyrannos!

¡Quantas vezes aos braços dum bandido
Atira-se, a cantar, louca bacchante,
Que transforma qualquer desconhecido
Em sensual amante!...

Nesses braços, exaustos totalmente
Para a acção do trabalho,
Mistura subtilmente
Os criminosos náipes do baralho...

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Algumas tenho visto como as filhas
Do triste Loth das santas Escripturas :
¡Mulheres-mansenilhas...
Á cuja sombra cavam sepulturas!

Outras — são bôas, castas, virtuosas,
Admiráveis, — ¡mãis!
Mas... vivem como as pombas amorosas
¡E morrem como os cães!...

Suas entranhas maternaes, completas,
Geram fetos ¡que vêm a ser poetas,
Altivos como os sóes!...

¡Sáem dum ventro escuro
Claros genios e limpidos heróes!

¡Mäis! ¡ó Mäis! ¡é cruel o vosso fado:
Dais á luz os gigantes do futuro
E vos perdeis na sombra do passado!...

Sulamena, por sua natureza
Subjeita ás mais profundas impressões;
— ¡Aquella borboleta de belleza,
Voejando entre tantos corações
Que os *dandys* atiravam a seus pés,
Nos festivos salões das *soirées*
Ou nas amplas abóbadas sombrias
Desses templos cathólicos, romanos,
Onde voavam suas fantasias,
Como um bando de pássaros insanos...
Sulamena, a marmórea Galathéa
De mais de um sonhador Pgymalião
Que teve a louca idéa
De fazer palpitar um coração
No duro peito da gelada estatua...
Sulamena, a cruel, a nescia, a fátua,
Que com risadas scépticas
Escutava os protestos perennaes
De paixões combustivas, apopléticas,
Como os derramamentos cerebraes;
Sulamena afinal paga o tributo
Que a natureza impõe ao coração:

E, como a *Morgadinha de Val-Flor*
Cobrindo-se de luto,
Para abraçar-se á cruz do Redemptor,
A sós, na solidão,

Pensa naquelle audaz desconhecido...
E, fitando o vestido
Que elle rasgara, na ebriez da dança,
Chora ¡como si fosse uma criança!

Chora, mulher... As lágrimas são pérolas
Do collar ideal do sentimento :
Quando brilhantes rolam dumas pálpebras,
Desfiou-as a mão do soffrimento.

VI

LUX ET TENEBRÆ

Era ao cahir da tarde. Agonisava o dia
Aos ósculos subtis das virações do sul.
O sol já descambava, a lua já surgia...
E entre o sol e a lua — a immensidade azul.

Era ao cahir da tarde. Os pássaros trinavam,
Voejando em redor das árvores em flor;
Mugiam tristemente os bois — e meditavam...
E a matilha dos cães seguia o caçador.

Era ao cahir da tarde. Um canto magoado,
Saudoso, se perdia, ao longe, pelo ar ..
Os escravos, em grupo, a um canto do sobrado,
Descançavam, fumando, a rir e a conversar.

As nuvens, a correr nos amplos horisontes,
Projectavam no ar desenhos vaporosos...

E a bruma. que occultava o pincaro dos montes,
Unia a terra ao céu ¡por élos mysteriosos!...

Depois... a pouco e pouco, estrellas oscillantes
Fluctuaram á flux do mar da immensidade;
E a lua — a confidente eterna dos amantes,
Peneirava na terra um pó de claridade.

¡Ó noites de luar, tristes, mysteriosas,
Que effeitos ideaes a vossa luz encerra!
¡Espargindo no azul constellações radiosas,
Descortinais o céu e illuminais a terra!...

Da noite na doce calma,
Sulamena colhe flores
No seu olente jardim.
E das puras flores d'alma
Dormando, louco de amores,
Colheu talvez o jasmin.

Das violetas no canteiro,
Por entre a trémula alfombra,
Ás florinhas abre a mão...
¡Sem saber que um jardineiro,
Do abandono na sombra,
Lhe abria o seu coração!

A flor que ella colhe agora
Está húmida, orvalhada
Dos serenos da amplidão:
¡E o jardineiro que a adora
Tem a face rorejada
Das lágrimas da paixão!...

Estranho rumor de súbito
Quebra o silencio completo...
¿Serão zumbidos de insecto,
Ou silvos da viração?...
O rumor, mais forte e próximo,
Augmenta, cresce, recresce...
¡Sulamena empallidece
E cai sem forças no chão!...

¡E um corcel rápido,
— Desenfreado —
Vem, desvairado,
Rompendo o ar...
¡Delle despenha-se
Moço sombrio,
Pállido e frio
Como o luar!...

Furta-lhe
O alento
O vento
Do sul!
¡E límpida
A lua
Fluctua
No azul!...

A donzella, ao cahir, como que fulminada
Por um raio que então a deixasse prostrada,
Soltou um grito, um só, mas tão dorído e forte,
Que parecia estar nas contracções da morte.

O éco, transmittindo aquelle som plangente
Ás amplas solidões, fez com que logo a gente
Accudisse, a saber o que seria aquillo
Que interrompia a paz do ermo já tranquillo.

E Godefrodo (o coração paterno
Tem sempre originaes presentimentos)
Descendo a escadaria, pressuroso,
Dirige-se ao jardim... ¡oh! dor, oh! susto!...
¿Que não sentiu ali ao ver por terra
A filha idolatrada, branca e fria,
Como si a luz da solitaria lua
Lhe houvesse enregelado as alvas carnes?!...

Attônito, em soluços, contra o peito
Apertava em delirio o corpo inerte
Daquella a quem amava mais que a vida.

Desvairado, a gritar, corre — levando
Nos seus braços a filha sem sentidos.
Mas... um fundo suspiro irrompe a custo
Dos labios virginaes, que pouco a pouco
Se vão já descerrando, mais ainda...
Emfim conseguem murmurar :
« É *elle!* »
E recobrando as forças, como louca,
Roga, supplica, impõe, exige, pede :
« Salvem-no! »
« ¿Mas a quem? » pergunta o velho,
Receando que a filha enlouquecesse :
« ¿Elle quem, minha filha? »
E Sulamena,
Que descobrira o pállido Dormando
Cahido a pouco passos, sobre a relva,

Dos braços paternaes livra-se, corre...
E, levantado a fronte do mancebo,
Bradou :
« ¡ Não me enganei, meu Deus, é *elle!* »

VII

OURO SOBRE AZUL

Amai. Uma sombria transfiguração
estrellada acompanha este supplicio.
Ha êxtasis na agonia.

(VICTOR HUGO)

Quinze dias voaram... E Dormando,
Tendo por enfermeira Sulamena,
Foi dia a dia as forças recobrando.

Por sua fronte pállida e morena
Passam de novo crenças e esperanças,
Na placidez duma existencia amena.

Cerra de manso os olhos ás lembranças
De uma quadra infeliz, esvaecida...
¡ E sorrí como as cândidas crianças!

Tem a seu lado a vida de sua vida,
Por quem seu coração palpita, acorda,
Como a Phenix das cinzas renascida.

Depois de vêr-se de um abysmo á borda,
Transpõe os pennetraes das alegrias,
Vibra do sentimento a extrema corda.

Si os céus não são apenas utopias,
¡Amar e ser amado, aos vinte annos,
É transformar em céus os nossos dias!...

¡Ó doces illusões! ¡brandos enganos,
Dessa phase de amor mysteriosa,
Tão cheia de recônditos arcanos!...

Como fonte que corre presurosa,
Deixando ver no fundo alvas pedrinhas,
Assim passa essa quadra venturosa.

Leve bando de inquietas andorinhas,
Que, demandando ao longe primaveras,
Se perdem nessas vastidões marinhas...

Assim tambem em bandos as chymeras
Batem as azas pelo azul das scismas,
Ao scintillar das sideraes espheras...

¡Que paizagens esplêndidas! ¡que prismas!
Os nossos corações nesses momentos
Têm latejos febris como aneurismas.

¡Ó deus do amor! ¿por que não passam lentos
Esses momentos — rápidos que são?...
¡Não sei... não sei! ¡em taes deslumbramentos
Transformava-se em deus um coração!...

É noite; e scisma, encostado
Ao peitoril da janella,
Dormando, que a sós com ella,
A sua amante gentil,

Lhe conta a medo, baixinho,
Com muito amor e carinho,
Numa linguagem subtil,
Historias que na lembrança
Guardara desde criança,
Pois de sua mãi as ouvia
Quando em seu collo queria
Pegar no somno infantil...

E Sulamena, contente
De ouvir e ver quem amava,
Seus olhos constantemente
Nos olhos delle pousava.

E si ás vezes, em brinquedos,
Elle trançava-lhe os dedos
Ou apertava-lhe a mão,
¡Como ficava enleiada!
Baixava os olhos, corada,
E murmurava : « assim não... »

Dormando ficava mudo,
Arrependido talvez;
E promettia-lhe tudo,
Tudo... porém, uma vez
Queria abraçal-a ainda...
« ¿Só uma? » ella perguntava,
« ¡Só uma! » elle respondia;
Mas, vendo que era tão linda,
Ardendo em tanto desejo,
Em vez dum abraço apenas
¡Eram quatro, cinco... seis!...
¡Até por mais duma vez

Naquellas faces serenas
Seu labio imprimiu um beijo!

Assim passavam os dias
Aquellas almas irmans :
¡Que risos — pelas manhans!
¡Que amor — ás *ave-marias*!...

À noite, na varanda, junto á mesa,
¡Com que prazer Dormando devorava
As páginas mimosas de romance
Que Sulamena lânguida escutava!

Outras vezes, sentados no terreiro,
À merencória luz da lua cheia,
Elle cantava ao violão : e ella
Sonhava ouvir a voz duma sereia...

E passavam os dois horas inteiras
Em ternas confidencias, revelladas
Ao ouvido, baixinho, com receio
Que fossem pelas brisas escutadas...

Então elle falava de viagens...
Da harmonia perenne das espheras...
¡Dos collares de luz — das alvoradas,
Das grinaldas de flor — das primaveras!...

Era um nunca findar de devaneios.
Era um sol de alegrias — sem poente;
Ella — douda por elle, sem sentidos,
Elle — ¡cego por ella, inteiramente!...

¿Que é o Amor? — Mystério
Que o coração esconde...

É não sei quê de explêndido
Que vem — nem eu sei donde!...

O Amor é uma lágrima
Com risos misturada,
Como de orvalho a pérola
Que cai de madrugada...

¡O amor — é uma página
Do livro da existencia,
Escripta, por mão trémula,
Com tinta de demencia!...

VIII

AZA NEGRA

Por uma lei fatal, cruel, indefinida,
Não pode haver prazer que dure nesta vida.

Por mais bello que seja o prisma do oriente,
O sol ha de cahir nas bandas do poente.

O mundo é um grande mar, feito de treva e luz,
¡Com risos de VOLTAIRE e prantos de JESUS!...

Os homens não são mais que uns tristes marinhei-
Expostos dia e noite a rijos aguaceiros... [ros.

Debalde o pária luta, em vão o nauta cança
Soltando ás virações as velas da esperança.

Si ao longe lhe sorri miragem seductora,
Foi effeito de luz... ¡visão enganadora!...

Nesse mero vai-vem, assim, por essa sorte
Vai-se passando a vida — até que vem a morte.

———

¿Já pensaste na morte?... ¿A vil mulher perdida
Que aperta ao seio nu, emmagrecido e frio,
Os amantes que rouba ás illusões da vida?...

¿Nunca viste passar, boiando á flor dum rio,
Um berço de MOYSÉS lançado na corrente...
Ou um corpo de Ophélia, anêmico e sombrio?...

¿Nunca viste um coveiro, esquálido, insolente,
Estúpido e cruel, abrir, cantando, a cova
Onde aos vermes atira o corpo dum vidente?...

Alta noite, no ermo, á luz da lua nova,
Quando o silencio dorme e o pensamento vela,
E o passado p'ra nós toma existencia nova;

¿Não viste no lençol do panno duma vella,
O náufrago lançado á solidão da praia
Pela furia brutal dos ventos da procella?...

A criança gentil, que os passos mal ensaia,
A virtuosa Mãi, que os filhos abençôa,
A amante, a noiva, a irmã que tisica desmaia...

O pai, que a trabalhar os dias seus escôa,
O poeta, que luta embalde contra a sorte, [corôa!
O herói, que a inveja morde... ¡e que a historia

Todos : o bom, o mau, o rico, o fraco, o forte,
Todos hão de dormir no leito immundo e frio
Da eterna barregã da humanidade — a Morte.

É ella quem atira os barcos ao baixio...
¡Os berços esvasía e enche as sepulturas!
Anda por toda parte : ¡ e o seu olhar sombrio
Só encherga a saudade, o luto, as amarguras!

. . . .

Godofredo, concentrado
Com seus muitos afazeres,
Nem siquer tem escutado
Os expansivos dizeres,
As claras revelações
Daquelles dois corações
Que palpitam a seu lado,
Cada qual, por mais amante,
A trahir-se a todo o instante.

E Sulamena e Dormando
Naquelle mútua alegria,
Hora a hora e dia a dia
Vão novos céus desvendando...

Em azas de luz vão indo,
Já tão distante do pó,
¡Como si fossem subindo
Pela escada de Jacob!...

Por uma dessas tardes de janeiro,
Em que parece até que a natureza

Estende das campinas sobre a mesa
Uma toalha a transbordar de flores...
Dormando, dando o braço á Sulamena,
Em seus deslumbramentos de poeta,
Parecia Romeu com Julieta
De *Capuleto* no jardim de amores.

Em quanto aquellas almas homogêneas
Fluctuavam num mar de juras francas,
Imitando um casal de pombas brancas
Arrulhando nas telhas duma casa...
Uma *aza negra*... um pássaro de agouro,
Indo pousar no lar de Godofredo,
Os gêmeos corações enche de medo...
De um prophético susto que os abraza.

Um daquelles *leões* almiscarados,
De *pince-nez* e luvas de pellica,
Que andavam farejando a herdeira rica
Do velho Godofredo... neste instante
Acaba de pedir a mão de noiva
De quem o coração dera a Dormando,
E, que amada como é, e tanto amando,
Será esposa — de quem é amante.

Os pais, os mais extremosos,
Por vicio de educação,
Ainda negam ás filhas
Direitos do coração.

¡Impõem, mandam, exigem
Ou nem consultam siquer!

Entendem que é simples coisa
A alma duma mulher...

Eis a razão porque existem
Tantos casaes infelizes :
¿ Quereis impedir os males?
Cortai-os pelas raizes.

¡ Ha tantas donzellas tísicas,
Tantos rapazes perdidos,
Tantas esposas adúlteras...
Tantos maridos trahidos!...

Quando na noite do vicio
Incauta donzella cai,
D. Juan é condemnado :
Ninguem accusa algum pai...

Mas si esse pai désse á filha
Uma séria educação,
¿ *D. Juan* conseguiria
Atiral-a á perdição?

¡ Não! que quem seduz, não ama;
E um bandido, um seductor,
Ante um espírito culto
Não pode fingir amor...

Embora digam os *crentes*
Que um coração virginal
Tem sempre o Anjo da Guarda...
E nunca o Anjo do Mal...

Deve o pai fazer que a filha
Sonde da existencia o mar,
Para evitar os escolhos
Onde pode naufragar.

E quando sabe que a filha
É presa duma paixão,
Deve respeitosamente
Venerar-lhe a inclinação.

O amor nunca degrada,
Sempre exalta e nobilita;
¡É um sentimento eterno,
É uma força infinita!

Dizem que é fogo de palha
Que lavra e logo se apaga...
¡Loucos! ¡não vèem que é chaga
Que o coração nos retalha!...

IX

SUB UMBRA

Que pallidez, meu poeta,
Se estende na face tua!...
— São os raios descorados,
Os alvos raios da lua.

CASTRO ALVES

Era á Ave-Maria.
A mudez de crepúsculo é eloquente
E cheia de poesia.

Esse momento vago, indefinido,
Em que a luz bruxoleia mansamente,
Assim como um segredo
Que a donzella, sorrindo, diz a medo,
Baixinho, ao nosso ouvido...
Ás almas fala; ¡e enche a soledade
De sombras, de tristeza e de saudade!

Voltam, cantando, aos lares socegados
Os honrados plebeus, ora pensando
Nos filhos adorados,
Que para elles são
As rosas em botão
Das roseiras de amor, sempre orvalhadas,
Pelas mãos das esposas transplantadas
De um coração para outro coração.

Donzellas ¡almas ricas de esperanças!
É bella a vossa corôa virginal,
Porém, ha uma cousa
Mais bella ainda : a esposa,
Anjo do lar — ¡ que a aza maternal
Estende sobre o berço das crianças!...

Junto duma collina, ao pé dum lago,
Límpido espelho a reflectir o espaço,
Onde as estrellas com seu brilho vago
Tremem, á noite, como em chapas d'aço
As rosêtas do sol, vivas, doiradas,
Como pontas de lanças afiadas;
Alveja entre arvoredos murmurantes
Uma alegre casinha — que parece
O ninho em flor de juvenis amantes,
Cuja existencia venturosa esquece

A vida das cidades.
Deslisando naquellas soledades
Os socegados dias,
Como si de um collar de felicidades
Fossem se desfiando as alegrias.

Ao lado de sua mai, velha e doente,
Dormando vive ali, si na verdade
Podemos chamar vida
Uma existencia afflicta, a sós vivida
¡Longe de quem quizera ter presente
Por toda a eternidade!

. . . .

Eil-o assentado ali...
¡Como é solemne
O scismar do poeta, quando a lua
Que no azul, a tremer, branca fluctua,
Lhe bate em cheio sobre a vasta fronte!...

O moço Anacreonte
Não vibra as cordas duma lyra, não...
Tem apenas comsigo uma espingarda
Cahida sobre o chão,
E acaricia, triste, o velho cão
Que em seus joelhos roça a testa parda.

Pede talvez á viração amena
Que lhe traga nas azas oscillantes
O perfume dos seios palpitantes
Da bella Sulamena...

E ella está tão longe... A rir de goso,
No sobrado paterno, ao som ruidoso

Da orchestra, que talvez neste momento
Suffoca muitos gritos de agonias...
É levada, mais leve do que o vento,
Em azas de alegrias,
Na delirante valsa,
Por seu noivo... ¡a cruel! ¡a ingrata! ¡a falsa!...

E Dormando um retrato chega ao peito,
Murmurando o seu nome com respeito...

. . . .

É tarde. Um som, como o gemer do enfermo,
A ventania suffocou nos ares...
¡É a meia noite que percorre o ermo!...

Dormando volve ao lar, onde acordada
A velha mãi o espera, angustiada...

A VELHA

¿Porque tão tarde, meu filho,
Regressas ao pobre lar?...

O POETA

Minha mãi, as horas vôam
Quando eu contemplo o luar.

A VELHA

Mas, tens os olhos inchados...
¿Acaso foi de chorar?

O POETA

Não, minha mãi : são effeitos
Da muita luz do luar.

A VELHA

¡ Meu filho! uma dor secreta
Tentas em vão me occultar...

O POETA

Mãi, não te afflijas... escuta :
¿ Não é tão triste o luar?

A VELHA

¡ Meu filho, tens tanta febre!
É tempo d'ir reponsar.

O POETA

Pois abre aquella vidraça,
¡ Quero dormir ao luar!

A VELHA

O ar da noite é tão frio,
Não teimes, vai descançar.

O POETA

Não posso tirar meus olhos
Da fria luz do luar...

A VELHA

Tens a voz, filho, tão fraca
Que eu nem ouço o teu falar...

O POETA

¿ Não ouves?... pois a minh'alma
Conversa... com... o luar ..

A VELHA

¡Meu filho! ¿que é que tu sentes?
¿Pois tu sorris, a chorar?!.,.

O POETA

¿Não vês?... por traz das montanhas...
Olha... ¡lá vai o luar!...

A VELHA

¡Filho, meu único filho!
¿Pois hei de mesmo esperar...

O POETA

¿Que eu morra, nos teus joelhos,
Mais pállido que o luar?...

A VELHA

¡O Deus! tu roubas meu filho,
¡Ou eu estou a sonhar!...

. . . .

Por detraz da cordilheira
Desapparece o luar.

X

SUB LUCE

> Fallavam entre si as arvores, as rosas,
> E a immensa mudez toda das cousas silenciosas..
>
> GUERRA JUNQUEIRO

Eu vi, como num sonho á luz da lua cheia
Em noite de verão, silente, constellada,
Uma visão de luz : uma ideal sereia
Nos mares d'amplidão vogando... A Madrugada.

Bella, clara, rosada, alegre, fresca, pura
(Como um beijo de mãi na boca filial)
Era mais transparente e tinha mais alvura
Que o leve cortinado em thálamo nupcial.

Inundava de orvalho o cálice das flores,
Inundava de aroma o éther dos jardins;
Enchia os corações de languidez, de amores...
¡E esvasiava o céu de sombras e rubins!...

E cantava!... Sua voz, mais clara que a magnolia,
Tinha uns sons triumphaes, valentes, gloriosos!
Era a vida a ferver em músculos vigorosos,
E... a fluidez e o languor dos euros n'harpa eólea.

¡Cantava tudo ali!... ¡Era uma orchestra viva,
Desvairada, confusa, a delirar... febril!
Assim tambem do poeta a inspiração se aviva
E perde-se do céu no indefinido anil!...

¡Cantava tudo ali!... A aurora, que surgia,
O sol, que vinha vindo... a ave, que acordava,
O galho, que tremia,
A névoa, que voava,
A sombria, que fugia ..
Cantava até o monte : o monte ¡que é um mudo!
Cantava a Natureza — a bôa Mãi de tudo :

A AURORA

Eu sou a noiva dos ares,
Primogênita de Deus;
Banho de luz os palmares,
Acordo a névoa nos mares
E escondo os astros nos céus.

O SOL

Eu sou o Sultão do espaço,
O menestrel da amplidão :
Quando vibro as fibras d'aço
Da harpa da creação,
Cada raio é um estilhaço...
¡Cada estilhaço um clarão!

Das nuvens deito no seio,
Que treme, como a hastíl
Da rosa, si o euro veio
Sorver-lhe o néctar subtil,
Em lânguido devaneio
A minha fronte gentil.

São ellas as Odaliscas
Do meu espléndido *harém :*
Tendo-as desde as éras priscas,
Ninguem m'as rouba ¡ninguem!...

AS NUVENS

Nós somos amantes tuas,
¡Só tuas, bello Sultão!
Somos Sulamenses nuas...
¡E tu és o Salomão!...

UM RAIO DE LUZ

As sombras correm... ¡medrosas,
Fogem com medo de mim!
Parai, donzellas saudosas;
¿Porque me fugis assim?...

Ouví-me, filhas divinas
Da noite — a eterna viuva —
Erguei o véu de neblinas,
Seccai o pranto de chuva;
¡Eu amo-vos tanto, tanto!
Envolvei-me nesse manto...

AS SOMBRAS

Tu és um principe loiro
Cheio de encantos fataes;
Nós... temos só um thesoiro:
Nossos seios virginaes.

O RAIO DE LUZ

Eu tenho palacios d'oiro
Com janellas de crystaes...

¡Vinde commigo morar
Num dos palacios do ar!

AS SOMBRAS

Tu és miragem, que engana;
És mansenilha, que attrai:
¡Ai do peito que se inflamma
Aos teus reflexos... — ai! ai!

Miragem,
Ai de quem da caravana
Te procurar na romagem...

Mansenilheira
— Traiçoeira —
¡Ai do triste pegureiro
Que a tua sombra procura:
Bem podia o forasteiro
Deitar-se na sepultura!

AS ÁRVORES

Vem, travesso, ellas têm medo
Dos teus carinhos ardentes:
Vem cá, escuta um segredo:
Aqui, por sob a folhagem
Dos nossos galhos copados,
Onde á noite os namorados
— Contentes e abraçados —
Matam desejos
De beijos...
Vem innundar de lampejos
Do capinzal os verdores.

Olha, emquanto os passarinhos
Cantam nos páramos nus,

Estão vasios os ninhos...
¡Vem tu enchel-os de luz!
Vêm,
Travesso filho do *harém*.

O POETA

No lago dos devaneios
Os sonhos fluctuam nus...
¡É um poema de enleios
Numa brochura de luz!...

Ah! o seio tem chymeras
Quando a fronte tem almejos;
Si nos labios tremem beijos,
Tremem nos céus as espheras...

Senhor Deus, si tu quizeras
Renovar nas primaveras
Nossos tempos juvenis,
Ah! mas dos sonhos de outr'ora,
Sonhados á luz da aurora,
¿Que resta, que resta agora
Ao sonhador infeliz?...

¿Que resta? ¡O Deus! ¡e quem hade
Dizer que de tanta crença
Só resta a cruz da saudade,
No sepulchro da descrença,
Á sombra mocidade!...

E nada... mais nada resta.
Depois de um dia de festa
Um dia de abatimento;
Depois do sol nas alturas

A noite no firmamento;
Só cinzas nas sepulturas...
¡Só dores no pensamento!

E o pranto das desventuras
Depois do rir da alegria.
Sempre a noite atraz do dia...
Sempre a tréva atraz da luz...

Quando um peito solitario
Palpita em anceios crus,
Se pluralisa o Calvario
Do Homem morto na cruz.

Quando o pássaro da alma
Deixa o ninho abandonado...
Ah! ¡os vermes batem palma
Sobre o cadaver gelado!...

Ai! que fogo, que tristeza...
Tenho febre e desalento :
— ¡E sorrí a natureza
Á face do firmamento!...

O DIA

Poeta, levanta a fronte :
GOETHE, eu venha dar-te — luz.

O POETA

Eu vejo o sol no horisonte,
Mas vou carregando a cruz.

UM SABIÁ

Eu sou o vate das relvas,

O trovador do sertão :
Canto no seio das selvas
Aos beijos da viração.

O POETA

Canta, canta, ó passarinho,
Eu gósto de ouvir cantar;
Feliz — que dormes num ninho,
Feliz — que podes voar...

Eu vivo triste, sosinho,
Como CAIM ¡sem parar!...

¡Ó mundo! as tuas sentenças...
¡Meu DEUS! ¡que abysmo profundo!...

O AMOR

O mundo ri-se das crenças,
Riam-se as crenças do mundo...

O POETA

Vôa, vôa, ó passarinho,
Vê si ha primavera — além...

O SABIÁ

Foi aqui que achei um ninho,
Quero aqui morrer tambem.

XI

AMOR E DEVER

É meio dia. O sol, que o firmamento inflamma,
Num jorro de clarões tão forte luz derrama
Que torra os galhos nus e a resequida alfombra...

Das árvores por baixo em vão s'esconde a sombra.

Nem uma viração pelo vasio espaço:
A atmosphera parece uma fornalha d'aço.

É a hora em que os tupys não erram nas florestas;
E as caboclas sensuaes, na languidez das sestas,
Chegam ao seio nu, moreno e palpitante,
Dos moços guaranys o largo peito amante.

Repousam os leões no ventre das cavernas.

O viajante apeia á porta das tabernas,
Entra, fuma e descança, ouvindo aos sons da viola
Cantar o trovador que lhe pede uma esmola
Para levar um pão á prole desgraçada, [Enchada!
Que em vão revolve a terra... ¡em vão levanta a

É a hora em que as paixões recressem esfaimadas
E os desejos sensuaes, agudos como espadas,
Têm impetos febrís, coléricos, selvagens,
Como um tigre que vê um touro nas ramagens.

Nem uma viração pelo vasio espaço :
A atmosphera parece uma fornalha d'aço.

Vamos entrar na habitação pequena
Do louco sonhador de Sulamena :

Dormando, com a fronte enfebrecida
Sobre as trémulas mãos,
Em sombria mudez, como si a vida
Tivesse lhe fugido inteiramente,
Com suas derradeiras illusões,
Pensa profundamente,
Abysmado em recôndito mysterio,
Como o velho vidente
Que lança os olhos pelo azul ethéreo...

Ergue-se emfim ; e, sempre pensativo,
Caminha inquieto pelo quarto, triste :
Como attestando que ninguem existe
Naquelle maosoléu... de um redivivo.

. . . .

Pára de chofre : leva as mãos á fronte,
Mergulha os dedos no cabello escuro,
Vai á janella, fita o horisonte
E diz, em tom de voz forte, seguro :

¡ Acorda ! ¡ ergue-te, é dia,
Não durmas mais, razão !
A luz que a vida guia
Não é do coração.

O coração é astro
Que brilha á noite só;
Não deixa nem um rastro,
Apenas doira o pó.

Ha uma luz mais pura,
Mais clara que o arrebol;
Não brilha em noite escura,
Mas doura o dia: é o sol.

¡E o sol, do firmamento
Aclara a immensidão!...
A luz do sentimento
Desmaia ante a razão.

Basta; não durmas tanto,
Meu cérebro, bem vês
Que o juvenil encanto
Deserta duma vez.

— A vida do poeta
Perpassa mais veloz
Que do gentio a setta
De um passarinho após...

A vida passa breve,
¡Que o digam nossos pais!
— É andorinha leve
Que vôa e não vem mais...

¡O' DEUS! tu nos metteste
Num grande maosoleu

Tampado pelo ceu...
¡E tu — és um cypreste!...

Um pombo entra pela janella e cai sobre a mesa. Dormando, erguendo-o, vê sob uma das azas um bilhete atado numa fita; lê-o:

« Dormando, si ainda ardes
No fogo em que desespéro,
Á meia noite — não tardes...
¡Dormando, vem! eu t'espero ».

Cai pensativo sobre uma cadeira; momentos depois ergue-se, allucinado

¡Irei!... ¿E que me importa
O murmurar do mundo?
¡Abysmo negro e fundo
De eternas maldições!...

Oceano borrascoso,
¡Atira-me em rajadas
Vagas encapelladas
De recriminações!...

Serei sombrio e mudo
Nas convulsões da dor;
Tirem-me tudo, tudo...
¡Mas deixem-me este amor!...

Covil de feras bravas,
¡Sou DANIEL!... Vulcão,
Atira-me tuas lavas...
¡Esmaga-me, SANSÃO!...

¡Irei!... ¡Não reconheço
Poder superior!

Dever — não te conheço...
¿Que queres mais — Amor?...

¡Condemnem-me ao depreso,
Requeimem-me as entranhas!
¡Curvem-me sob o peso
De um cento de montanhas!...

XII

O RAPTO

Vem! tu serás minha Atalá formosa,
Por quem na terra viverei de amores;
Teu meigo somno velarei cantando,
Teu brando leito juncarei de flores.

(FAGUNDES VARELLA)

Era por uma dessas noites claras
Em que o mar se confunde com o ceu;
Gemia a ventania nas taquaras,
E a lua, envolta em vaporoso veu,
Silente e solitaria, proseguia
Sua romagem, merencória e fria.

As aves, em seus ninhos silenciosos,
Repousavam em mansa quietação;
So um casal de pombos languorosos
Arrulhava nas telhas dum galpão...
E de tempos em tempos ecoavam
Os latídos dos cães, que vigilavam.

O sobrado do velho Godofredo,
Onde se eleva a sombra dos umbús,

De janellas fecha-las, onde a medo
Se projecta da lua a frouxa luz,
Attesta, em vão, que reina dentro a paz,
Como da sepultura o — *aqui jaz*...

¡Oh! silencio dos túmulos sombrios,
¡O mysterio dos hóspedes da cruz!
¿Quem vem dizer que nesses leitos frios
Não batem hirtos esqueletos nus?...
¿Si tolhe a dor as faculdades nossas,
Mortos, que dores são as dores vossas?!

¡Eu imagino que tormento enorme,
Que anceio longo, que pungir atroz
É o daquelle que dizemos: — dorme —
Mas: que nos ouve, sem acção, sem voz!...
Ah! ¿quem pudera levantar o pobre
Que a terra esmaga e uma lousa encobre!?

Lázaros vis; que apodreceis na terra,
Talvez á espera de Jesus... ¡em vão!
¡Loucos! o corpo, que um esquife encerra,
É dado aos vérmes ¡ como um osso a um cão!
Oh! ¡antes chammas e clarões do inferno
Que o gelo, a tréva, o esquecimento eterno!...

. . . .

É meia noite. Nos ares
A lua, as nuvens, os lumes;
Na terra — flores, perfumes;
E as ardentias nos mares.

A escuma, que serpenteia,
Fluctua, brilha, desmaia;

A lua morre na praia...
E as vagas morrem na areia.

¿Não ouves?... Ao longe, longe,
Estranho rumor desperta...
¿Serão orações de um monge
Nalguma ermida deserta?

¿Ou os gritos comprimidos
De viajores perdidos,
De chofre surprehendidos
Por quadrilha de ladrões?...

Mas não; um vulto sombrio,
Sobre um escuro cavallo,
Vem, por aquelle desvio,
Desce o monte, salta o vallo,
Devora a margem do rio,
¡Tão rápido e pressuroso
No seu cavallo fogoso,
Como a fugir dos leões!

Dá de esporas no murzello,
Que rincha escarvando o chão;
¿É fantasma, ou pesadelo?
¿É cavalleiro, ou visão?

Mas, ¿que vejo? !¿pois tu, Sulamena,
Não receias, ó casta donzella,
A taes horas chegar á janella,
Esquecendo o dever filial?
¿Pois teu pai não te disse quem era
Que seria teu *dono* bem cedo?

Ah, descubro afinal o segredo,
O mysterio da carta fatal...

É Dormando esse vulto sombrio,
Que apparece, e se apeia e lhe fala...
É Dormando quem vem procural-a...
Insensato! ¿que tentas fazer?
¿E não pensas que um pai e um noivo
Contra ti luctarão noite e dia?
¡É que se amam os dois! Não podia
Contra Amor triumphar o Dever.

XIII

CANÇÃO AO LUAR

« Vamos! irás sobre a anca
Do meu cavallo alasão.
¡Meus Deus, como estás tão branca!
¡Que fria que tens a mão!... »
— É que o meu sangue s'estanca
E afflue ao meu coração... —

¡Vamos! ¡irás sobre a anca
Do meu cavallo alasão!...

— Meu bravo ginete, *hupa*,
¡*Hupa*, meu bravo corcel!
— ¿Vês?... ¡quanta estrella se agrupa
Do vasto azul no docel!... —
— ¡Eu levo sobre a garupa
Minha estrella e meu laurel!...

¡Meu bravo ginete, *hupa*,
Hupa, meu bravo corcel!

— ¡As crinas, voando, crescem
Como pennachos reaes!
— Olha: as árvores parecem
Estar correndo p'ra traz... —
— Teus lares desapparecem
E somem-se... mais... e mais...

— ¡As crinas, voando, crescem
Como pennachos reaes!...

— ¡Meu bravo ginete, *hupa*,
Hupa, meu forte alasão! »
— ¿Vês?... ¡quanta estrella se agrupa
Do ceu azul na amplidão...
— ¡Eu levo sobre a garupa
A minha constellação!...

— ¡Meu bravo ginete, *hupa*,
Hupa, meu forte alazão!

FAUSTO E MARGARIDA

POEMA-DRAMÁTICO

em XII quadros da Tragedia de Goethe

PERSONAGENS

MARGARIDA...	15 annos	MEFISTÓFELES	30 annos
FAUSTO.....	22 —	MARTHA....	40 —

Época — actualidade.

QUADRO I

UMA RUA

SCENA I

FAUSTO, *admirado*, MARGARIDA, *passando*.

FAUSTO

Vossa Excellencia é muito linda e séria;
Quer dar-me a honra de aceitar meu braço?

MARGARIDA

Eu não tenho *excellencia* nem sou linda;
Senhor, não venha interromper meu passo.

(Segue)

SCENA II

FAUSTO

¡ É muito linda, seductora e timida!
Pérola fina de um collar sem preço;
Ah! nem dos astros o fulgor nocturno
Oflusca os brilhos desse olhar travêsso.

Seus rubros labios e seu gesto altivo
Jamais na vida riscarei da mente;

E a timidez com que baixara os olhos...
Enlouqueceu-me : — ¡ é de matar a gente !

Apparece Mefistofeles.

SCENA III

FAUSTO, MEFISTOFELES

FAUSTO

Escuta : eu quero aquella moça... ¿ouviste?

MEFISTÓFELES

¿ Qual ?

FAUSTO

A que ha pouco por aqui passava.

MEFISTÓFELES

Aquella—ainda não ha dez minutos
Junto das áras ao Senhor resava...

Eu, que lá estava, escondido
Por traz do confessionario,
Escutei (enraivecido
Por não ser o seu vigario)
A simples revelação
Do seu viver sem cuidados,
E de todos seus peccados
Teve plena absolvição.

Não me é dado, pois, sobre ella
Exercer o meu poder,

Olha, o quanto tem de bella
Tem de pura a mais não ser

Desta vez tem paciencia...
— É uma flor de belleza,
Mas um anjo de innocencia.

FAUSTO

O que me causa sorpreza,
Pois dos quatorze já passa...

MEFISTÓFELES

¡Oh!... não é tal a desgraça
Do nosso tempo; um sujeito
Inda encontra por ahi
Muita *fructa prohibida*,
Muito terno *amor-perfeito*,
Muita virtude escondida
Por aqui mais por ali...

FAUSTO

¡Alto lá, senhor pedante!
Não têm lugar neste instante
Seus *axiomas moraes*;
E digo-lhe simplesmente
Que, si antes da madrugada
Não estiver conquistada
A seductora innocente,
Entre nós dois nada ha mais,
Fica o *dito por não dito*.

MEFISTÓFELES

¡Seria muito bonito!...
Pois não, não tem mais que ver...

Deixa-te de fantasias,
Vê bem o que vais fazer :
Pois só para escogitar
Opportuna occasião
Preciso de quinze dias.

FAUSTO

Ora esta! ¿pois então
Si eu quizesse me cançar
Em passar á toda hora
Por casa duma senhora,
Iria ao Diabo pedir
Que me viesse ajudar?

Meu amigo, seduzir
Todos podem, uma vez...

MEFISTÓFELES

Tu falas como um francez;
Mas, por quem és, tem paciencia :
— ¿De que servira esfolhar
Aquella flor de innocencia,
Sem antes disso aspirar
De seus pudores a essencia?

E melhor, primeiramente,
Hoje — mandar-lhe um presente,
Amanhã — uma cartinha
Em fino papel velino ;
Depois — uma poesia,
Dizendo que o teu destino
E... ora, — uma ladaínha
De augústias e de agonia;

Pois, hoje em dia, as donzellas,
Rindo do homens constantes,
Só querem ter por amantes
Tolos heróes de novellas.

Depois... será mais gostoso
O breve instante do goso
Vendo-a em teus braços rendida,
Trémula, langue, sem vida...

FAUSTO

Mas isso não é preciso,
Pois não me falta appetite...

MEFISTÓFELES

Agora, sério; permitte
Que eu seja franco: o juizo
E a timidez da pequena,
São dois pássaros de ferro
Sobre um ninho de pellucia...
Não minto, doutor, nem érro,
É preciso muita astucia:
Não é assim ás carreiras
Que se transpõe taes barreiras.

FAUSTO

Pois bem, dá-me alguma cousa
Desse thesouro, ¡ que anceio!
Conduze-me onde repousa
Esse anjo... de seu seio
Quero o perfume subtil,
Uma fita que lhe ornasse...
A liga que lhe estreitasse
O seu joelho gentil...

MEFISTÓFELES

Para te convencer de que te servir quero,
Levar-te ao quarto seu, hoje, sem falta, espero.

FAUSTO

¿Vêl-a-ei? ¿será minha?

MEFISTÓFELES

Oh! isso não! por certo
Ha de estar co'a visinha; e, como fica perto,
Na próxima ventura então esperançado
Poderá meditar — onde ella tem sonhado.

FAUSTO

¿E é já? podemos ir...

MEFISTÓFELES

Qual! inda é muito cedo.

FAUSTO

Pois vai ver um anel que lhe sirva no dedo,
Ou outra qualquer joia, emfim algum presente
Que eu lhe possa levar e agrade essa innocente.

Sae

SCENA IV

MEFISTÓFELES

¿Já presentes quer dar? então é certa gloria;
¡Palmas ao meu herôe que vai cantar victoria!
Mais de um thesouro occulto ha, sob a terra, eu sei...
E um de arromba entre os taes de certo encontrarei.

QUADRO II

ÁS AVE-MARIAS

SCENA I

Quarto pequeno, modestamente adornado. Uma porta ao fundo e outra ao lado, defronte de uma janella. Uma mesa, a commoda e o leito, com cortinado. Uma cadeira de braços á cabeceira do leito e um espelho sobre a mesa.

MARGARIDA

(Canta, entrançando o cabello)

O que eu não dera
Par conseguir
Saber o nome
Desse senhor,
Que quiz, na rua,
Me confundir,
Com doces phrases
Cheias de amor!

Era tão bello,
Tão elegante,
Que sangue nobre
De certo tem;
Ah! si elle fosse
O meu amante...

¡ Não invejava
Ninguem, ninguem!

Sai pela porta lateral e fecha-a por fora á chave

SCENA II

FAUSTO, MEFISTÓFELES

MEFISTÓFELES

Entrando pelo fundo, pouco depois

De vagar, de vagar, não faças bulha...

FAUSTO

Sim; mas deixa-me só.

MEFISTÓFELES

(Examinando os moveis

Não é qualque mulher que no seu quarto
Nem deixa ver o pó!

(Sai)

SCENA III

FAUSTO

Volvendo os olhos em redor

¡ Crepúsculo suave! tu, que a medo
Transpões os penetraes deste recinto,
Enche a minh'alma de transportes longos,
Fala ao meu coração de coisas mansas.

¡ Santuario da cândida innocencia,
Nicho de Amor, altar da minha Santa,

Templo da Virgindade! ¡como tudo
Respira aqui repouso, ordem, pureza,
Castidade e ventura!
¿Acaso eu sonho?
Na pobreza a abundancia, a luz nas trevas
E no cárcere — a bemaventurança!...

(Senta-se na poltrona junto ao leito.)

Tu, que os braços abertos sempre tinhas
Aos seus progenitores, acolhendo-os
Em horas de alegria e de tristeza,
Acolhe-me tambem entre teus braços.

Parece-me estar vendo loira chusma
De crianças gentis, rindo, travessas,
Em redor deste throno da familia...

Talvez aqui, outr'ora, a minha amada,
As festas do Natal agradecendo,
Rubra de pejo e rubra de alegria,
Um beijo respeitoso depuzesse
De seu trémulo avô na mão rugosa.

¡Donzella! o teu espirito, tão rico
D'ordem e vigilancia, eu sinto agora
De leve sussurrar por meus ouvidos...
¡Amo-te, muito, muito!...
Si quizesses
Eu seria teu mestre: e te ensinava
A fazer o *crochet*, mover os bilros,
Estender a toalha sobre a mesa.

E depois... e depois, ¡de areia d'ouro
Cobrira a terra que teus pés pisassem!

Tens a varinha de condão no dedos,
A vara do varão das Escripturas
Que conduzira á terra promettida
O povo de Israel; poder divino
De certo tens: pois fazes de uma choça
Paraiso terrestre, Eden bemdito.

E ali... e ali...

(Descerra uma cortina do leito)

¡Tremo de goso!
Passar quizera a minha vida inteira
Nesse ninho encantado de virtudes.

Ali... a Natureza, em sonhos leves,
Aos pálidos clarões de um luar triste,
Formou o serafim baixado á terra;
Ali adormeceu, criança ainda,
E, sujeita ao mysterio indecifravel
Que transforma a chrysálida em phalena
Ou o botão em rosa, a imagem d'anjo
Aos poucos se perfez, ficou completa.

(Indignado comsigo mesmo)

¿Mas, que é que tenho em mim? ¿Que estranho effeito
Sinto agora no íntimo dest'alma!?...
¿Que espero aqui? ¿por que tão apressado
Bate o meu coração dentro do peito?...
¡Não te conheço ja, misero Fausto!

¿Dar-se-á, por ventura, que eu esteja
Numa gruta de fadas peregrinas?
—Desejos sensuaes aqui trouxeram-me:

E no entanto me engólfo embevecido
Em platônicos sonhos amorosos...

¿E si ella aqui surgisse de repente?
¡Bem caro pagarias tanto arrojo!
O homem, grande e forte, nesse instante
Cahiria a seus pés — pequeno e fraco.

SCENA IV

FAUSTO, MEFISTÓFELES

MEFISTÓFELES

(Entrando apressado, da porta do fundo)

Depressa, ella ahi vem... vamos, caminha

FAUSTO

Vamos. ¡Aqui não voltarei mais, nunca!

MEFISTÓFELES

Toma este estojo, mette-o na gaveta;
Assim que ella o abrir — ficará tonta
Ao ver tantas coisinhas primorosas,
Capazes de vencer até as santas...
Crianças são crianças... e, tu sabes,
Brinquedos são brinquedos...

(Abre o estojo e mostra-o de relance)

FAUSTO

Sim; mas, temo,
Não sei se deva...

MEFISTÓFELES

¡Deixa-te de historias!
Salvo si queres p'ra teu uso as joias;
Neste caso, aconselho ao teu bestunto
Que não me roube o tempo com massadas:
Mas... não te tinha em conta de egoista.

Guarda o estojo na commoda

Vamos, que ella não tarda; ¡anda, depressa!
Ora, canço-me em vão, quebro a cabeça,
Só para conquistar-te a rapariga.
E tu ficas ahi... — como o menino
Que não quer ir á escola, ou como o lente
Que tem de leccionar sociologia...
¡Vamos d'ahi!

Sahem precipitadamente pelo fundo

SCENA V

MARGARIDA

Entrando pela porta do lado, com um castiçal na mão

Está tão abafado,
Tão quente este meu quarto...

Põe o castiçal sobre a mesa e abre a janella

E no entretanto
A noite vai bem fresca la por fóra.

(Passeia, agitada)

Não sei o que é que sinto... ¡Quem me dera
Que minha Mài hoje estivesse em casa!
Corre-me um calefrio... tenho sêde,

Tenho medo... ¡ Pareço uma criança !

(Canta, despindo-se)

Houve em Thule um rei outr'ora
Que até morrer foi constante:
Dera-lhe uma taça a amante,
No momento de expirar;
E elle a presava tanto
Que nas horas de alegria
Sempre que nella bebia
Deixava o pranto rolar.

Seus palacios e cidades,
Nos momentos derradeiros,
Dividiu pelos herdeiros,
Sem a taça a nenhum dar.
Depois, sentando-se á mesa,
Reunida a côrte em massa,
Mandou erguer a vidraça
Que deitava para o mar.

Levanta-se, a muito custo,
Empunha a taça, e suspira ;
Vai á janella e a atira
Ás ondas, que vêm e vão...
Viu-a cahir... demorou-se
A ver o mar, arquejante...
Passado um ligeiro instante
— ¡Cahia morto no chão!

(Abre o cômmoda, parar guardar as véstes e vê o estojo)

¡Uma caixa de joias!? ¿ É possivel ?
Mas, si estou certa de a deixar fechada,
¿Como venho encontra-al aquí mettida?
Só si foi por encanto... Com certeza

Minha Mãi emprestou qualquer quantia,
Recebendo-a em penhor. Eis a chavinha
Pendente duma fita, vou abril-a.

(Põe o estojo sobre a mesa e abre-o)

¿Mas que é isto, meu Deus? será verdade?!
Um adereço tal, que as moças ricas
Invejariam nos festins da côrte;
Um collar, um anel, duas pulseiras,
Brincos... ¿De quem serão tão ricas joias?

(Enfeita-se e vê-se ao sepelho)

Si fossem meus, ao menos, estes brincos...
Meu Deus! não sou a mesma: ¡como as joias
Embellezam a gente!... Mas, coitada,
¿De que serve a belleza a quem é pobre?!
De nada: os homens dizem, hoje em dia,
Que a belleza é o ouro; ante uma rica
Deliram de paixão, morrem de amores...

E diante duma pobre, como mudam:
Por compaixão dirigem-lhe uma phrase.

¡Ai de nós — que nascemos na pobreza!

QUADRO III

PASSEIO ARBORISADO

SCENA I

FAUSTO, MEFISTÓFELES

(O primeiro passeia, pensativo, de um para o outro lado; entra o segundo)

MEFISTÓFELES

¡Quanto amor esperdiçado
Neste planeta abrazado
Pelas chammas infernaes!
Quem me dera mais desgraças,
Para soltar pelas praças
Blasphêmias sacerdotaes...

FAUSTO

¿Por que estás tão emburrado?
Pareces um cão damnado
Latindo á luz do luar.

MEFISTÓFELES

¡Torcessem-me antes o rabo!
Hoje, si eu não fosse o Diabo,
Aos Diabos ia me-dar...

FAUSTO

¿Mas que houve de extraordinario?
¿Armaram-te algum processo?
¿Respingaram-te agua-benta?
¿Por que torces tu a venta,
¿Que pareces um possesso?

MEFISTÓFELES

Ora vê: — o adereço
Que levei á Margarida,
Foi cahir nas mãos dum padre,
Que logo o deu á *comadre*.

A tola da rapariga,
Em vez de as joias guardar
Debaixo do seu colchão,
(Nem mesmo sei como o diga)
Assim que a mãi chega em casa
Passa a mostral-as. A velha,
Mais quente do que uma braza,
Suspende-a por uma orelha
E, depois de ter batido
Com o pé — que parecia
Querer esmagar o chão,
Manda as joias ao vigario:
¡Para dal-as *em seu nome*
Á Senhora do Rosario!

Ja vês que o que me consome
Não é qualquer bagatella.

Mal anoitece, vai *ella*
Á casa do reverendo,

Que (afrontando indigestões)
Então estava comendo
Uns gordurosos pirões...

Conta-lhe a velha a maneira
Porque a coisa fôra achada
Numa cômmoda fechada
No quarto da feiticeira...

O vigario — que é vigario —
Lança mão do breviario
E rezando e se benzendo,
Com a santa hypocrisia
Da velha theologia,
Desta fórma lhe falou :

— « Louvado seja o Senhor
Que vos fez pensar tão bem ;
¿Julgais que não me assustou
Ver um *traste* de valor
Surgir, sem se saber como,
Na alcova de vossa filha?

« ¡Virgem Santa! ¡e como brilha
Aquelle ouro exquisito!...

« Metal assim, tão bonito,
Não é da terra... Por isto
Sobre meus hombros eu tomo
A tarefa de o benzer,
Afim de em breve poder
Ádornar a Mãi do Christo.

« So os santos e a igreja
Têm o poder de engolir
As riquezas confiscadas,
Sem risco no digerir ».

FAUSTO

So os santos e a igreja?!
Não concordo, meu amigo :
Pois entre os burguezes, veja
Que é isso costume antigo.

MEFISTÓFELES

Concordo. E sem mais aquella,
Bracellete, aneis, collar
E os brincos da nossa bella,
Escaparam do altar...
¡Para serem pelo padre
Offerecidos á *comadre!*

FAUSTO

¿E Margarida, que me dizes della?

MEFISTÓFELES

Pobre donzella ¡como pena e soffre!
Pensa num moço que a seguiu da igreja...
Quer que elle seja quem levara o cofre...

E assim, os dias e a noite inteira,
A feiticeira, a suspirar, sosinha,
Não é a mesma : — já seu terno peito
Sente o effeito de uma dóse minha...

FAUSTO

¿Não vês? eu soffro, por saber somente

Que essa innocente tem por mim soffrido.
Vai ja, depressa, vêr um outro adereço,
De duplo preço ¡de valor subido!

MEFISTÓFELES

Pois não! ¿assim se leva tudo ao cabo?

FAUSTO

Não sejas Diabo *d'agua doce*, corre,
Anda, soccorre quem por ti appella:
Vê outras joias para a pobresinha,..
Vai á visinha perguntar por ella.

MEFISTÓFELES

O mau é que estás seguro...
Vai descançado, que juro
Tudo fazer num instante.

(Fausto sai)

SCENA II

MEFISTÓFELES

Um tonto assim namorado
É capaz de ser levado,
No delirio das conquistas,
A querer queimar na rua
Estrellas e sol e lua...
¡Fara dar á sua amante
Somente um fogo de vistas!

QUADRO IV

NA CASA DA VISINHA

SCENA I

MARTHA

Deus proteja o meu marido,
Si bem que elle, além de ser
Pouco docil p'ra a mulher,
Ande alegre e distrahido,
Viajando a seu prazer;
Tambem eu nunca pesada
Fui-lhe ainda, além do que...
Sou senhora muito honrada,
¡Ja se vê!

([illegible])

Bem pode ser que morresse
Longe de mim... ¡que afflicção!
Ah! — si ao menos eu tivesse
Do óbito a certidão...

SCENA II

MARTHA, MARGARIDA

MARGARIDA

(Entrando apressada, [illegible])

¡Senhora Martha!

MARTHA

¿Que ha,
Minha bella Margarida?

MARGARIDA

Venho aqui, sorprehendida
Por achar de novo la
Uma caixinha de ébano
E joias como por ca
Entre nós não ha tão bellas.

MARTHA

Os meus parabens... ¡olá!
¿Quer um conselho de amiga?
Pois á mamãi nada diga,
Si a menina não quer vel-as
Em poder do confessor...

MARGARIDA

(Dando o estojo a Martha)

Olhe, veja : — ¡que primor!

MARTHA

(Enfeitando Margarida)

¡Venturosa creatura!

MARGARIDA

Mas, que sorte negra e dura :
Não posso ao passeio usal-as
E nem á missa leval-as...

MARTHA

¿Por que não?... Vem amiúdo
Ter commigo, que o mais tudo
Arranjaremos então;
Olha, acceita o meu conselho:
Por hoje — vê-te ao espelho,
Que sentirás doce enleio;
Quando houver occasião,
Em qualquer festa ou passeio,
Pouco a pouco, com vagar,
Irás mostrando-as... assim,
Primeiro pões o collar,
Depois os brincos; e a mim
Cabe a missão de fazer
A mamãi se convencer...

MARGARIDA

Mas ¿quem seria a pessôa
Que trouxe as joias, visinha?
Ás vezes, tenho receio
Que não seja coisa bôa...

Batem á porta

Jesus! Jesus! Si é a minha
Pobre Mãi...

MARTHA

Espreitando para fóra

Um estrangeiro.
Entre quem é.

SCENA III

MEFISTÓFELES, MARTHA, MARGARIDA

MEFISTÓFELES

Oh! senhoras!
Perdoai-me, si bati
Á vossa porta, e aqui
Sem mais ceremonia estou...

(Curva-se com respeito diante de Margarida)

D. Martha é quem procuro.

MARTHA

Sou eu. ¿Que quer o senhor?

MEFISTÓFELES

(Baixo, á Martha)

Ja a conheço, é bastante;
E, coma aqui neste instante
Ha tão distincta visita,
Eu me retiro, permitta,
Logo á tarde voltarei.

MARTHA

(A' Margarida)

Que engano, filha, o senhor
Pensa que és uma fidalga...

MARGARIDA

Engana-se; sou bem pobre;

Este ouro que me cobre
Não é meu...

MEFISTÓFELES

Não é somente
O ouro; mas, os seus gestos,
Os seus olhares honestos,
¡Tudo enfim é soberano!

MARTHA

(A' parte)

¡Como é versado o magano!

(Alto)

É lisonjeiro, senhor...
Mas, si me faz o favor,
Queira falar.

MEFISTÓFELES

É fatal
A nova que venho dar-lhe;
Mas ¿que fazer? occultar-lhe
Não o devo; e por meu mal
Logo a mim, infelizmente,
Coube a pungente missão
De ferir-lhe o coração
Dizendo que seu marido...
Sim... que seu marido... não...

MARTHA

¿Morreu?!... ¡Morto, o meu querido!
Oh! sorte, ¡tu és um raio
Que me fulmina! Eu desmaio...

MARGARIDA

Ai!... Socegue!... ¿Que fazer?

MEFISTÓFELES

Ouça-me ainda um instante,
Pois tenho mais a dizer.

MARGARIDA

É por isso, minha amiga,
Que eu não quero amar ¡ morria,
Si me morresse algum dia
Meu marido ou meu amante!

MEFISTÓFELES

Mas veja, que onde ha espinhos
É signal que existem flores :
São desta vida os caminhos
Feitos de alegria e dores.

MARTHA

Conte-me tudo, prosiga,
Fale-me delle, do meu...

MEFISTÓFELES

Jaz em Pádua o corpo seu.

MARTHA

¿E não tem o senhor mais nada a me dizer?

MEFISTÓFELES

Um pedido me resta ainda a lhe fazer :
E que mande dizer trezentas missas por

Descanço de sua alma.

MARTHA

¿E nada mais, senhor?

MEFISTÓFELES

Estão os bolsos meus vasios totalmente;
Já vê, minha senhora, o mais... infelizmente...

MARTHA

[dinheiro
¿Que diz?! Nem um presente, um chale... ¿E o
Que durante a semana ajunta o jornaleiro?
Ah! tola que fui eu: passando privações,
Me individando, até...

MEFISTÓFELES

Nas fortes convulsões
Da morte, arrependido, ouvi-o murmurar
A custo o nome seu, depois...

MARGARIDA

Hei de resar
Por alma do infeliz. ¡Misérrimo do homem,
Que sempre neste mundo as máguas o consomem.

MEFISTÓFELES

Ja vejo que a menina é bôa, além de linda;
Faça um bom casamento.

MARGARIDA

É muito cedo ainda.

MEFISTÓFELES

Si marido não for, que seja um namorado :
¡ É tão bello um casal passar de braço dado!

MARGARIDA

Porém isso, entre nós, não se costuma vêr.

MEFISTÓFELES

Costume, ou não costume, é facil de fazer.

MARTHA

Continúe, senhor.

MEFISTÓFELES

Estive á cabeceira
Do seu leito de morte : era uma velha esteira
Pouco melhor que esterco ou palha pôdre. Á boca
Chegava um CHRISTO morto; e com a voz ja rouca
Agradecia ao céu... Oh! ¡ inspirava horror
Ouvil-o então dizer quanto era peccador!...
]dições...
Dizia : — « Eu já não vejo... ai!... não me amal-
A ti, minha mulher, peço que me perdões... » —

MARTHA

(Chorando)

¡ Pobre do meu marido! eu lhe perdôo... sim!...

MEFISTÓFELES

Dizia elle : — « A culpa é della e não de mim ». —

MARTHA

[illegible]

¡Mentira! ¿Pois ousou mentir até á morte?!

MEFISTÓFELES

Elle estava em delirio e num delirio forte.
Si eu victima não sou d'algum engano, e a minha
Memoria me não trai, dizia que não tinha
Tempo pr'a divertir-se; e que era necessario
Fazer filhos, depois — ir procurar salario
Para dar-lhes o pão; e deste nem podia
Comer tranquillamente um naco, uma fatia.

MARTHA

¡Ingrato! vejam so do que elle se lembrava!
Do que me fez soffrer de certo não falava;
Aposto até que nunca elle falou, senhor,
De mim... Qual! ¡esqueceu de todo o meu amor!

MEFISTÓFELES

Pelo contrario, até o tinha bem presente. ¡vente
— « Quando sahi de Maltha », accrescentou : « fer-
Reza enviei ao céu por filhos e mulher;
E o bom céu se dignou meus rogos attender.
Pois o barco em que eu vinha, apenas avistou
Dos turcos um baixel, feliz o assaltou :
Do Sultão o thesouro elle trazia... e eu
Recebi meu quinhão... »

MARTHA

¿Mas onde elle o metteu?
De certo o enterrou. Tenho uns presentimentos...

MEFISTÓFELES

¡Saibam la onde agora o têm os quatro ventos!
Quando, em Nápoles, inda estranho caminhava,
Uma joven mulher, linda que enfeitiçava,
Delle se enamorou com tal desprendimento
Que elle lhe consagrou seu derradeiro alento.

MARTHA

¡Infame! vil! ladrão! ¡ladrão dos filhos seus!
¡Nem a fome, a miseria, os soffrimentos meus
Puderam atalhar seus passos infernaes!

MEFISTÓFELES

Mas, pagando co'a vida elle pagou de mais.
Si eu estivesse agora em seu logar, havia
De me cobrir de luto um anno, mas, no dia
Em que findasse o anno... ah! nem um so instante
Esperaria mais : — ainda é moça... galante...

MARTHA

Receio não achar, senhor, outro marido
Como foi o primeiro... É certo que insofrido
Ficava alguma vez, mas — só quando bebia;
Fóra disso, não tinha outro vicio; gostava
Das mulheres dos mais... e quando não ganhava
Ao jogo, é que insultava até o proprio Deus...

MEFISTÓFELES

Mas, confesse, ande lá : si *os poucos* vicios seus
Perdôa ao seu marido, assim como ás crianças,
Podemos desde ja trocar as allianças...

MARTHA

¿O senhor fala sério?

MEFISTÓFELES

(A' parte)

¡Arre! ¡si não acabo
É capaz de pegar pela palavra o Diabo!

(A' Margarida)

E o seu coração... ¿é livre? — ¿anda soffrendo?

MARGARIDA

¿Que quer dizer com isso? Eu não o comprehendo...

MEFISTÓFELES

(Comsigo mesmo)

Tu ¡innocente! tu...

(Alto)

¿E Fausto, que me espera?
Adeus, senhoras.

MARGARIDA

Vá com Deus.

MARTHA

Mas, eu quizera
Possuir um attestado, ou outra qualquer prova
De que elle morto está: o número da cova,
Uma coisa completa, a folha ou a diario
Onde esteja o seu nome entre o obituario.

MEFISTÓFELES

Sim, tem toda a razão; porém, dita a verdade
Pela boca de dois — prova-se a identidade.
Eu tenho um companheiro; é um discreto amigo,
E está prompto a jurar. Si quer, virá commigo.

MARTHA

Trazei-o, por favor.

MEFISTÓFELES

Pois bem; mas eu espero
Vir encontrar aqui esta menina: — quero
Que o meu amigo veja o rosto com que sonha
Em suas noites de exilio.

MARGARIDA

Eu, não; tenho vergonha.

MEFISTÓFELES

¡ Modesta violeta !

MARTHA

Olhe, ande e traga-o, sim,
Que estaremos, á noite, á espera — no jardim.

QUADRO V

DIÁLOGO AO RELENTO

SCENA UNICA

FAUSTO, MEFISTÓFELES

FAUSTO

¿ Como vai o negocio ? ¿ A coisa tem demora ?

MEFISTÓFELES

Ora graças, que vens em muito bôa hora :
Em breve será tua a Margaridasinha,
Que nos espera á noite, em casa da visinha.
Oh ! Martha é a mulher expressamente feita
Para servir ao Diabo ! a tudo ella se ageita.

FAUSTO

¡ Bravo !

MEFISTÓFELES

Mas, um favor vais me fazer.

FAUSTO

¡Tratante!

Um serviço vale outro.

MEFISTÓFELES

Irás, como viajante,
Attestar que morreu em Pádua e lá repousa
O homem de quem Martha era (e inda é) esposa.

FAUSTO

Mas... ¿é mister fazer uma viagem antes?!

MEFISTÓFELES

¡Qual!... Podemos fazer isso em alguns instantes:
Darás um juramento apenas — e acabou-se.

FAUSTO

Si não ha outro meio, o plano mallogrou-se.

MEFISTÓFELES

Não tinha mais que vêr... ¿Faltando so tão pouco,
Desanímas? ¡És mesmo um santo... de pau ôco!
¿Queres me convencer de que jamais, amigo,
Alevantaste um falso? Essa não é commigo.
¿Não terás definido os astros, o Universo? [verso?
¿Não tens falado em Deus? ¿Nunca escreveste um
Inquire a consciencia... e acorda-a, que ella dorme.

FAUSTO

És um grande sophista, um mentiroso enorme.

MEFISTÓFELES

Conheço-te, é bastante. Eu sei perfeitamente
O quanto a humanidade é *franca* e *innocente*...
Demais ¿tu, amanhã, não vais jurar amor
Á casta Margarida? ¿Então, caro doutor,
Que me responde? vá, diga-me ¿sim ou não?...

FAUSTO

Sim, vou jurar-lhe amor — ¡ de todo o coração !

MEFISTÓFELES

¡ Bonito ! Na verdade é bello, sériamente,
Esse impulso *ideal*, sublime, omnipotente.
Mas, ora vamos la, chegue-se á discussão :
¿ Isso tudo afinal — será do coração ?

FAUSTO

Basta. ¡ É, e será !... Si eu sinto dentro d'alma
Esta chamma voraz, que lavra e não se acalma,
Esta cratera aberta, esta tormenta em furia,
Mixto de castidade e mixto de luxuria...
E si não acho um nome, um nome por que possa
A mim proprio explicar o que de mim se apossa,
¡ O ! não ! ¡ isto é immenso, é infinito, eterno !
¿ Será a lava atroz dum dos vulcões do Inferno ?

MEFISTÓFELES

Mas — ¡ eu tenho razão !

FAUSTO

Pois bem ; olha-me, escuta :
Polêmicas evito e furto-me á disputa.
Sei que quem quer falar e tem lingua afiada
Tudo pode alcançar, mesmo sem querer nada.
E, ja que estou disposto a conservar-me mudo,
Venceste. Além do que... ¡ eu devo estar por tudo !

QUADRO VI

JARDIM

Margarida de braço com Fausto, Martha com Mefistófeles. Quando um par désce, o outro sobe lentamente, passando sob as árvores do fundo.

SCENA I

FAUSTO E MARGARIDA

MARGARIDA

A vossa delicadeza
Confunde-me... Sim, quem anda,
Sempre duma a outra banda,
A viajar, — se contenta
Com o que se lhe apresenta,
Mostrando-se complacente.
Lamento sinceramente
Que as minhas phrases singelas
Firam os vossos ouvidos,
Tanta vez embevecidos
Pela linguagem das bellas.

FAUSTO

Anjo! a um so dos teus olhares,
Uma palavra, um sorriso,
Abrem-se, á luz dos luares,
As portas do Paraiso!

Deste mundo a vã sciencia
E as grandezas sociaes
¡ Não valem tanta innocencia,
Tantos dons angelicaes!

(Beija-lhe a mão)

MARGARIDA

Meu Deus! como ousastes beijal-a?
Si é tão áspera e grosseira...
Passando a semana inteira
A trabalhar todo o dia,
¿ Como ter mãos delicadas?
Minha Mãi, entre as poupadas,
É poupada em demasia.

(Passam)

SCENA II

MEFISTÓFELES, MARTHA

MARTHA

Então, vós viajaes, senhor, constantemente?

MEFISTÓFELES

Minha sorte é cruel, terrivel, inclemente;
Ninguem inda quiz ler as paginas sombrias
Da minha negra historia, a lenda dos meus dias.
Eu posso vos dizer o que é sentir saudade
Da familia e do lar: ¡ e, só, na immensidade
Do oceano sem fim, lembrar que além, distante,
Bate talvez por nós um coração amante!
Não é só neste porto, em que meu lenho ancóra,
Que eu quizera ficar até morrer, senhora...

MARTHA

Na flor da juventude é doce viajar ;
Quando essa quadra passa, é util descançar.
Demais, si a morte, vindo, o encontrar solteiro,
Com que dor baixará ao leito deradeiro ! ?...
¿ Nunca pensou na morte ?

MEFISTÓFELES

As vezes ; no entretanto
Nunca me impressionou e nem me causa espanto
De certo anda por longe...

MARTHA

Eu sou de opinião
Que deve acautelar-se : ha tanto coração...

(Passam) .

SCENA III

FAUSTO, MARGARIDA

MARGARIDA

Sim, mas dos olhos distante,
Distante do coração...
Sois delicado bastante,
Um pródigo em galanteios ;
Eis por que sinto receios
De vos ter enfastiado
Com minhas palavras rudes.

FAUSTO

¡ Meu anjo ! meu bem amado !

¡ Meu thesouro de virtudes!
¡ Luz, em que est'alma se inflamma,
Cofre cheio de innocencia!
Acredita, o que se chama
Engenho e intelligencia
Ás mais das vezes não passa
De estupidez mera e crassa.
Loucura! é tudo vaidade,
Ouropeis da sociedade.

MARGARIDA

Que diz?!...

FAUSTO

¿ Pois a singeleza
Poderá reconhecer
Seu valor? Anjo! Deidade!
Com o Amor, a Natureza,
— Boa Mãi cheia de extremos,
Concede dois dons supremos:
A modestia e a humildade.

MARGARIDA

Confiando no que escuto,
Peço-vos que um so minuto
Penseis em mim, quando ausente;
Pois eu a todo o momento
Terei o meu pensamento
Junto de vós...

FAUSTO

¡ Innocente!
¿ E muitas vezes costumas
Em casa estar so?

MARGARIDA

Algumas...
Apesar de não ser grande
O nosso arranjo caseiro,
Sempre é preciso que eu ande,
Ás vezes o dia inteiro,
Com elle preoccupada.

Olhe : não temos criada,
Faço o comer, varro e coso,
E caminho a toda hora,
Para dentro e para fóra,
Até horas de repouso.

Minha mãi é exigente :
Não é tal nossa pobreza
Que se viva amargurada ;
Podíamos com certeza
Viver á nossa vontade,
Melhor do que muita gente
Que frequenta a sociedade.

A minha paterna herança,
Si não me deu abastança
Nem grandezas, inda assim
Deixou-me num arrabalde
Uma casa com jardim.

Mas, eu sei ; não é debalde
Que mamãi é exigente ;
Ella sempre diz que a gente,
Quando não tem que fazer,
E capaz... Jesus ! —

Meu mano
Assentou praça.

Ha um anno
Que morreu minha irmanzinha :
Tão bonita, coitadinha !
¡ Tão boa ! Nem o senhor
Imagina quanto amor
Eu votava á minha Bella !
Si eu era quasi a mãi della...

FAUSTO

¿ Comtigo era parecida ?

MARGARIDA

Era.

FAUSTO

¡ Um anjo, Margarida !

MARGARIDA

Foi creada nos meus braços,
Do meu collo não sahia,
Eu passava noite e dia
Dando-lhe beijos e abraços.

Viera ao mundo, coitada,
Assim que papai morreu ;
Minha Mãi, desesperada
Por esse golpe, esqueceu
Que tinha filhos pequenos
E quiz morrer...

Muito mal

Esteve; mas, afinal,
Foi as forças recobrando,
A todos nós dispensando
Os seus maternos carinhos.

Ainda assim, não podia
Amamentar a filhinha;
Eis por que eu, noite e dia
Com ella ao collo, lhe dava
Leite com agua, e velava
O seu somno a noite inteira
Assentada á cabeceira
Do bercinho...

FAUSTO

¿Ante esse throno
Eras bem feliz, no entanto?

MARGARIDA

Ah! mas zangava-me tanto
Quando, no melhor do somno,
A pequenina acordava!
Levantava-me da cama,
Que nem que fosse uma ama,
A mamadeira aquentava,
E si então ella chorava,
Pelo quarto passeava
Até clarear o dia.

Vestia-me então e ia
Fazer compras ao mercado,
E de la para a cozinha,
A preparar a comida...

Mas, ¡ vivesse a pobresinha,
Embora dobrasse a lida!

SCENA IV

MEFISTÓFELES, MARTHA

MARTHA

A mulher, infeliz, tem o peior partido:
A custo um solteirão nós vemos convertido...

MEFISTÓFELES

Uma mulher, qual sois, de certo bem podia
Idéas expender de muito mais valia.

MARTHA

Dizei-me, com franqueza, ¿ ainda até agora
Não cahistes prostrado aos pés duma senhora?
¿ O vosso coração é livre?

MEFISTÓFELES

Como o vento.
E veiu-me um ditado agora ao pensamento
Que diz: « um lar que é nosso e uma boa esposa
Valem mais do que ouro e pér'las ».

MARTHA

Uma cousa,
¿ Não desejastes nunca?...

MEFISTÓFELES

Eu sempre tenho sido
Por todos e em qualquer logar bem recebido.

MARTHA

Eu ia perguntar si amastes algum dia,
Se distante daqui...

MEFISTÓFELES

« Ninguem (meu pai dizia) :
Atreva-se a querer pensar numa senhora »...

MARTHA

Não me faço entender...

MEFISTÓFELES

Lamento, pois agora
Ia vendo que, além de um' alma bem formada,
De espírito subtil, senhora, sois dotada.

(Passam)

SCENA V

FAUSTO, MARGARIDA

FAUSTO

Perdôa-me, ¡ eu sou um louco!
Nem me conheceste, ha pouco,
Quando entrei neste jardim.

MARGARIDA

¿ Não viste? ¿ não viste, não?
¿ Pois não te lembras que assim
Que appareceste, eu, corando,
Puz os meus olhos no chão?

FAUSTO

Bem vi; estava brincando...
Mas, olha, ¿já perdoaste
Aquella minha ousadia
De, quando por mim passaste,
Interromper o teu passo
E te offerecer meu braço?

MARGARIDA

Eu fiquei muito admirada
¡E pudera! com razão:
¡Pois si nunca inda me havia
Succedido coisa igual?!
Mas, embora embaraçada,
Sem saber o que pensar,
Eu não te queria mal;
Ao contrario, um não sei quê
Fez-se até sympatisar
Com essa tua franqueza.

(Baixa os olhos)

Fiquei zangada... commigo...
Por não ter sido comtigo
Mais severa... sim, porque...

FAUSTO

¡Meu anjo, meu doce amor!

MARGARIDA

Ora bem, deixa-me ver...

(Apanha um malmequer e arranca-lhe as petalas uma por uma, fallando baixo.)

FAUSTO

¿ Vais ramalhetes fazer?
¿ São para mim?

MARGARIDA

Não, senhor;
Estou apenas brincando...

FAUSTO

¿ Mas como?

MARGARIDA

Deixa-me agora,
Que de mim caçoarias.

(Continua a arrancar as pétalas, falando á meia voz)

FAUSTO

¿ Que dizes? não ouço, ora...

MARGARIDA

(A meia voz)

Mal me quer e bem me quer...

FAUSTO

¡ Rosto angélico, divino!
¿ Que estas ahi a dízer,
Que eu não te posso entender?

MARGARIDA

¿ Quem manda não ter mas tino?

(A' meia voz)

Mal me quer... bem me quer... ¡ Ama-me !

(Arranca a ultima petala com alegria.)

¡ Sim ! bem me quer ! Olha : chama-me
Tua. ¿ Ja viste ? ¡ Eu sou tua !

FAUSTO

Seja testemunha a lua
Deste santo juramento,
E um oráculo divino
O que te disse essa flor.

MARGARIDA

¡ Creio nella e em ti ! Espero...

FAUSTO

Ella disse que eu te quero :
¿ Tu sabes o que é o amor ?

(Aperta-lhe as mãos.)

MARGARIDA

¡ Tremo de gozo !...

FAUSTO

¡ Innocente !
Os nossos dedos trançados,
Nossos olhares parados
Nesta mudez eloquente,
Que digam, nessa linguagem
Encantada, indecifravel,
Que nas estrellas é lume
E que é nas flores perfume,
O quanto é doce, inefavel,

Da lua ao frouxo clarão,
Ouvir-se apressadamente
Palpitar um coração
Que por nós delirios sente!

(Margarida aperta-lhe as mãos, quer desprender-se-lhe dos braços e tenta fugir. Fausto, conservando-a sempre contra o peito, fica um momento pensativo)

Ai! eu quizera, arroubado
Ao teu olhar innocente,
Adormecer enlevado...
¡ E sonhar eternamente!

QUADRO VII

CARAMANCHÃO

SCENA I

FAUSTO E MARGARIDA

MARGARIDA

(Entra apressada; occulta-se por traz da porta e espia pela fresta.)

Ahi vem elle...

FAUSTO

¡Mãsinha!
¿Não vês que sou teu amigo?
Nem me cedes um carinho...

(Beijo.)

MARGARIDA

(Beija-o e prende-o nos braços.)

És um pombo, eu a rolinha;
Vem abrigar-te commigo
Aqui dentro deste ninho.

(Fausto entra e fecha a porta.)

SCENA II

OS MESMOS, MEFISTÓFELES, MARTHA

(Mefistópheles bate à porta)

FAUSTO

¿Quem é?!

(Bate com o pé)

MEFISTÓFELES

Amigo.

FAUSTO

¡Estúpido!
¿Que vens fazer, cobarde?

MEFISTÓFELES

Vamos, é tempo, ¡avia-te!

MARTHA

Sim, meu senhor, é tarde.

FAUSTO

(Abrindo a porta)

Porém, si permittíseis-me
Que vos acompanhasse...

MARGARIDA

(Apparecendo)

Não; minha Mãi zangava-se
E era capaz... ¡Oh! Vá-se...

FAUSTO

Forçoso é separarmô-nos,
Não ha remedio... ¡Adeus!

MARTHA

Adeus.

MARGARIDA

Até mais vêrmo-nos...
Adeus!

FAUSTO

¡Adeus!

MEFISTÓFELES

(Baixo, rindo-se)

¡Romeus!...

(Sai, com Fausto)

SCENA III

MARGARIDA, MARTHA

MARGARIDA

(Comsigo mesma)

Meu Deus! ¿o que não ha de agora estar pensando
Esse moço de mim?
Com elle, de tal fórma eu vou me embaraçando
Que digo a tudo — *sim*...

E em vão estou buscando
Saber como é que o pude apaixonar assim?!...

QUADRO VIII

FLORESTA NA SOLIDÃO

Luar encoberto. Relámpagos sangrentos cortam o horisonte escuro. O vento, uivando, sacode as árvores altas. Cavernas e uma cascata, ao fundo, que se despenha de um rochedo.

SCENA I

FAUSTO

(Meditando, encostado ao tronco de uma árovre)

Graças ao teu influxo, ó Sêr Eterno,
Quando as bocas do Inferno
Sopram o fogo vivo das paixões,
Ascendem para os céus
Da virgindade os castos corações,
Envoltos inda em transparentes véus.

Ao teu olhar de Pai, que o Sol reflecte,
Palpita a Natureza :
¡ E a grande voz Universal repete
Teu poema de força e de grandeza!

Sinto-me o Rei da Creação, batendo
As azas ideas do pensamento;
¡ E vou sondando e vendo
Na flor, que dura apenas um momento,

Nos abutres, que vivem tantos annos,
Na treva densa, no clarão fulgente,
A profundez eterna dos arcanos
Do Sêr Omnipotente!

. . . .
. . . .

Eu entendo a linguagem mysteriosa
Das coisas em silencio... E unindo as mãos,
Levanto-as para o céu, ¡vendo que a rosa,
O verme, o vento, e o sol — são meus irmãos!

(A tempestade recresce de violencia. O vento arrebata um pinheiro

Quando os trémulos braços da tormenta
Lançam as grandes árvores por terra,
E do mar na barranca invia e barrenta
Vão rolando, de rojo, roucamente,
Como o ribombo dos canhões de guerra,
Retumbando medonha e surdamente...

(Parando á boca de uma caverna)

Eu penetro no ventre das cavernas,
Tranzido de terror, mudo de espanto;
¡E desvendo o mysterio sacrosanto
Das cóleras eternas!...

(Fausto desapparece no fundo da caverna. Mefistópheles desce, no meio de um relampago, e esconde-se ao fundo. Cessa a tormenta e a lua brilha fulgurante. Fausto reapparece).

Passou a tempestade:
A lua bate em cheio na floresta;
¡E o meu peito palpita de saudade,
Emquanto a Natureza acorda em festa!...

(Passeia)

Não tenho um só momento
De paz completa e gozo verdadeiro.
¡ Sempre no pensamento
Esse fatal, sombrio companheiro,
Que com sinistros modos
Zomba de tudo, a escarnecer de todos!

¡ Aquelle tenebroso scepticismo,
Esse descrer daquillo em que mais creio,
Cavam-me no mais íntimo do seio
Insondavel abysmo!

(Apparece Mefistófeles)

SCENA II

FAUSTO, MEFISTÓFELES

MEFISTÓFELES

Com que então ¿ está cançado
Da vidinha que levamos?
Não nos temos encontrado
Desde que nos separámos....

É bom, la de vez em quando,
Descançar um bocadinho;
Sempre uma sesta em caminho
Vai as forças restaurando.

Mas, aqui, onde nos vemos,
No meio dum matagal,
De certo não acharemos
A *pedra philosophal*...

FAUSTO

¿Sentes prazer em tentar-me
Nas poucas horas de paz?

MEFISTÓFELES

Apresso-me em retirar-me,
Uma vez que assim lhe apraz.

Ando a quebrar a cabeça,
Tudo isso por lhe agradar...

FAUSTO

¿E esta? o Diabo a me tentar,
¿E ainda quer que lhe agradeça?

MEFISTÓFELES

¿Estarias hoje aqui,
Filho do barro e do nada,
Si esta sombra condemnada
Não andasse atraz de ti?

Si eu não declarasse guerra
A tão loucas fantasias,
Lembra-te que hoje estarias
Podre e no fundo da terra.

Ouvindo-te, vejo agora
Que, por mal de alguns tormentos,
Ainda tens um fragmentos
Do velho sabio de outr'ora.

FAUSTO

¡Nem chegas a sonhar, misérrimo, que vida,

Qué força tenho aqui na solidão haurido!
Si o soubesses, com a mente em fogo consumida,
Darias pelo ar mil voltas sem sentido...

MEFISTÓFELES

(Irônico)

¡ Faço idéa, doutor! Deve ser delicioso
Andar á noite, á chuva, aos gorgolhões do vento,
Procurando no azul um astro luminoso,
Colhendo, húmida ainda, a flor de um ramo bento.

Erguer o pensamento, em azas invisíveis,
Á região dos sóes, á esphera constellada
Onde cantam em côro uns sêres indizíveis
Por entre os anjos nus da legião sagrada...

Andar o dia inteiro em scismas sempre absorto
Querendo resolver ás tontas um problema;
Como o nauta que em vão procura ver um porto,
Emquanto o temporal em alto mar o algema.

Ruminar surdamente *a obra dos seis dias*
Procurar como cego isso que eu nunca vi,
Julgar-se irmão do mar, primo das ventanias...
Neto não sei do que...

FAUSTO

¡ Retira-te d'aqui!

MEFISTÓFELES

Pois não, caro doutor. Discute sabiamente;
Nem tinha outra resposta a dar mais convincente

(Sorrindo)

Mas, ande lá, escute : a gente, a se illudir,
Vive ás vezes feliz, mentindo por mentir;
Mas querer convencer a propria consciencia...

Fausto mostra-se agastado

Basta; não é mister tamanha impaciencia.

Muda de tom

¿Sabe? A nossa pequena
Não se esquece um instante do doutor;
Aquillo até faz pena...
¡Pobre ingenua! é tão puro e vehemente
O seu primeiro amor,
Quanto é fria do sabio na lembrança
A idéa vaga da gentil criança...

O Sêr Omnipotente
Bem podia entretel-a nesta ausencia,
Disfarçando as agruras da saudade
Com beijos castos de ideal carinho...
¡O doutor, que imprudencia!
¿Como é que deixa assim livre o caminho?

Hontem, por lá passando, distrahido,
Ella estava á janella;
Tinha o olhar nostálgico embebido
Na casa da visinha...
Oh! ¡como eu achei bella
A cândida rolinha!
Cantava, suspirando... e desse canto
Da merencória moça
Guardei na mente, como por encanto,
Esta quadrinha, ouça :

« Quem me dera ser um pássaro,
Para onde quero ir voando...
— Podia formar as azas
Das penas que estou penando! »

E...

FAUSTO

¡ Basta, cão tinhoso! si querias
Tentar-me apenas, conseguiste tudo;
¡ Não atires sarcasmos e ironías
Ao silencio fatal dum surdo-mudo!...

MEFISTÓFELES

Está bem, está bem; ¿ mas finalmente
No que ficamos nós?
Não esqueça que a tímida innocente
Ficou chorando a sós...

FAUSTO

Mas si eu a trago sempre na lembrança,
Si della não me afasto um so momento...

MEFISTÓFELES

Sei tudo isso, doutor, mas a criança
Que tambem sempre o traz no pensamento,
Lê por outra cartilha; além do que...
¿ Entende-me, não é?

Quando penso que em lyricas manhãs
Andava o meu heróe, por entre flores,
Os effluvios sorvendo de uns pudores...
Faminto a farejar duas maçãs...

(Aponta para o seio)

FAUSTO

¡ Basta ! ¡ Entrego-me a ti ! Estou disposto
A não retroceder nem mais um passo :
¡ Si ante o abysmo ella voltar o rosto,
Hei de arrastal-a pelo fragil braço !

QUADRO IX

QUARTO DE MARGARIDA

SCENA UNICA

MARGARIDA

(So, cantando, a trabalhar)

Socego, paz e calma,
Foram-se, sem eu ver...
Sinto gelada a alma,
¡E o coração a arder!

Meus olhos, não o vendo,
Não vêem nada mais;
O mundo, não o tendo,
¡Enchia-o com meus ais!

Sinto a cabeça tonta
Turva-se me a razão...
¡De agudo espinho a ponta
Me rasga a coração!

Socego, paz e calma,
Foram-se sem eu vêr...
Sinto gelada a alma,
¡E o coração a arder!

Quando á janella chego
E não o posso olhar,
Saio, em desasocego,
Procuro-o sem parar...

Os principes invejam
O seu aspecto, sim;
¡ E os olhos — que lampejam,
E os labios — de carmim!

¡ Que mimos, que segredos,
Que coisas de ensantar,
Quando me aperta os dedos,
Quando me quer beijar!...

Socego, paz e calma,
Foram-se sem eu vêr...
Sinto gelada a alma
¡ E o coração a arder!

Em vão quero a seu lado
Viver sosinha... ¡em vão!
¡ Trazia-o apertado
Bem junto ao coração!

¡ E quantos, quantos beijos
Havia de lhe eu dar?!...
Matando os meus desejos,
¡ Podiam me matar!

QUADRO X

ENTRE FLORES

SCENA I

FAUSTO, MARGARIDA

MARGARIDA

¿Tu promettes, Henrique?

FAUSTO

O que estiver em mim.

MARGARIDA

Quero saber si tu adoras Deus... assim,
Em dúvida, eu padeço. És nobre e generoso,
Mas creio que não és la muito religioso...

FAUSTO

Não falemos mais nisso, eu peço-te. É bastante
Que saibas como sou extremamente amante.
¡Por ti eu dera o sangue e além do sangue a vida!
E deixo a cada qual crenças e fé, querida.

MARGARIDA

Porém isso não basta : — é necessario crer.

FAUSTO

¿ Pensas, então, assim ?

MARGARIDA

Pudesse eu merecer
Alguma coisa mais, cessavam meus tormentos;
Não respeitas nem mesmo os Santos Sacramentos!

FAUSTO

Respeito-os.

MARGARIDA

Mas sorrís quando eu faço promessas...
Á missa nunca vais... ¿ Por que não te confessas?
¡ Vocês, os homens de hoje, imitam os atheus!
¡ Não sejas tu assim, Henrique! — ¿ Crês em Deus?

FAUSTO

¡ Criança! ¿ E pensas tu que existe alguem que possa
Dizer « Eu creio em Deus »? Si á consciencia nossa
Inquirimos tal coisa, olha : si o perguntares
Ao sabio, ao sacerdote, aos livros, aos altares,
Á terra, ao mar, ao céu, á Natureza, a tudo :
Tudo ha de rir de ti... ¡ ou conservar-se mudo!

MARGARIDA

¿ Então, nao cres em Deus?

FAUSTO

Não interpretes mal
Minhas palavras ¡ anjo! Era ousadia igual
Áde un nome lhe dar, negal-o, ou affirmal-o.

. . . .

Pois quem tudo creôu, contém, espalha, anima,
Está aqui... além... mas longe, em baixo, á cima,
¿Não ha de se animar e se expandir tambem?
¿A abóbada do céu não vês arqueada além?
¿Não é sólida e firme a terra aos nossos pés?
¿Os astros, a fulgir, no vasto azul não vês?
¿Não sentes meu olhar profundo reflectir-se
No teu sereno olhar? ¿tua alma confundir-se
Com a minh'alma, absorta, em èxtasis sublime
Que o peito comprehende e o labio não exprime?
¿Não ha um não sei quê, perenne, intraduzivel,
Um mysterio — que até parece ser visivel —
A te impellir p'ra mim e a me attrahir p'ra ti?
¿Não sentiste por mim o que eu por ti senti?
¿Não enche isso a tu'alma? ¿E não se inunda então
Num mar de sentímento o nosso coração?...

Quando sentires, pois, a um tempo esses prazeres,
Dá-lhes um nome, sim, chama o que tu quizeres:
— *Ventura, Coração, Delícia, Deus, Amor!* —
O nome pouco importa; é apenas um rumor;
É fumo, que se eleva, em transparentes véus,
Procurando toldar a limpidez dos céus.

MARGARIDA

É bello o que disseste e brando como a aragem;
O padre fala assim, porém noutra linguagem...

FAUSTO

tudo fala assim: — os nossos corações
Dizem-no á cada instante em fortes pulsações;
O mar diz pelo vento, o astro pelo lume,

A ave pelo canto, a flor pelo perfume...
¿ Como não hei de eu fazer o mesmo?

MARGARIDA

Ainda
Não estou satisfeita; é na verdade linda
A maneira por que falas ao coração,
Mas, sincera não é : tu não és bom christão...

FAUSTO

¡ Meu doce amor!

MARGARIDA

Si tu soubesses que agonia
Me punge a alma ao vêr-te andar em companhia...

FAUSTO

¿ De quem?

MARGARIDA

Desse individuo, a quem eu não conheço,
Que vejo a todo o instante ¡ e que tanto aborreço!...
¿ Queres saber? pois olha ¡ ainda neste mundo
Nada me abriu no seio um golpe tão profundo
Como a sua figura odiosa e repellente!

FAUSTO

Não tenhas medo delle assim tão sériamente.

MARGARIDA

Ferve-me o sange todo ao vel-o ao pé de mim;
No entanto, com os mais, não me acontece assim;
E quanto mais estar perto de ti desejo,
Mais longe quero vêl-o : e quasi sempre o vejo!

Parece um homem mau, sarcástico e sombrio...
¡ Perdoai-me, meu Deus, si injusta o calumnío !

FAUSTO

Neste mundo, meu bem, nem todos são iguaes.

MARGARIDA

Nem um instante so eu quero te vêr mais
Ao seu lado. Si elle entra em qualquer parte, é olhando
Com raiva... como que de tudo zombeteando...
Vê-se logo que nada o satisfaz... ¡ Que horror !
De certo que a ninguem pode inspirar amor.
Todo o prazer que tenho ao vèr-te a sos commigo,
Não vale a dor que sinto ao vêl-o andar comtigo.

FAUSTO

Preságios infantis, meros presentimentos.

MARGARIDA

Preságios... ¡ sabe Deus ! São taes meus soffrimentos
Quando elle está comnosco, ao ponto de eu chegar
A me esquecer de ti... ¡ ter medo de te amar !
Nem sonhas que crueis anceios me consomem ;
¡ Eu nem posso rezar ao pé daquelle homem !
Não sou a mesma, ja, desde a hora em que o vi :
¿ Não te acontece, Henrique, a mesma coisa a ti?...

FAUSTO

Votas-lhe antipatia, anjo dos sonhos meus.

MARGARIDA

Ja demorei bastante ; agora... ¡ vou-me, adeus !

FAUSTO

¿ E quando me será dado
Repousar em doce calma,
Peito a peito, alma com alma,
Em teu seio immaculado?

MARGARIDA

Si eu dormisse so, podia
Deixar hoje a porta aberta;
¡ Mas, si minha Mãi desperta
E dá comnosco... eu morria!

FAUSTO

Toma este frasco : somente
Tres gotas num copo d'agua,
Podem curar nossa magua,
¡ Encantadora innocente!

Mal tua Mãi o beber
Pega num somno profundo.

MARGARIDA

¿ O que é que neste mundo
Por ti não hei de fazer?

¿ Mas não causa grande abalo?
¿ Não corre risco nenhum?...

FAUSTO

¿ Si houvesse perigo algum,
Eu ousava aconselhal-o?

MARGARIDA

Quando eu estou a te ver
Até me esqueço de mim...
E tanto ja fiz, assim,
Que nada ha mais por fazer.

(Beija-o e sai)

SCENA II

FAUSTO, MEFISTÓFELES

MEFISTÓFELES

(Entrando)

Ja se foi a innocente...

FAUSTO

¿Estavas espreitando?

MEFISTÓFELES

Lisonjeado fiquei, devéras, escutando
As palavrinhas della... ¿Então, poude o Amor
Catechisar tão cedo o meu gentil doutor?
Bom proveito lhe faça, é todo o meu desejo;
As pequenas, pilhando o mais ligeiro ensejo;
— Livre-se quem puder — servem-se de taes artes,
E com subtis apartes
Cortam as discussões, de fórma que afinal
Deixam um pensador com cara de boçal:
E, com gesto infantil e meigo olhar tranquillo,
Dizem la: « Dando *isto*... alançarei *aquillo*... »

FAUSTO

¡ Monstro ! ¡ infame ! ¿ Pois tu não viste como, ha [pouco,
Aquelle anjo (nem sei como não ficou louco !)
Soffria — por julgar não ter mais salvação
O ente que mais ama ?

MEFISTÓFELES

¡ És mesmo um paspalhão !

FAUSTO

¡ És um mixto de treva e fogo e lodaçal !

MEFISTÓFELES

¡ E que physionomista... a pura, a virginal ?!
Arde-lhe *um não sei quê* ao vêr-me, e a consomem
Estranhas afflicções... julga-me um *lóbis-homem*...
Por isso, olha-me assim... sempre de cara torta...
Ja sei, doutor, que logo, á noite...?

FAUSTO

¿ Que te importa ?
¿ E que tens tu com isso ?

MEFISTÓFELES

Oh ! si me faz favor...
Compartilho tambem dos gostos do doutor.

QUADRO XI

NA FONTE

SCENA I

MARGARIDA, ELISA

(Com os seus cântaros)

ELISA

¿Que ouviste dizer de Bárbora?

MARGARIDA

Sempre em casa, ¿que hei de ouvir?

ELISA

Pois uma Sibylla disse-me
Que se deixou illudir...

¡Vê no que dão as basófias...
Vê o que são presumpções!

MARGARIDA

Não te comprehendo, explica-te...

ELISA

¡Causa nojo!... ¿Pois suppões

Que ella inda enche o estômago
Com alimento p'ra um so?

MARGARIDA

¡Ah!...

ELISA

Quem vai á chuva molha-se...
Pois si *elle*, como um *totó*,
Dia e noite acompanhava-a,
Passeiavam ao luar...
Em bailes, em espectáculos,
Juntos sempre a se mostrar...

¡E que vinhos *elle* dava-lhe!
Doces, confeitos, pasteis,
Mimos, beijos e carícias...
Agora — ¡murchos laureis!...

MARGARIDA

¡Coitada!

ELISA

¿Inda sentes lástima
Dessa douda?... Quando nós
Á noite, ao serão estávamos,
Elles andavam a sós...

Quem, sob as escuras árvores,
Deixava o tempo correr,
Faça agora penitencia,
Humilhe-se; é seu dever.

MARGARIDA

Elle de certo desposa-a.

ELISA

Elle não foi tôlo, não;
Atrás de novas delicias,
Foi-se, partiu.

MARGARIDA

¡ Que vilão !...

ELISA

Muito embora ella casasse-se,
Os moços da aldeia e nós
Á porta lhe atirariamos
Palhiço e cascas de noz.

(Enche o cántaro, que põe na cabeça, e sai)

SCENA II

MARGARIDA

(Voltando para a casa, com o seu cántaro cheio)

¿Como é que tambem d'antes
Eu tanto censurava
A moça que chegava
A se perder ?... Até
Palavras não achava
Para accusal-a ¡e ia,
Com a raiva que sentia,
Sorrir-me della ao pé !

Agora... eis-me chegada
Ao mesmo precipicio...
Mas ¡ por que doce escada
Desci ao chão do vicio!...

QUADRO XII

MUROS DA CIDADE

SCENA UNICA

Uma imagem da Senhora da Dores, sobre um nicho. Jarras com flores.

MARGARIDA

(Ajoelhada, de mãos postas)

¡Ó Virgem dolorosa!
Acalma este penar;
Envia á peccadora desditosa
O teu benigno olhar.

Tu, que sabes o que é uma afflicção,
Tu, que sentiste as carnes trespassadas
Pela lámina fria das espadas
Que tens no coração...
Tu, que viste o Teu Filho extremecido
— Entre a terra e o Céu — mudo, pendido
Dos braços duma cruz...
¡Ó Virgem dolorosa!
¡Envia á peccadora desditosa
O teu olhar de luz!...

¡Perdòa-me, si venho, delirante,
Levantar neste instante
As mãos a ti e a Deus!
Mas tu tambem ergueste, supplicante,

Os olhos para os céus,
¡ Nesse fatal momento
Em que Jesus soltou o extremo alento !...

¡ Que dor que me atormenta !
As lágrimas que est'alma afflicta chora,
¡ Ninguem as viu, Senhora !
— Somente tu as vês !...
No oceano de um peito, onde ha tormenta,
Não ha mortal que sonde a profundez.

Não posso, não me é dado
Riscar da mente este fantasma eterno...
¡ É um Satanaz do Inferno !...
Si sonho, ¡ eil-o — ao meu leito debruçado !
Corro, assustada : e — mudo — me persegue...
¡ Anda com minha sombra... atrás de mim !
Sempre ¡ sempre me segue...
Como o Remorso a perseguir Caim !...

Estas flores que espalho
Aqui nas jarras de teu nicho santo,
Estão húmidas, sim, mas não de orvalho :
¡ Molhei-as com meu pranto !...

A fresca luz da límpida alvorada,
Mal transpõe da janella o parapeito,
Ja me encontra, assentada no meu leito
Em prantos debulhada...

¡ Acalma o meu penar,
O Virgem piedosa !
¡ Envia á peccadora dolorosa
O teu benigno olhar !...

FLORES DO PAMPA

A' MEMORIA DE BENJAMIN VILLAS-BOAS

I

FLORES DO PAMPA

A minha amante, a Musa, outr'ora uma criança
Franzina, delicada, anêmica e nervosa,
Que cantava ao luar uma canção saudosa,
Falando-me de amor, de crença e de esperança;

Ella, que teve um dia (espléndida lembrança)
A idéa de vestir saiote cor de rosa:
¡E num ágil corcel — valente e gloriosa —
Foi dar aos generaes exemplos de pujança!...

A indígena, a cabocla, a virgem das florestas,
Que dormia ao mormaço as langorosas sestas,
E ia banhar-se ao mar, saltando duma rampa;

Aos louros dos heróes e ás corôas das Ophélias
Prefere uma ideal grinalda de bromélias, [178]
Bellas flores do Sul, bellas *Flores do Pampa*.

II

O PAMPA

O Pampa é um mundo novo, o Eldorado
Das chymeras de um cérebro beijado

Por colúmbeas visões!...
Tem immensas planicies viridentes,
Limpidos lageados transparentes,
Inhóspitos rincões.

No tôpo das cochilhas verdejantes,
Os pinheiros athléticos, gigantes,
Vigorosos e nus,
Abrem os braços — destendendo os galhos,
Talvez pedindo ás noites mais orvalhos...
Aos dias menos luz.

São elles as perdidas sentinellas,
Que annunciam a vinda das procellas,
Á vanguarda dos céus;
Como mastros de naus bem arvoradas,
Resistem dos pampeiros ás rajadas,
Em plenos escarcéus.

Naquelles solitários descampados,
Outr'ora os indios fortes, bronzeados,
Os indígenas nus,
Envergavam os arcos, disparando
As settas, que voavam, sibilando,
Atraz dos urubús.

E as caboclas, morenas e lascivas,
Ao pôr do sol ficavam pensativas,
Choravam sem querer...
Talvez lembrando os juvenis guerreiros,
Que, a ficar noutras *tabas* prisioneiros,
Preferiam morrer.

Foi aqui que os Farrapos invencíveis
Escreveram poemas indizíveis,
Que traduzir não sei;
Quando de Trinta e Cinco os lutadores
Tentaram esmagar uns vis senhores...
E um despótico rei.

¿ Nunca viste um Gaúcho soberano,
Mais rápido que o vento minuano,
O régio vendaval ?...
Elle transpõe cochilhas e canhadas,
Sôlto o pala dos ventos ás rajadas...
No dorso do bagual.

Vou descrever os usos e costumes
Dos meus pagos nataes, sem ter ciumes
Das outras regiões :
O Pampa é um mundo novo, o Eldorado.
Das chymeras de um cérebro beijado
Por colúmbeas visões.

III

CREPÚSCULO MATINAL

Quando a luz d'alva desata
Rubras fitas pelo azul,
Chora lágrimas de prata
O firmamento do Sul.

Os pingos d'agua, trementes,
Caindo sobre as canhadas,

— Essas pérolas algentes
Do colar das madrugadas ;

Os frios globos de orvalhos,
Como uns rosarios de luz,
Desfiam-se pelos galhos,
As folhas e os troncos nus.

E brilham, de manhã cedo,
No verde manto dos campos,
Como em sombrio arvoredo
Cardumes de pyrilampos...

Saem as aves dos ninhos,
Saem as sombras do val;
¡ Na orgia dos passarinhos
Rompe a orchestra matinal !

Nos rincões ou nas quebradas
As feras buscam abrigo,
Como tropas debandadas
Por exército inimigo.

¡ E o sol, eterno vaidoso,
Abre as janellas do ar...
E vai mirar-se garboso
Na superficie do mar !

IV

A SESTA

No meio dos ares, brilhante e ardente,
Embala-se em rêde de chispas — o sol...
Esconde-se a sombra, medrosa, tremente,
Por baixo dos galhos...
Que á mingua de orvalhos
Aguardam sedentos o vir do arrebol.

Á sombra excitante, serena e tranquilla,
Das árvores altas do sul do Brasil,
Erguidos os braços, cerrada a pupila,
Formosa morena
Dormita serena,
Sorrindo, opiada, num sonho gentil.

Tão nua... ¡e tão bella! tão cheia de encantos,
Provoca lascívias em tal languidez!...
As pálpebras tremem, humentes, sem prantos...
E em câimbras de goso
Seu corpo nervoso
Dá saltos felinos por mais de uma vez.

Sem medo e sem vestes, os seios trementes,
Os labios convulsos nas áncias do rir;
Si soltam as aves seus cantos dolentes,
Os braços agita...
Seu peito palpita,
Mas, vendo que é nada, sorri-se, a dormir.

E dorme, sonhando, tão bella e tão calma,
Qual fada das lendas do povo allemão,
Que a um principe loiro, roubando-lhe a alma,
Se entrega rendida...
¡ E dorme, esquecida,
Por mezes, por annos, por séculos, em vão!

Seus negros cabellos, compridos e olentes,
Agitam-se aos sopros dos genios do ar...
E vêm-lhe ao ouvido, de manso, plangentes,
Os écos perdidos
Dos longos gemidos
Que soltam os ventos da banda do mar.

Mas, ah! que a araponga soltou no arvoredo
Seu grito estridente, metálico... então,
A pálida moça, tremendo de medo,
Em casto receio,
Com as mãos cobre o seio;
¡ E os negros cabellos cairam-lhe ao chão!...

Para uma lagòa, que perto corria,
Dirige seus passos, tranzida de horror;
Ao pe do salgueiro, que á margem se erguia,
A agua faz bulha...
Seu corpo mergulha...
E... ¡escondem as aguas thesouros de amor!

V

DESEJOS

Quando aos trémulos raios do crepúsculo
Penetro a sos na solidão das mattas,
Ao marulhoso múrmur das cascatas
Que rolam das pedreiras colossaes,
A legião fantástica das árvores,
De galhos retorcidos para os ares,
Assim como uns gigantes seculares
Dia e noite afrontando os temporaes;

Faz-me lembrar, não sei por que mystério,
Os guerreiros das tribus indianas,
Que tinham nas florestas as cabanas
E nas cabanas a cabocla em flor;
Ai ¡ flor morena dos vergeis da América!
Quem me dera poder (nem sei si o diga)
Desatar de tua perna a rubra liga,
Nos delírios de um ímpeto de amor!...

¡Que me dera embalar-me, nas vigílias,
Na rêde onde dormias ao relento,
Tendo por cortinado o firmamento
E por tapete as flores do vergel;
¡ Das estrellas ao vivo alampadário
Ver-te nua e medrosa em meus joelhos,
E nos teus labios quentes e vermelhos
Em beijos prelibar favos de mel!...

Comtigo, á claridão de um luar limpido,
Cortando na barranca uma taquara,
Com ella ir dirigindo a leve *ygara*
Do manso rio á superficie azul...
Cantando juntos as canções selváticas,
As lendas dessa raça, extinta agora,
¡ Lendas que o ceu da patria ouvia outr'ora
Do Prata ao Tocantins... do Norte ao Sul!

E depois, quando a lua e o silencio
Por alta noite povoassem tudo,
Ir pisando subtil, trémulo e mudo,
Para não despertar o piaga ancião...
— Lutando os meus desejos com os zéfiros
Que ousassem oscular os teus cabellos,
Ébrio de languidez, ébrio de zelos,
Levar-te nos meus braços ao sertão.

No centro mais sombrio e solitário
De uma gruta de galhos entrançados,
Onde outros corações apaixonados
Não batessem de amor, nem uma vez;
De rosas brancas desfolhando as pétalas
No capinzal, eu formaria o leito :
¡ Para dormirmos — peito contra peito —
Labio com labio, em lànguida mudez!...

Quando, aos trémulos raios do crepúsculo,
Penetro a sos na solidão das mattas,
Ao marulhoso múrmur das cascatas
Que rolam das pedreiras, com fragor,
Vèm-me então á lembrança, em vagos èxtasis,
Os guerreiros das tribus indianas,

Que tinham nas florestas as cabanas
E nas cabanas a cabocla em flor...

VI

VIAJANDO

É noite. As antas dormem á vontade
Na sombria mudez dos precipícios,
Emquanto além, os loucos sem hospicios
Mascam blasfemias contra a sociedade.

Aqui... na serra, longe da cidade,
O formigueiro túrgido de vícios...
No terreiro do rancho os meus patrícios
Descantam na viola, em liberdade.

Uma criança arteira, gorda e nua,
Vai, correndo e gritando, á luz da lua,
De um morcego seguindo as azas pretas.

Eu *sento* o meu cavallo... E ouço a grita
Com que entoam ao longe a *Chimarrita*
Aos metálicos guinchos das carretas.

VII

CHINOCA

(POEMA DA SERRA)

Quando a ave da noite abriu as azas.
Andunciando a hora do repouso,

Eu, que andava em viagem d'escoteiro,
Dei de rédea, a buscar seguro pouso.

Dormir a sos no campo, em noites frias,
Sem barraca, sem poncho e sem peães,
Exposto aos desertores e ás onças,
Sem ao menos uns tres ou quatro cães;

Fòra temeridade; e eu, que préso
Com todo o interesse a minha vida,
Preferi galopar mais légua e meia,
A passar uma noite mal dormida.

E toquei-me, no mais, cochilha fóra,
Não *sentindo* nem mesmo nas canhadas,
Sem medo de rodar entre a macega,
Onde as perdizes dormem socegadas.

Atravessando o passo, cujas aguas
Caiam duma ingreme pedreira,
Sombreadas por folhas verde-escuras
Da restinga, entrançada em capoeira;

Pela estrada-real segui, no tranco,
Resolvido a pedir uma pousada
Na primeira fazenda, ou mesmo sitio,
Que ficasse mais próximo da estrada.

Não tinha *troteado* quadra e meia,
Quando avistei, á esquerda do caminho,
Uma luz, que aos bocados se transforma
Numa fogueira á frente dum ranchinho.

Para ahí me tocando, á meia rédea,
À porteira soltei o : — « Ó de casa ! » —
(Tirei de traz da orelha o méu cigarro,
Lasquei fogo no isqueiro e fez-se a brasa).

Mal a porta se abriu, velho caboclo
« Chegue-se » murmurou em voz amiga ;
— E ouvi as vibrações duma viola
Que acompanhava os sons de uma cantiga.

Era uma voz alegre, clara e fresca,
Como a voz das crianças innocentes,
Dando a uns versos antigos e sem arte
Uns *trémulos* lascivos e dormentes.

Puxei o meu picaço pela rédea,
Levando-o para baixo da ramada ;
Desensilhei-o ahi, tirei-lhe o freio
E deixei-o na soga, em boa aguada.

O animal rinchou alegremente,
Sacudindo garboso as longas crinas,
Espojou-se na relva húmida e verde
E gachou-se a pastar pelas campinas.

Era uma noite fresca e constellada,
Como são sempre as noites estivais
Sob o azul — crivado de brilhantes
Das nossas regiões meridionais.

Como lanternas mágicas acesas
No sombrio recinto de um salão,
Faiscavam inquietos vagalumes
No recanto trevoso de um capão.

A mudez do noctivago silencio
Era d'espaço a espaço entrecortada
Por latidos monótonos e tristes
De cães, sôltos em torno da morada.

Era bem tarde já; porém os gallos,
Os lascivos sultões do gallinheiro,
Nem se lembravam de *rachar o bico*,
Encolhidos nas varas do poleiro.

Entrei no rancho : « Abanque-se, patricio »,
O caboclo me disse; e ao fogão
Indo logo buscar uma chaleira,
Encheu a cuia e deu-me um chimarrão.

Matteámos os dois, falando acerca
De coisas passageiras, meros nadas;
Nos potros que domara nesse dia,
Nos estragos das muitas enchurradas.

Falou-me de um rapaz dos arredores,
Que, por causa das últimas carreiras,
Dera algumas facadas no Manduca...
¡ O pobre do Manduca das Mangueiras!...

Contou-me que indo além, parar rodeio,
Encontrara uma vacas pesteadas,
Mas que iria cural-as das bicheiras,
Com umas benzeduras muito usadas.

Que tinha em seu piquete dois cavallos,
— Um malacara, o outro tobiano —
Com gafeiras, coerudos e com broeas,
Mais tristes do que um vento minuano.

Emfim, elle falou-me das miserias
Que perseguem os pobres criadores,
Que pra ter um churrasco sobre a cinza
Andam á chuva, ao sol e aos calores.

Tive pena do misero caboclo;
Consolei-o com frases corriqueiras,
E perguntei quem era que á viola
Cantava ali modinhas brasileiras :

« É minha filha » respondeu-me, e indo
Para a porta que dava pra a varanda :
« Chinoca » disse, « ¿escondes-te da gente?
¿Por que foste pra dentro? vem ca, anda ».

Pouco depois, o rosto mais mimoso
Que tenho visto em corpo de donzella,
Assomava, modesto, ingénuo e tímido,
¡ Tornando-a em seu enleio inda mais bella!

So co'a palèta mágica de Rubens,
Ou o pincel de Sanzio em mão de Apelles,
Eu pudera alinhar aquellas fórmas,
Pintar a maciez das suas pelles.

Havia em seu olhar, *quebrado* e húmido,
Um mar de aspirações indefinidas;
E nas túmidas pomas, meio nuas,
Viam-se jambos e romãs partidas.

¿Fugiu por minha causa? — Perguntei-lhe,
Fitando-a num assombro de sorpreza :
— Não, senhor; como um hóspede chegasse,
Fui fazer o café, que está na mesa.

Entrámos na varanda : era pequena,
Mas alegre, bem clara e arrejada ;
Tinha duas janellas pra o terreiro
E uma rêde num canto pendurada.

Sobre uma grande caixa retovada,
Capaz de acommodar uma baleia,
A carôna, o baixero e os pellegos
Formavam uma cama de mão cheia.

Depois, por travesseiro, um serigote,
Sob a cherga, enfronhada na badana,
Podia-se dormir a somno solto,
Mais a gosto que em lânguida *ottomana*.

Sobre a meza de pinho, sem toalha,
Tres tigelas de louça, um prato raso,
A chaleira por cima dum tijolo
E uns grãos de milho esparsos ao acaso...

A um canto, uma espingarda de dois canos,
Encostada á parede enfumaçada,
Donde pendia um verde polvarinho
E um chumbeiro de pelle retovada...

Taes eram os adornos resumidos
Daquella habitação, singela e pobre,
Onde um lindo tesouro de virtudes
A sorte confiara a uma alma nobre.

VIII

OS FARRAPOS

Montados em pingos fogosos, ligeiros,
Outr'ora os *Farrapos* aqui pelejavam;
Mais bravos, mais fortes que os rijos pampeiros,
Sem soldo e sem farda, valentes lutavam,
Montados em pingos fogosos, ligeiros.

De Bento Gonçalves aos sérios conselhos,
Puzeram em prática idéas de um Dante;
Com facas de ponta, trabucos e relhos,
Os régios soldados tocavam por diante,
De Bento Gonçalves aos sérios conselhos.

¡Lutaram dez annos!... Sedentos, com fome,
Descalços, despidos, por longe dos lares,
¡Sem beijos de amante, sem gloria e sem nome,
Expostos ao tempo por ínvios logares,
Lutaram dez annos, sedentos, com fome!...

Qual fera que morre no fundo de um ermo,
Sem prantos, sem resas, sem cova, sem nada,
De tantas façanhas heróicas ao termo,
Nem tu, Cruz do Cristo, lhes déste pousada...
¡Qual fera que morre no fundo de um ermo!

Assim como Ovidio chorava, exilado,
¡Ó fortes Gaúchos, valentes e guapos!
Sosinho vagueio, no Pampa isolado,

¡Carpindo o destino dos bravos *Farrapos*,
Assim como Ovidio chorava, exilado!

IX

NA ESTANCIA

De manhã cedo, quando as aves trinam
E a cerração nos descampados dorme,
Saltar de cima do lombilho e logo
Lavar o rosto na lagôa enorme.

Ir ao curral, e, mesmo na porteira,
Uma guampa beber de leite quente;
Sovar a palha e ir picando fumo,
A conversar com essa boa gente.

Ensilhar o matungo, ir, no tranquito,
Dar uma volta por aquelles pagos
E na venda mais próxima apeando
Cantar ao violão, tomando uns tragos.

Depois voltar ao rancho ou ao sobrado,
Tanto num como noutro ha boa gente;
E na rêde — suspensa de dois caibros —
Saborear um chimarrão bem quente.

Em seguida, na mesa da varanda,
Tendo a faca de ponta na bainha,
Deixar esta na cinta e com aquella
Comer gordo churrasco com farinha.

Dormir ao meio dia um somno á sesta,
Debaixo da ramada verdejante;
E despertar aos gritos do moleque,
Que annuncia a comida fumegante.

Jantar feijão com xarque, carne fresca,
Costelletas de porco, arroz da terra;
E após a sobremesa de cangica
Passear ao sol-posto pela serra.

Eis a vida que levam dia a dia
Os robustos e bons estancieiros,
Que, si têm luxo, é so na prataria
Com que arreiam os ágeis parelheiros...

¿ E a pescaria á noite? ¿ e as cantigas
De analphabeto e rude menestrel,
Que improvisa bons versos, sem que saiba
Nem escrever seu nome num papel?

¿ E os olhados gentis da mulatinha,
Que os dedos nos aperta ao dar o matte?
E depois... desfallece na viola,
Com saudades, talvez, d'algum mascate.

¿ E os sorrisos ingénuos da morena,
A quem chamam Chinoca ou Inhasinha?
¿ E as proesas dos moços caçadores?...
¿ E as historias da trémula velhinha?...

...Eu gósto dessa vida descuidada
Que passam nas estancias meus patricios;
Longe das multidões, longe dos vicios,
Aos lúgubres mugidos da boiada.

X

NO POUSO

Aqui... perdido na amplidão do Pampa,
Onde o Gaúcho no ginete vôa,
Mais veloz que de cima duma rampa
Uma pedra que cai numa lagôa;
Onde a modesta cruz de qualquer campa
Os mais heróicos feitos apregôa;
Onde outr'ora os Farrapos destemidos
Se bateram, ¡ sem nunca ser vencidos!...

Aqui — hamais encanto e poesia
Do que chega a sonhar a criatura:
Quer seja á luz esplêndida do dia,
Quer das noites na cor azul-escura;
A agua dos lageados, clara e fria,
A aragem das cochilhas, fresca e pura,
¡ Tudo emfim sob o céu do meu Rio-Grande
Falta á alma, que em èxtasis se expande!

À sombra dos angicos e figueiras,
Ou das grapiapunhas colossaes,
Onde dormem a sesta horas inteiras
Os tropeiros ao pé dos animaes,
Que, ou atados á soga, ou pelas beiras
Dos banhados, por entre os bamburraes,
Pastam tranquillamente, emquanto o dono
Sem cuidados se entrega a um leve somno;

Quantas lendas não dormem esquecidas,
Cobertas da poeira das estradas,
Quer sejam peripécias revestidas
Das mais trágicas scenas, borrifadas
Do sangue gotejante das feridas
Abertas pelas facas afiadas,
¡Quer sejam innocentes devaneios
De amantes corações, sensiveis seios!

...¿Que nuvem é aquella de poeira
Que em novellos se eleva da picada?...
É tão densa e cerrada a polvadeira,
Que eu não posso d'aqui descobrir nada...
Ah! lá vejo uma dona feiticeira,
Numa mula manhosa, estropeada,
Pouco adiante de um lindo ginetaço,
Que vem vindo do tranco no compasso.

Mais atraz, um andante, ja velhusco,
Aponta para ca, de tal maneira,
Que, si bem não m'engano, esse patusco
Vem de certo pousar nesta aroeira;
O seu pingo, da cor do lusco-fusco,
Si não é parelheiro, de carreira,
É de certo bagual de estribaria,
Pois cançado não 'stá da montaria.

Um *guri*, uma velha e um *bahiano*
Que, em vez de esc'ramuçar, soca cangica;
E um cargueiro, onde um negro, muito ufano,
Mostra uns dentes — que muita gente rica
Nem mesmo de um dentista americano
Conseguiria iguaes... ora, aqui fica,

Para que não me juntem aos massantes,
A descripção daquelles viajantes.

Eil-os que se aproximam... Desensilham
Os animaes, que soltam duma feita;
As pratas dos lombilhos inda brilham
Á frouxa luz do sol, que além se deita;
Uns procuram gravetos, já os pilham;
Aquelle outro ao esqueiro a pedra ageita,
Lasca fogo — o qual surge de vereda;
E á faisca succede a labareda.

Outro a chocolateira enche no rio,
Que á meia braça corre mansamente;
E a velha, que não ter nenhum fastio
Mostra — pela maneira diligente
Por que do *revirado*, mesmo frio,
Dá que fazer aos queixos habilmente,
Diz á morena: « Chega-te, Nhasinha,
Prova como é gostosa esta farinha ».

O monarca, que já ficou deitado
Sobre a carona, á sombra da figueira,
(Ao passo que o piá 'stá occupado
Em botar lenha á roda da fogueira)
Depois de haver a palha retovado,
Nos beiços a segura: e na carreira
Pica o fumo na mão, enrola a palha
E fuma, emquanto a velha come e ralha.

« ¡O negro! ¿ pois não vês que ja é hora
De fincar o churrasco nesse espeto? »
Diz ao misero escravo a má senhora.
Que tem raiva de tudo quanto é preto;

« ¡Anda! salta d'ahi... vê la si agora
Queres que va o pobre do meu neto
Fazer o teu serviço, ¡emquanto ahi
Ficas que nem um rei cheio de si?! »

Ja é noite cerrada. E eu, que tenho
De acordar ao raiar da madrugada,
Pois, si de longe, meu patricio, venho,
Não estou nem no meio da jornada;
Dou como terminado este desenho,
Que é singela paizagem esboçada
Das pinturas gentis de um mundo novo,
Onde ha monarcas, sim, ¡porém no povo!

XI

CANTO DO MONARCA

Eu sou o moço Gaúcho,
Valente como os mais guapos;
Filho e neto de Farrapos,
Republicano no mais;
Com o meu poncho de pala,
E laço e bolas nos tentos,
Vou mais ligeiro que os ventos
Por sangas e bamburrais...

O rei, montado no throno,
Tendo os ministros comsigo,
Não se compara commigo
No dorso do meu bagual;

Si élle é rei — eu sou monarca;
Si elle tem sceptro dourado,
Tenho relho prateado
E a cancha do meu punhal.

Por Deus e por minha vida,
Tenho uma vontade ardente
Que ainda outra vez rebente
Aqui — a revolução!...
Mostraria á *bahianada*,
Que treme, a morder cartucho,
Pra quanto presta o Gaúcho
Num pingo de opinião!...

De vez em quando apparece
Um *orador* que se arrisca,
E n'assembléa se prisca
Para a banda popular...
Mas sempre encontra quem logo
Comece a pellegueal-o,
Arme-lhe certo o pialo
E faça o bagual sentar!...

La no Rio de Janeiro,
Um *jornalista* de fama
Deixava tudo na lama...
¡ Barbaridade! — gritou....
Mas encolheu as orelhas
E deu-se por afrontado
No capão dum *consulado*,
Onde se aquerenciou...

¡ Epucha, mano! Parece
Que os sentimentos rodaram,

As creñças s'encurralaram...
E o povo — murcha o garrão;
Estropeado e maceta,
Empaca o patriotismo,
E anda no passo o cynismo
Por toda a povoação.

Eu, que sou moço largado,
Valente como os mais guapos,
Filho e neto de Farrapos,
Republicano no mais;
¡Hei de correr a rebenque
Os reúnos sem valia,
Que, para mais picardia,
São filhos de nossos pais!...

XII

AO VIOLAO

Morena filha da colúmbea terra,
Lírio da serra, onde a poesia dorme,
Ha nos teus labios muito mais frescura
Que na agua pura do lageado enorme.

Tu tens nos olhos mais fulgentes lumes
Que os vagalumes nas doiradas azas;
Como a phalena a voejar em flores,
Vais entre amores... ¡ e jamais te abrazas!

Ah! quem me dera nessas níveas pomas
Ébrio de aromas, desmaiar de goso...

¡Entre teus braços me prender de zelos
E em teus cabellos encontrar repouso!...

Morena filha da colúmbea terra,
Lirio da serra americana, ardente,
Tua voz, mais doce que o gemer da viola,
Tudo consola... ¡porque tudo sente!

Tu és o pouso, que o tropeiro errante,
Que anda distante de seus caros pagos,
Avista — á luz que no poente brilha —
Junto á cochilha, por detraz dos lagos.

Tu és mais bella do que a imagem santa
Que se alevanta no altar da igreja;
Tens mais mysterios do que a cruz divina
Que na campina, solitaria, alveja...

Morena filha da colúmbea terra,
Lirio da serra, onde medita o monge,
Pede-te um pouso, no teu seio amante,
O viajante — que chegou de longe.

XIII

GAUCHADAS

(A JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS)

Fui tomar ares fóra, ha quatro ou cinco mezes,
Na *estancia* de um amigo; e repetidas vezes
Toquei-me campo fóra e fui parar rodeio,
Montado em pingos taes, que nunca viram freio.

Eu ia, á toda a brida, á tôa, pelos Pampas,
Os touros apanhando a laço pelas guampas,
Repontar os baguaes, as éguas, os potrancos,
¡ Rodando nos cupins, saltando nos barrancos !

¡ Era um guasca largado! Ás minhas gauchadas
Diziam os peães : « Não é de caçoadas
Aquelle *doutorzito*, a meio abahianado...
¡ Por Deus, que é ginetaço e moço abarbarado!

Quer fosse na atafona, ou fosse na senzala,
Por sobre os hombros meus cahia em regra o pala ;
Prendia o meu cigarro á fita do sombreiro
E arrastava por gosto a espora no terreiro.

Nos fandangos, á noite, a china mais bonita
Olhava para mim — cantando a *Chimarrita* :
Si eu ia para a roda, então... ¡ barbaridade !
¡ Por Deus e um patacão, não era da cidade !

Duma feita, eu ja tinha atravessado o passo,
E estava retovando as bolas junto ao laço,
Quando vi, a banhar-se, uma chinoca airosa,
Lindassa como o sol, fresca como uma rosa.

Não sei o que senti ; parece-me somente
Que eu quiz abrir de raia e me tocar pra frente...
Mas — ¡ si os olhos gentis daquella tentação
Me manearam logo o triste coração !...

Prisquei-me para traz e refuguei pra um lado ;
Mas, ¿ como trotear — si eu estava pialado ?
A china aprisilhou-me uma olhadura terna...
Assim como quem diz : « Ja te passei a perna ! »

Embuçalou-me, a rir, e em tom de voz tyranno
Perguntou-me depois : « ¿ Perdeu-se o vaqueano? »
¡ Caramba ! eu via bem que aquillo era um desfrute,
Mas a gente, patricio, ás vezes, não discute...

. . . .

XIV

NOSTALGIA

(A OSCAR PEDERNEIRAS)

¡ Quem me dera trocar todos os nadas
Que me cercam a vida de illusões,
Pelas horas com *ella* deslisadas
Na paz das solidões !...

Você nem sabe como eu penso agora
Nesse tempo feliz, que não vem mais :
¡ Quem me dera poder andar lá fóra
Nos meus pagos nataes !

O rumor dos burguezes me ensurdece,
Enoja-me das turbas o vai-vem ;
Aqui... tudo definha e desfallece,
¡ Tudo revive — além !...

Além ! esta palavra em si resume
Campinas, virações e céu azul ;
E flores e lampyreos em cardume
Pelos vergeis do Sul.

Além !... andar, cantando, o dia inteiro,
Á sombra dessas árvores-titães :
Nas costas a espingarda e o chumbeiro,
Á frente uns quatro cães.

Mais tarde, á branda luz d'*ave-maria*,
Voltar contente ao rancho de sapé :
Comer um prato de coalhada fria,
Depois, matte, ou café.

¿ E os carinhos ingênuos da roceira
Que não sabe illudir quando quer bem,
E tem num corpo esbelto de palmeira
Um' alma de cecêm ? !

Dormir na rêde as sestas langorosas,
Nas horas do mormaço abrasador ;
Cantar ao violão trovas saudosas,
Cheias de muito amor...

Nas noites em que a lua pelo espaço
Vai desfiando pastas de algodão,
Andar, a sós com *ella* pelo braço,
Na sombra do sertão.

Voltar bem tarde ao rancho, onde na frente
A chamma da fogueira bruxoleia,
Sem medo de que a nossa confidente
Nos traia... a lua cheia...

A lua ! quantas vezes não chegava
A sua discrição — ao ponto de
Occultar-se na nuvem que passava,
Quando... ¡ veja você !

. . . .

Mas, deixemos a lua e tudo aquillo
Que nos possa falar ao coração,
E tratemos de quem viver tranquillo
Não soube, no sertão :

Eu tenho emagrecido de maneira
Que estou quasi na ponta... do *Cajú*...
Ja perguntou-me *alguem* : « Mucio Teixeira,
¿ Que é isso, que tens tu ? »

Por isso é que me diz constantemente
Meu amigo o doutor Lopes Trovão :
« Mucio, toma cuidado : andas doente,
« Trata-te, quando não »...

¿ Sabe la como arrasto esta existencia
Mettido aqui na Côrte ?... É como vê :
Chamam-me : *seu Doutor*, dão-me *excellencia*...
E não sei mais o que...

¡ Quem me dera trocar todos os nadas,
Que me cercam de fátuas illusões,
Pelas horas com *ella* deslisadas
Na paz das solidões !

XV

UBI BENE, IBI PATRIA

O sol, de manhã cedo, entra pelas janellas
Vivo como o fulgor dos olhos das donzellas.

Inquietos tons de luz, das árvores nas franças
Saltam de flor em flor, brincam como as crianças.

As nuvens pelo céu fogem afogueadas,
Como o gado a pastar solto pelas canhadas.

E as aves, a cantar, alegres, erradias,
Recortando o azul, vêm me dizer *¡ bons dias !*

¿ Como não hei de, pois, deixar dum salto a cama,
Si a natureza até parece que me chama ?

Tomo a minha espingarda, e vou, pelos caminhos
Palpitantes de luz, de frémitos, de ninhos,

Atraz duma cutia, em busca duma paca,
Com que dê que fazer á lámina da faca.

Monto a cavallo, parto, a galopar, á tôa,
Ora sobre a montanha, ora ao pé da lagôa.

Os ágeis cães de caça, esguios, atilados,
Fazem *s s* na frente... e latem, agitados.

Depois de errar assim, perdido pela selva,
Ato o cavallo á soga e deito-me na relva.

Fico um tempo perdido a construir em seismas
Mil castellos no ar, vistos por áureos prismas.

Sinto o quebrantamento, o êxtasi enervante
De um nababo opiado em noites do Levante.

Colombo ás vezes vem mostrar-me á fantasia
Um outro novo mundo : o paiz da utopia...

Embrenho-me sosinho, então, nessas paragens
Onde ha tribus pagãs e búfalos selvagens.

Contemplo a carnação das virgens famulentas
Que ostentam a nudez das fórmas opulentas.

Escraviso os leões ao fluido dum olhar,
Como o *Pagé* que faz as viboras dançar.

Provoco em plena taba o chefe dos valentes [illegible]tes!...
¡Que tem de vinte heróes, na sua *[illegible]*, os den-

Elle acceita o cartel : lutamos braço a braço,
Esburacando o chão, empoeirando o espaço...

Um momento depois, glorioso, triumphante,
Vendo-o morto a meus pés, eis-me dali distante.

Em graça e galhardia á egrégia heroicidade,
Dá-me o seu casto aroma a flor da virgindade :

Deixa-me desatar, lúbrica, allucinada,
A pelle de tapir da perna bronzeada...

Os *Piagas*, contornando os ermos *tujupares*,
Cantam em meu louvor uns hymnos singulares.

Ferve prompto o *cauim* nos vasos d'alva argila
Como espuma o *champagne* em taça que scintilla.

E o *cachimbo de paz* corre de boca em boca,
Aos sons do *maracá* ¡ nunca algazarra louca !...

Mas... como a Dom Quixote ás vezes succedia
Ver nos labios de Sancho um riso de ironia,

¡ Quantas vezes, tambem, um preto velho, ou moço,
Não me vem despertar por estar prompto o almoço !

XVI

OS BOIS

Entre a vegetação dos campos de esmeralda
Lambem a verde grama os grandes bois pacientes,
Com a sombra a crescer dos montes pela falda.

Outras vezes, parando á beira das vertentes,
Bebem com lentidão as aguas crystallinas,
Gotejando da boca uns fios transparentes...

Quando ouvem, nos curraes, mugidos de tourinas,
Volvem o doce olhar nostálgico, saudoso,
Pela escura extensão das selvas em neblinas...

Saboream talvez o concentrado goso
Duma lembrança vaga, extincta, esvaecida,
Que lhes traz á memoria um tempo sem repouso.

E si um touro persegue a vacca, á toda brida,
— Inflammado o olhar, as fauces dilatadas,
Como um herói que leva as tropas de vencida,

Sentem ferver o sangue, as veias empoladas,
Correm-lhes sob o couro uns fortes calefrios...
¡Mas ficam novamente em scismas prolongadas!

Afastam-se, depois, a meditar, sombrios,
Mugindo tristemente, a sós pelas estradas,
Indo parar ao pé dos montes, ou dos rios.

Levam dentro de si as brasas assopradas
De extincta labareda, as fundas cicatrizes
A ferro e fogo vivo outr'ora golpeadas.

Sentem que recordar as épocas felizes
Em tempo de amargura, é semear espinhos
Que ham de ferir bem fundo os peitos infelizes.

Vão dum para outro lado, a ruminar, sosinhos,
Arrastando no chão a sombra silenciosa
Que os vai seguindo, ao sol, por todos os caminhos.

Eis a historia sombria, a lenda mysteriosa

Desses amigos bons, magnánimos, prudentes,
Que, jungidos á canga, em mansidão pasmosa,

Vão semear comnosco as terras producentes.

XVII

A VIRGEM PAMPEANA

Nas cochilhas do Sul vivia outr'ora
A mais bella mulher que se tem visto :
Tantas saudades della sinto agora,
Que até nem sei si darei fim a isto...

Não ha nada peor, bem diz o DANTE,
Do que lembrarmos épocas felizes
Num tempo de amargura ; e neste instante
Reabrem-se-me antigas cicatrizes.

Procurarei vencer a nostalgia,
Com seu lento cortejo de saudades,
Fluctuando no lago da poesia
Livre como o gentio nas soledades.

Voltando á bella virgem oriunda
Das Savanas do Sul (não sei ao certo
Seu nome baptismal) a *Vagabunda*
Chamavam-lhe os que a viam no deserto.

Tinha dezeseis annos ; era bella
Como as filhas das raças misturadas ;

E expandia o seu corpo de donzella
Uns perfumes de plantas machucadas.

Fórmas esculpturaes : alta, elegante,
Olhos escuros, grandes, pestanudos ;
E um olhar expressivo e penetrante
Como a maneira de fitar dos mudos.

¡Olhar valente, enérgico, atrevido
Como o dos jovens que a paixão inflamma ;
E que vibra mais forte ao nosso ouvido
Que o mar que ruge, ou o leão que brama!...

Rindo, mostrava pérolas guardadas
Sob a polpa dos beiços cor de rosa ;
E as vibrantes narinas dilatadas
Eram de uma volupia impetuosa.

O seu leve vestido, ao tom dos ventos,
Revelava da esthética os primores ;
Cabellos bastos, longos, opulentos ;
Opulentos quadris provocadores...

Seios nascentes, duros, empinados ;
Cintura fina e cóxas volumosas ;
Dedos compridos, finos, torneados,
Pés, que eram azas ; faces, que eram rosas.

¡Os mil encantos, que o Pudor esconde,
Iguaes por certo aos que a Vaidade ostenta,
Fazem-me crer que nesse corpo — é onde
Mais faminto o Desejo se alimenta.

As pequenas orelhas, não furadas,
Valiam muito mais que as pedras finas
Dos brincos das fidalgas recatadas,
Que invejam o viver das bailarinas...

¡E a radiante cabeça, que orgulhosa
Sobre o collo redondo se conserva,
Parece que procura — victoriosa —
Um capacete igual ao de Minerva!...

Era a única filha de um *tropeiro*,
Que servira na guerra dos *Farrapos*,
O typo do gaúcho brasileiro,
Bello exemplar dos *vaqueanos* guapos.

Creara-se ao ar livre das campinas,
Sem carinhos maternos desde a infancia;
Nunca brincou em grupos de meninas
Essa flor de selvática fragrancia.

Nunca fôra á mais próxima cidade,
Parecia-lhe a extrema do horisonte
O fim deste planeta... E em liberdade
Percorria os vergeis, o lago, o monte.

Nas duras pernas de seu pai dormia
Nessa idade em que somos embalados
Sobre o materno seio, noite e dia
Cheios de beijos, mimos e cuidados.

Ella, porém, a simples e selvagem,
Por um instincto innato de vaidade,
Nos espelhos das fontes sua imagem
Via estampada em plena magestade.

Adornava os cabellos com as flores
Que colhia no alto das montanhas;
E ao contemplar-se, em êxtasis de amores,
Estremecia de emoções estranhas...

Quando o sol despontava no horisonte,
Espreitando-lhe os intimos segredos,
Muitas vezes a vi, junto da fonte,
Despida... e eu — por entre os arvoredos...

Os moços caçadores e tropeiros
Iam de muito longe para vel-a;
¡ Quantos filhos de ricos *estancieiros*
Perderam-se de amores por perdel-a!...

A fama dessa olympica belleza
Attrahia ao seu *rancho* os viajantes;
E os mais ousados viram com sorpresa
A força desses pulsos triumphantes...

Ella herdara das cobras a bravura
E das éguas de raça a agilidade:
Era a estatua ideal da Formosura
Num pedestal de Força e Virgindade.

XVIII

O MEU CAVALLO

¡ Meu fogoso bagual! eu não podia
Deixar de celebrar-te na poesia

Que o Pampa me inspirou :
És do Gaúcho o mais fiel amigo;
Sem ti não sabe andar, sempre comtigo
A vida atravessou.

Sobre o teu dorso erguido, monarqueando,
Quando vais nas cochillas curveteando,
¡Como me sinto bem
A campear... mulheres, as mais bellas!
Levava na garupa todas ellas
Por esse mundo além...

Foste o meu confidente em aventuras :
Ao vento, á chuva, ao sol, ¡quantas loucuras
Não me viste fazer!...
E em noites de luar, por horas mortas,
Discreto ouvias o ranger das portas...
Sem me comprometter.

A ninguem eu confio os meus segredos:
E no entanto tu vias com que medos
Ellas, perto de ti,
Se entregavam, ariscas e medrosas,
Dizendo sempre — *não*... ¡mas, generosas,
Dando o que lhes pedi!

És duma raça nobre, como os galgos;
Corre em tuas veias sangue de fidalgos
Valentes e leaes;
Teus pais e teus avós, em longes terras,
Pelejaram, nitrindo, em duras guerras,
Por entre os marechaes.

Os grandes capitães da antiguidade
E os Bonapartes da moderna idade
Amaram seus corceis :
Com este mesmo ardor com que te quero,
Perpetuar-te num poema espero,
¡Rocinante ideal dos menestreis!

XIX

FAUSTO GAUCHO

(VERSÃO PARAPHRÁSTICA. FRAGMENTO)

I

Ha de haver coisa de quatro
Ou cinco noites passadas,
Vi gentes encurraladas
No potreiro do theatro.

E a tropilha, reunida
Por traz dum rincão deserto,
Esperava ali de certo
Ver coisa não conhecida.

La me fui, dando trompaços,
Roda aqui, pincha acolá,
Campeando algum sofá,
Mocho, ou cadeira de braços.

Quando ia dar minha senha
Ao vigia do potreiro,
Foi que vi um formigueiro
Fervendo naquella brenha.

Nisso, pramode uma velha
Em quem tinha dado o mal...
— ¿Mas porque nesse curral
Encerraram tanta ovelha?...

— Vais a ver. Nessê entrevelo,
Vi-me longe e sem cavallo
Pois um pisou-me no calo
E o outro num tornozelo.

E para mais picardia
Achei-me nessa fundura
Sem meu facão na cintura
E de goiáca vasia.

— Foi algum gringo de certo;
¡Juro que foi carcamano!
— ¡Desensilharam-me, mano.
E a autoridade ali perto!

Quasi murchei o garrão;
E ja no tranco seguia,
Quando se abeira o vigia
E aponta-me outro rincão.

Era em cima, quasi rente
Dos caibros da cumieira;
La sentei numa fileira,
Entre gente e sobre gente.

Mal eu me tinha abancado,
Rompe dum so golpe a banda
Que de traz duma varanda
Ja se tinha enrinconado.

E ja tambem, so no mais,
Corre-se um lenço comprido,
Lindasso como um vestido
Nas festas dos arraiaes.

Atraz do tal cortinado
Um Doutor appareceu,
Que a modos que escutei eu
Chamar-se Fausto... ¡ um largado !

— ¡Qual doutor!... É coronel
Da outra banda, patricio;
Si eu ja lhe dei um officio
Numa folha de papel...

— Esse eu tambem conheci,
Mas ja morreu, por signal
Que quiz comprar-me um bagual,
Um pingo, que lhe cedi...

E por muito conhecel-o
Juro ser outro o que digo :
¿ Pois tu nunca viste, amigo,
Dois burros do mesmo pello?

— Voltando ao caso : o tal quebra
Era velho e sem fortuna...
— Espere la, seu Laguna,
Mais um trago de genebra...

— Pois, como eu ia dizendo,
O Doutor se apresentou
E de prompto se queixou
Do que andava padecendo.

Disse que ja não podia
Com a tal sciencia estudada
E com uma loira danada,
Arisca como cutia.

Que a miudo a campeava,
Desde que a aurora rompia
Até que a noite cahia,
Sempre atraz della, rondava.

Emfim, narrou de memoria
Quanta asneira tinha feito;
E de repente o sujeito
Parou, no melhor da historia.

(Pois cançado de soffrer
E abombado de penar,
Decidiu se envenenar,
Que isso não era viver)!

O homem se arrenegou,
Atirou no chão o gôrro,
Gritou, pedindo soccorro,
¡E o proprio demo chamou!...

¡Nunca o tivesse chamado!
¡Pois ali mesmo, de chôfre,
Pulando e fedendo a enchôfre,
Apparece o condemnado!

Benza-se, si é que você
Quer fazer como fiz eu...
— ¿E elle não se escafedeu?
— ¡Eu mesmo não sei porque!

¡Mas, que unhas!... ¡Que bigode!...
Tinha um espêto na mão,
Chapéu de pluma, facão,
De poncho, e barbas de bode.

Bombachas, meias escuras,
Um bico em cada sapato,
E com dois olhos de gato
E pernas de saracuras...

« Eis-me prompto ao seu chamado
Como um fiel servidor »,
O demo disse ao Doutor,
Que ficou pelleg ueado.

« Doutor, da melhor vontade
Aqui estou para o servir;
Peça tudo o que pedir,
Verá si digo a verdade ».

O Doutor, abichornado,
Quiz despachal-o, porém...
— ¡Diacho! o homem pensou bem...
— Mas fez mal : ficou calado.

O Diabo, então, começou
A falar duma viagem,
Afim de lhe dar coragem,
Até que o embuçalou.

— ¿Não era um sabio profundo?
¿Como deixou-se embaçar?
— ¡Mandinga é capaz de dar
Dez voltas em meio mundo!...

Tornou o Demo a dizer :
« Aqui estou para o servir,
Peça tudo o que pedir,
Que eu tudo posso fazer.

« Si quer ouro, ouro terá;
Tenho a bolsa sempre cheia;
E si tem dúvidas, creia,
É dizer *quero*, e verá ».

« Não quero nenhum thesouro »
Seu Fausto lhe respondeu :
« Outra coisa quero eu,
Mil vezes melhor que o ouro ».

— « Eu tudo posso lhe dar »
(Respondeu-lhe o conjurado) :
¿Quer ser ministro d'Estado?
Diga, e não tem que esperar ».

— « Não quero o poder nem ouro »
Disse o triste ao tentador :
« ¿Podes tu dar-me o amor
Da virgem que é meu thesouro? »

Ah! nisso ¡o Diabo soltou
Risada tão sobranceira,
Que toda essa noite inteira
Por meus ouvidos soôu!...

Deu no chão uma patada,
A parede se rachou...
E o Doutor, fulo, avistou
A bella tão desejada...

— ¡ O mano ! ¿ será verdade
Isso tudo que lhe ouvi?...
— ¡ Patricio, tudo o que eu vi,
Tambem viu meia cidade !

Ah ! seu Laguna, ando á tôa,
Dito, ninguem acredita...
E que ruivinha bonita :
¡ Era uma santa em pessôa !

Saiôte azul, meio alçado,
Perna grossa, alva botina ;
E o cabello... como a crina
De um baio recèm-tosado.

Tão branca como coalhada ;
¡ E que ancas ! ¡ e que cintura !
Ver-se aquella creatura
Era ver-se a Immaculada.

Seios duros, mal bolindo ;
Os olhos, brasas accesas ;
E os dentes, pérolas presas
Na boca, um cravo se abrindo.

Desembestou como louco
O Doutor, assim que a viu ;
Mas o tinhoso o impediu,
Bradando-lhe : « Espere um pouco ».

« Se topa, vamos a um *pato* :
Dê-me a alma, si quizer
Possuir essa mulher...
¿ Que tal lhe parece o trato ? »

O Doutor, incontinente,
Deu-se em alma ao infiel,
Firmando ali num papel
O que o Diabo tinha em mente.

— Doutor... ¿e fez esse trato?...
— ¿Que quer que lhe faça, amigo?
¡Pois si elle tinha comsigo
A fôrma do seu sapato?!...

E o caso é que o tal Doutor
Ja era entrado em idade;
Estava, pois, em verdade,
Mui lerdo para o amor...

E por isso, ao entregar
O contrato ao personagem,
Pediu-lhe uma beberagem
Que o fizesse remoçar.

Eu não sei que bicho *brabo*,
Que bruxaria ou feitiço
Se lhe metteu no toutiço...
¡Só sei que o Diabo... é o Diabo!

Qual se muda num instante
A lagarta em borboleta,
¡Tornou-se o velho macêta
Um ginetaço chibante!

O barrete e o casacão
Sumiram-se... oh! maravilha!
E a cabelleira tordilha
Fez-se pello de alasão.

— ¿Que me diz?!... ¡Barbaridade!
¡Santo Christo! ¿Será certo?...
— ¡Que eu caia morto aqui perto
Si lhe não digo a verdade!

Porém mais nada se viu,
Pois a ruivinha muscou-se,
A parede endireitou-se
E a tal cortina cahiu.

Basta; a guéla tenho ja
Tão sêcca como a gengiva;
Passe outra vez a botija...
— ¡Tópo! Pois venha de la...

II

— Veja os pingos. — ¡Que delgados!
¡São dois baguais soberanos!
— Nunca vi dois tobianos
Tão manamente listrados.

— Olhe o mar... — ¡Que quadro vivo!
¡E que arejada manhã!
O céu tem cor de romã
E o sol põe o pé no *estrivo*...

— Bonito é quando nest'hora
A maré ronca, zangada;
Quando a escuma, esfarelada,
Reflecte as cores da aurora.

Rebenqueada na anca
Pelo vento, uma barquinha
Vai-se á toda... e a velinha
Parece uma pomba branca.

Outras vezes vê a gente
Umas ilhotas redondas,
Cabresteando nas ondas,
Corcoveando na corrente...

Ás cochilhas e canhadas
Bem se pode comparar
O lombo inchado do mar
Com as vagas empoladas.

As ondas, estropeadas,
Na praia vão se estendendo;
E beijam e vão lambendo
As areias prateadas.

É lindo ver as ilhotas
Que se boleam nos ares,
Quando passam sobre os mares
As garças ou as gaivotas...

Lindo é nas rochas, sem tino,
Ver as ondas a quebrar-se,
¡Como emfim vem a esmagar-se
O nosso duro destino!

Dá gosto, mesmo, de olhar,
Quando, empinadas, bufando,
As vagas vão monarqueando
Nos descampados do mar.

Parece que o Deus do céu,
Vendo so tanto peccado,
Deixa o mar desenfreado
Nos momentos de escarcéu.

E tudo me induz a crer
Que so por força Divina
É que esse chucro se impina
Na praia, e volve a correr...

Quando um peixe vem boiando
Á flor d'agua, isso é mui lindo:
Quem não viu prata luzindo,
Veja as escamas brilhando.

—¿E o caso, no que ficou?
Chegue esse cèpo pra ca...
—Lembrou bem; já não está
Mais aqui quem lhe falou.

O lenço outra vez alçaram
E logo ali, de repente,
Se encurralou tanta gente,
Que muitos nem se *salvaram*.

Um tal Valentim... mas veja
Que caipora, ¡coitado!
Capitão desempenado,
Feito mesmo pra peleja...

Era irmão da desejada
Do Doutor, e conversava
Co' um paisano, que falava...
Mas, d'ahi, não ouvi nada.

Parece que ouvi chamal-o
Por Silverio, ou coisa assim;
Mas o seu nome por fim
Não nos empaca o cavallo.

O Valentim lhe pedia
Que não sahisse do lado
Da tal irmã...— ¡Oh! que achado!
¿E o outro que mais queria?

— Em seguida, mandou vir
Da branca, bebeu, passou...
E nisso se apresentou
O Diabo ¡que vinha a rir!

Disse que não lhe off'reciam
Naquelle momento uns tragos
Por elle ser doutros pagos
E porque o não conheciam...

Entrando em conversação,
Declarou-se feiticeiro:
E deu ordem ao caixeiro
Que trouxesse um garrafão.

« Beber so me causa magua »
O Judas disse: trepou
Num banco, e então mostrou
A todos um copo d'agua.

... ¡ Como um tiro de canhão,
Aquelle copo estourou!
E mais chammas espalhou
Do que a lenha no fogão...

Todo o mundo recuou :
Mas o bruto, tão somente :
« ¡ Não se pasme, minha gente ! »
Disse... ¡ e o copo empinou !...

— ¡ Hepucha cabra bonzão !
— Pois, não mostrando receios,
O capitão, sem rodeios,
Estendeu-lhe logo a mão.

O tinhoso, sem querer
Abusar daquella acção,
Disse apenas : « ¡ Capitão,
Prepare-se pra morrer ! »

Affrontado, o capitão
Pella a espada ; Satanaz,
Que não quer ficar atraz,
¡ Pella de prompto o facão !

. . . .

(A descripção do duello
E o mais, em tom corriqueiro,
Mette o GOETHE no tinteiro,
Mette o GOUNOD num chinello).

XX

O VIAJANTE

I

— « ¡ Bom dia, moço triste! getejante
Trazes o manto, e rosto pesaroso!
Tens aqui um abrigo :
— Vem commigo. » —
Obrigado, bom velho! eu vou distante,
Noutros climas buscar um outro pouso.

II

« Comtempla, moço, a tarde agonisante...
Olha... ¿ vês? — já são horas de repouso.
Tens aqui um abrigo :
— Vem commigo. » —
Obrigado, senhora! eu vou distante
Noutros climas buscar um outro pouso

III

« ¡ Bello moço! em meu seio palpitante,
Trina um bando de pássaros, de goso!...
Tens aqui um abrigo :
— Vem commigo. » —
Obrigado, donzella! eu vou distante,
Noutros climas buscar um outro pouso.

IV

. . . .

V

Elle seguiu. ¡Além, horripilante
Bramia em furia o temporal raivoso!...
Procurando um abrigo
— A sós comsigo, —
Do lar e da familia tão distante...
No chão de um cemiterio teve o pouso.

Porto Alegre, 1877.

FIM DO TOMO PRIMEIRO

NOTAS

As notas deste volume vão no fim do tomo II da presente edição, da página 335 á 376; e as do segundo volume, no mesmo tomo, da página 376 á 378.

O Editor.

INDICE

POESIAS DE MUCIO TEIXEIRA

LIVRO I

JUVENTUDE

FAUSTO E MARGARIDA

FLORES DO PAMPA

Paris. — Typ. H. GARNIER, 6, rue des Saints-Pères. 323.2.1908.

Errata do tomo I

PAGINA	LINHA	ONDE SE LÊ:	LÊA-SE:
4	5	M. P.	M. T.
56	16	ver ver	ver
219	9	O Deus	O' Deus
245	2	Par conseguir	Por conseguir
283	13	mas tino	mais tino
301	24	tudo fala assim	E tudo fala assim
316	16	Chymeras	chimeras
324	16	Caiam	Caíam
328	13	meza	mesa